

4 Análise dos Dados

Primeiramente, deve-se salientar que com as transcrições das gravações das três situações propostas aos informantes dos diferentes grupos, pretendeu-se descrever as estruturas de abertura, fechamento e sustentação de conversação em situações de cumprimentos, despedidas e manutenção de interação dialogada em língua portuguesa utilizadas por hispano-falantes aprendizes de PL2E, como já foi mencionado anteriormente. No entanto, elementos distintos de gênero masculino e feminino, assim como de faixa etária merecem destaque. Relações sociais também vão ser refletidas em elementos usados para caracterizar maior ou menor grau de proximidade e/ou distanciamento.

Em segundo lugar, para poder descrever esses atos de fala nos aprendizes hispano-falantes de PL2E de nível básico e avançado, fez-se necessária a observação desse comportamento lingüístico em brasileiros a fim de serem possíveis comparações, relações e afirmações sobre procedimentos lingüísticos utilizados.

4.1. Análise dos Brasileiros

Nesta seção, analisam-se os dados obtidos das gravações a partir das situações propostas aos informantes brasileiros.

4.1.1. Rituais de Cumprimentos em Brasileiros

Com relação à análise dos cumprimentos utilizados por brasileiros na primeira e na segunda situações (cf. anexo 1) – situações em que dois amigos se encontram por acaso depois de muito tempo sem se ver -, as expressões de cumprimento mais comuns foram *oi, tudo bem/bom?*; (*Pois é, quanto tempo!* A expressão *quanto tempo* e variantes como *quanto tempo que eu não te via*; *quanto tempo que a gente não se vê*; *quanto tempo eu não te vejo*; *nunca mais te vi por aqui*; *que saudades*; e “*tá*” *sumido* foram utilizadas em todos os diálogos para

exteriorizar a emoção de dois amigos voltarem a se encontrar depois de algum tempo sem se ver. *Que bom te ver por aqui*; e *que bom* também foram expressões encontradas que expressaram a alegria e a satisfação em ver o outro. A expressão “*tá*” *sumido* é curiosa, pois é uma forma de o enunciador se eximir da culpa de não ter entrado em contato durante o período de ausência, já que se o enunciador expressa “*tá*” *sumido* é sinal de que o co-enunciador desapareceu e não o emissor, que manteve a sua rotina. A desculpa apresentada pelo fato de haver muito tempo sem que um interagente visse o outro foi sempre o trabalho ou o estudo.

Algumas vezes a expressão formulaica *oi* foi substituída pelo próprio nome da pessoa com uma entonação mais prolongada, de surpresa pelo reencontro: *Claudemar!* / *Valdomiro!* (dupla 2); *Luciana?* / *Rívian?* (dupla 6). No entanto, na maioria dos casos, a expressão formulaica *oi* seguida do PrN ou apelido da pessoa foi a mais utilizada. Logo em seguida, nos diálogos da situação 1 e 2 em geral houve a presença da expressão *tudo bem/bom?*, ocorrendo muitas vezes em par adjacente, com o primeiro enunciador proferindo *tudo bem?* e o outro também proferindo *tudo bem/ bom*.

Nota-se que essa expressão formulaica é apenas um cumprimento, pois, na maioria dos casos o interlocutor não responde como está, mas sim emite novamente o *tudo bem*. Somente em seguida os informantes dos diálogos emitem uma série de perguntas para saber como o outro está, o que tem feito etc. Só a partir dessas perguntas de como o outro está é que o co-enunciador emite como tem passado. Estas expressões que retrataram o interesse e a consideração pelo outro emitidas depois do *tudo bem* foram: *Como (é que) (você) “tá”?*; *Como é que vai a tua vida?*; *O que anda fazendo de bom?*; *O que você “tá” fazendo?*; *Fazendo o quê?*; *Tem feito o que da vida?*; *O que que você manda de novo?*; *“Tá” fazendo o que da vida?*; *O que que você tem feito da vida?*; *O que você “tá” fazendo aqui?* Como resposta, obteve-se: *Bem*; *“tô” bem*; *“tô” bem, graças a Deus*; *“tô” ótima*; *tudo ótimo*; *beleza*; *tranqüilão*; *ótimo*.

Cabe ressaltar que expressões de cumprimentos tipicamente masculinas encontradas no *corpus* foram: *Opa*; *beleza?*; *E aí?*; *(Tudo) tranqüilo?*; *tranqüilão*. A expressão: *e aí?* também foi encontrada na fala de uma informante do sexo feminino na faixa etária de 26 a 35 anos, professora de Educação Física.

Expressões menos usuais de cumprimentos encontradas foram *Tudo jóia?*, (2 ocorrências femininas e em pessoas mais velhas) e *Fala!* (1 ocorrência

masculina jovem). Cabe ainda ressaltar que se verificou a presença de várias expressões de cumprimentos combinadas uma após a outra. Esse fato está de acordo com o que Goffman (1971) já havia ressaltado, pois a proximidade e o tempo que as pessoas não se vêem vão interferir na maneira efusiva ou não dos cumprimentos. Quanto maior a proximidade entre os interagentes e o tempo sem se ver, mais efusivos e expansivos são os cumprimentos. Para tanto, combinadas às expressões de cumprimentos, foram encontradas interjeições que reforçavam o caráter de surpresa e satisfação de encontrar o outro: *Ih; puxa vida; poxa; nossa; caramba; que legal; que delícia; que ótimo; que bom.*

Por último, cabe ressaltar um comportamento não verbal observado nos cumprimentos entre informantes do sexo feminino: **beijos aéreos**. Segundo Harrison (1983, p.29), a forma mais comum de cumprimento entre mulheres é o beijo, geralmente, um em cada bochecha. Não é necessariamente um beijo, mas o encostar de bochechas. O beijo como saudação é usado em cumprimentos, em despedidas e em apresentações. É utilizado por amigas, conhecidas ou até mesmo entre estranhas que acabam de ser apresentadas. É o equivalente ao aperto de mão e o abraço entre os homens. Entre homens e mulheres que são amigos e/ou jovens, os beijos aéreos também são usados. Apesar de não ser um comportamento verbal, foram encontradas no *corpus* mostras de beijos aéreos entre mulheres e entre homens e mulheres ao se cumprimentarem (4 aparições), mostra significativa de um costume de saudação brasileira.

Na análise da terceira situação, os fatores distância social e hierarquia interferiram no modo de se cumprimentar. Nessa situação, o chefe e o empregado se encontram por acaso em um shopping. Pôde-se perceber que os cumprimentos não foram efusivos nem extensos, devido ao fato de não estarem muito tempo sem se ver e de os interagentes possuírem um grau de hierarquia e/ou de não terem um grau de proximidade grande.

Foram usadas expressões formulaicas como *Oi; tudo bem/bom* em 9 dos 11 diálogos. Expressões como: *como vai (o senhor)?; como é que vai?; como é que "tá"? tudo bem com o (a) senhor(a); Fala, chefe; e aí, doutor?* também foram encontradas. As duas últimas expressões retratam um tratamento semi-informal do empregado para o chefe, com o uso da forma de tratamento *você*, mas sem deixar de marcar o discurso com o uso de títulos como *chefe* e *doutor*. Quanto ao conteúdo dos diálogos entre empregado e chefe, pôde-se notar que são diálogos

evasivos, sem muito assunto e, portanto, mais curtos que os diálogos entre os amigos, inclusive, mais curtos que os da segunda situação, em que um dos amigos está com pressa. Os diálogos entre chefe e empregado demonstram, inclusive, certo grau de constrangimento por estarem naquela situação e não terem muito assunto que conversar.

Segundo Souza (1996:58), o uso de **título + PrN ou SbN** seguido de *o senhor* como **sujeito e/ou complemento** é um tratamento formal. Em dois diálogos (duplas 1 e 3) é usado esse tipo de tratamento para o chefe: *Doutor Rodrigo, como vai?*; *oi, diretora Fernanda* (não muito usual), *a senhora por aqui?*. Já a forma **Seu + PrN ou SbN e Dona + PrN ou SbN** retrata um tratamento semiformal. Foi verificado o uso desse tratamento em quatro diálogos (duplas 2, 5, 6, 7). Nesses diálogos foi usado *o senhor / a senhora* como **sujeito e/ou complemento**: *Não poderia ser umas sete e meia, Seu Ulisses?*; *Oi, Seu Giovanni, tudo bem? Que surpresa encontrar o senhor por aqui*; *Oi, dona Rívia, tudo bem com a senhora*; *Afrânio, esse aqui é o Seu Wallace, é o chefe lá da...*

No diálogo das duplas 4 e 9, a forma utilizada do empregado para o chefe é o pronome de tratamento *senhor / senhora* como complemento, mas sem o uso de **apelativo**. Pode-se considerar, portanto, que o tratamento usado foi também o formal. Nos outros três diálogos (duplas 8, 10 e 11), há o uso da forma de tratamento *você*. No entanto, as duplas 10 e 11 empregam **título** sem o **PrN** ou **SbN**, marcando certo distanciamento, ainda que o registro na conversação seja menos formal que o das duplas mencionadas anteriormente.

Depois da análise dos cumprimentos entre empregados e chefes, pode-se afirmar que a forma de tratamento do empregado para o chefe variou entre o formal (4 ocorrências), o semiformal (4 ocorrências) e o semi-informal (3 ocorrências). Já o tratamento do chefe para o empregado apresentou-se sempre informal, já que são usados a forma de tratamento *você* e o primeiro nome do empregado. No item 4.1.6, analisa-se a forma de tratamento das três situações de diálogo mais detalhadamente.

4.1.2. Representação Esquemática das Expressões de Cumprimento em Brasileiros

A seguir, apresentam-se dois quadros sinóticos. O primeiro contém as expressões formulaicas de cumprimentos usadas pelos informantes brasileiros. Já o segundo quadro relaciona o comportamento não-verbal que pode ser utilizado durante os cumprimentos em uma interação. Cabe ressaltar que o comportamento não-verbal encontrado no *corpus* durante os cumprimentos entre os informantes brasileiros foi somente os **beijos aéreos**. No entanto, quis-se listar as outras possibilidades de comportamento não-verbal em cumprimentos em um quadro sinótico para facilitar pesquisas futuras sobre esse assunto. O quadro que lista o comportamento não-verbal em cumprimentos também pode servir de exemplo para o comportamento não-verbal em despedidas. Esses quadros possibilitam uma melhor visualização dos itens analisados.

Comportamento verbal em cumprimentos:

Tipo de situação	Sexo do enunciador	Função da expressão	Expressão
Informal (grau de proximidade alto)	Ambos	Cumprimento propriamente dito.	<i>Oi, (PrN ou apelido)</i>
	Masculino		<i>Olá.⁷</i>
	Ambos		<i>Opa</i>
	Masculino jovem		<i>Fala!</i>
	Ambos - pessoas mais velhas		<i>Tudo bem/ bom?</i>
	Ambos		<i>E aí?</i>
	Ambos		<i>Beleza?</i>
	Ambos	Emoção pelo reencontro depois de algum tempo sem se ver.	<i>(Tudo) tranqüilo?</i>
	Ambos		<i>Tudo jóia?</i>
	Ambos		<i>PrN ou Apelido!</i>
	Ambos		<i>Quanto tempo!</i>
	Ambos		<i>Quanto tempo que eu não te via!</i>
	Ambos		<i>Quanto tempo que a gente não se vê!</i>
	Ambos		<i>Quanto tempo eu não te vejo!</i>
	Ambos		<i>Nunca mais te vi por aqui!</i>
	Ambos		<i>Que saudades!</i>
	Ambos		<i>“Tá” sumido!</i>
Ambos	Alegria e satisfação em ver o outro.	<i>Que bom te ver por aqui!</i>	
Ambos		<i>Que bom!</i>	
Ambos		<i>Como (é que) (você) “tá”?</i>	

⁷ Essa expressão de cumprimento, apesar de existir em português, somente foi encontrada nos diálogos dos aprendizes.

	Ambos	Interesse e consideração pelo outro.	<i>Como é que vai a tua/sua vida?</i>
			<i>O que anda fazendo de bom?</i>
			<i>O que você “tá” fazendo?</i>
			<i>Fazendo o quê?</i>
			<i>Tem feito o que da vida?</i>
			<i>O que (que) você tem feito da vida?</i>
			<i>“Tá” fazendo o que da vida?</i>
			<i>O que você “tá” fazendo da vida?</i>
			<i>O que (que) você manda de novo?</i>
			Ambos
<i>Bem.</i>			
<i>“Tô” bem.</i>			
<i>“Tô” bem, graças a Deus.</i>			
<i>(“Tô”) ótimo(a).</i>			
Masculino		<i>Beleza.</i>	
		<i>Tranquilo.</i>	
		<i>Tranquillão.</i>	
Mais formal (grau de distanciamento alto)	Ambos	Cumprimento propriamente dito	<i>Oi.</i>
			<i>Tudo bem/bom?</i>
			<i>Bom dia / Boa tarde / Boa noite.⁸</i>
			<i>Como vai (o senhor)?</i>
			<i>Como é que vai?</i>
			<i>Como é que “tá”?</i>
			<i>Tudo bem com o (a) senhor(a)?</i>

Comportamento não-verbal:

Tipo de situação	Sexo dos interagentes	Comportamento não-verbal
Informal (grau de proximidade alto)	Feminino	Beijos aéreos
		Aceno de mão (“dar tchauzinho” – aceno mais entusiasmado sacudindo a mão)
	Entre homem e mulher	Beijos aéreos
	Masculino	Abrço
		Tapinha nas costas
Mais formal (grau de distanciamento alto)	Masculino e/ou feminino	Aperto de mão
		Aperto de mão
		Aceno de mão (aceno mais sério somente levantando a mão)
		Aceno de cabeça

⁸ Idem.

4.1.3. Rituais de Despedidas em Brasileiros

Com relação às despedidas, vai-se analisar cada situação separadamente, pois os fatores **pressa** e **distância social** vão influenciar nos rituais de fechamento de conversação. Nos rituais de despedidas utilizados por brasileiros na primeira situação – contexto em que dois amigos se encontram por acaso depois de muito tempo sem se ver e não estão com pressa -, pôde-se verificar que, conforme mencionado em 2.1, as despedidas, diferentemente dos cumprimentos, têm a função de quebrar o contato, mas sem fazer com que o interlocutor se sinta desconsiderado. Portanto, as despedidas dos brasileiros são sempre muito longas, usando ao mesmo tempo várias técnicas para encerrar uma conversação. E, em todos os diálogos, como forma de despedida houve a inserção da técnica de marcação de encontro futuro, pois os enunciadores, que sabem que vão ter que se ausentar por certo período de tempo, seguem um ritual: marcação de encontros para manter o contato.

No entanto, pôde-se notar que em todos os diálogos pelo menos um dos interlocutores sempre sabe onde encontrar o outro, pois trocam telefones, e-mail, orkut ou dizem que ainda estão morando no mesmo lugar e/ou ainda estão com o mesmo telefone. Sendo assim, não é usada somente a expressão de despedida por meio de marcação de encontro futuro sem fornecer nenhum dado sobre como os interlocutores vão poder se encontrar de novo, como muitos estrangeiros têm a impressão que os brasileiros fazem. O ritual de fechamento de conversação por meio de um encontro futuro de fato possui um valor semântico de despedida e não de uma obrigação de uma efetiva marcação de um encontro. Porém, como o contexto envolvido transcorre numa situação entre amigos, dá-se a esperança de no futuro haver um real encontro e, por isso, são trocados contatos para que haja a possibilidade efetiva de se encontrarem, ou seja, não se trata apenas de um simples ato de fala de despedida.

Quanto às despedidas da segunda situação – situação em que dois amigos que não se vêem há muito tempo se encontram por acaso, mas um deles está com pressa -, verifica-se que o fator **pressa** é um AAF ao falante e ao ouvinte, e por causa disso esses diálogos com interagentes brasileiros tenderam a ser mais extensos que os diálogos da terceira situação, com o chefe. Por se tratarem de dois

amigos, o grau de proximidade é alto. Com isso, o co-enunciador sempre reabria a conversação, querendo saber notícias do amigo e, por sua vez, o enunciador tinha dificuldades de encerrar a conversação de novo. Vale ressaltar que segundo Kepp (2003, p.151), o brasileiro é um povo que tem dificuldade de dizer *não* e de se sair de situações despreferidas, embaraçosas. Segundo Meyer (2004, p.82), os brasileiros evitam opor-se ao interlocutor, evitando o *não*, por isso que, mesmo tendo pressa, a tendência foi que os interlocutores conversassem por algum tempo, utilizando-se do ritual de despedida por várias vezes e com várias técnicas de fechamento concomitantes.

Com relação às despedidas na terceira situação – situação em que se encontra o chefe por acaso no shopping –, pôde-se perceber que os rituais de despedidas foram mais curtos, com menos combinações de várias técnicas de fechamento em seqüência e os informantes usaram algumas expressões diferentes das usadas com os amigos. A forma de tratamento também foi diferente. Manteve-se o mesmo tipo de tratamento mencionado nos cumprimentos e analisados em 4.1.6. O tamanho dos diálogos também tendeu a ser menor que os outros dois, inclusive menor do que os da segunda situação, em que um dos interlocutores tinha pressa. Percebe-se a falta de assunto entre o chefe e o empregado por não terem uma relação de familiaridade e proximidade como a relação de um amigo, além de certo constrangimento e mal-estar do empregado ao encontrar o chefe e ter que conversar superficialmente com ele.

Na primeira situação da dupla 1, observa-se uma tentativa de fechamento por meio de pré-fechamento: *Ok, então* e uma expressão formulaica de despedida: *Tchau, tchau*. Porém, essa tentativa foi frustrada, pois, em seguida, foi reaberta a conversação: *Sua mãe, seu pai. “Tá” tudo bem?* Prosseguiu-se a conversa, e por fim, houve outra tentativa de fechamento. Dessa vez, logrou-se êxito. Como exemplo de técnicas de fechamento dessa nova tentativa tem-se: pré-fechamento - *É...Bom, então* -; encerramento por marcação de um encontro futuro - *vamos ver se a gente marca alguma coisa “pra” juntar o pessoal de novo. “Pra” gente colocar as fofocas em dia* -; utilização de instrução - *Passa os meus telefones “pra” eles; Pedes para eles me ligarem, que a gente marca alguma coisa para conversar* -; utilização de expressões formulaicas de encerramento - *Beijos; Tchau, tchau*. Como o diálogo se estabelece entre um homem e uma mulher que são amigos, é comum usar a expressão *Beijos* para se despedirem. O beijo na

bochecha é um tipo de saudação tão comum entre os brasileiros que transpôs a barreira do comportamento não-verbal para o comportamento verbal, ou seja, é comum terminar uma conversação expressando verbalmente - *Beijos*. No caso do fechamento por marcação de encontro futuro, um dos enunciadores possui o telefone do outro, mas não necessariamente quer dizer que ele vai telefonar. É apenas uma forma de se despedir, salvando a própria face e protegendo a do outro, dando uma esperança de um possível encontro no futuro como mencionado anteriormente.

Quanto à segunda situação dessa dupla, pode-se ressaltar que, assim que se termina o ritual dos cumprimentos, o enunciador emite, sutilmente, por meio de um anúncio aberto, que tem pressa: *Ah, não fala em trabalhar não. Tenho uma audiência agora. Estou apressado pra caramba. / É mesmo? / Acho que já estou até atrasado “pra” audiência.* A tentativa de encerramento de conversação não funciona e a conversa é reaberta: *Nossa! Como é que vai a tua mãe, teu pai? O diálogo flui e o curioso é que o próprio co-enunciador que não tinha pressa e pretendia se inteirar das notícias, prolongando o diálogo, tenta mais adiante encerrar a conversação depois de muito conversar, mas logo desiste da idéia e a reabre de novo: Não, mas manda um beijo “pra” eles.* (fechamento por meio de instrução) / *“Tá” Ok, então.* (pré-fechamento) / *Diz que eu desejo tudo de bom pra neném.* (fechamento por meio de instrução) *E o pessoal da faculdade? Tem visto alguém?* (reabertura de conversação). Mais tarde o enunciador recomeça o ritual de encerramento. Dessa vez obtém sucesso: *Não tenho muito tempo “pra” mim não. Aí, eu estou com pressa.* (anúncio aberto com volta a um assunto anterior) *Tenho que logo correr, porque “tô” atrasado para a audiência* (justificativa para ter que se despedir para proteger a própria face e a do outro) *Depois a gente se fala, “falou”?* (encerramento por marcação de um encontro futuro). O co-enunciador aceita o encerramento do enunciador emitindo: *Então, “tá” legal* (pré-fechamento), *você tem meus telefones ainda?* Essa pergunta é para confirmar se realmente há a possibilidade de um possível encontro futuro para não perder o contato. O enunciador confirma positivamente e há o encerramento por parte do co-enunciador por meio de utilização de instrução: *Então “tá”* (pré-fechamento). *Me dá uma ligadinha depois “pra” gente conversar.* As expressões formulaicas de despedida que aparecem nesse diálogo são: *Falou;* e *Beijos*. A

primeira faz parte da linguagem jovem do sexo masculino e a segunda é a verbalização de uma saudação por meio do contato físico como já mencionado.

No caso da terceira situação da dupla 1, usou-se como pré-fechamento a expressão - *ok*. Como ritual de fechamento foi empregada a utilização de instruções: *Então faça isso. Se o senhor não encontrar os livros, me faz uma listinha com os nomes e eu tento procurá-los “pro” senhor na segunda-feira*. Em seguida, usou-se a expressão formulaica de despedida *Tchau*, que se mostrou ser a expressão “curinga”, ou seja, cabível em todas as situações. Além disso, foram usadas as expressões *Bom dia*; e *Bom dia “pra” você também* que se mostraram mais formais que as demais, pois só apareceram nesse terceiro contexto e de uma maneira que reiteraram a expressão formulaica *Tchau*, proferida imediatamente antes.

Na dupla 2, com relação à primeira situação, pôde-se verificar que foi utilizado pré-fechamento como *Ah, então “tá”*; além de expressão que demonstra satisfação em ter revisto o amigo - *bom te ver aí* -; desejo de felicidade - *Tudo de bom* -; técnicas de iniciar o fechamento por meio de anúncio aberto, que desencoraja a reabertura da conversação - *vou nessa aí* -; fechamento por marcação de um encontro futuro - *A gente se encontra aí. Vamos trocar MSN, telefone, as coisas aí*; e expressões formulaicas de despedida como *Um abraço*; *Um abraço*; *valeu, (cara)*; *Vai com Deus*; *Um beijão no teu pai, na tua mãe lá*. Cabe ressaltar que, como os interlocutores são dois homens, não se termina uma conversação entre dois representantes do sexo masculino mandando **beijos**, mas sim mandando um **abraço**. Assim como o beijo na bochecha, o abraço é um tipo de saudação comum entre os brasileiros e também transpôs a barreira do comportamento não-verbal para o comportamento verbal, ou seja, é comum terminar uma conversação entre homens expressando verbalmente: *Abraço*. Nesse caso, foi usado o aumentativo *abraço*. O aumentativo é empregado comumente entre os homens. É uma característica mais masculina. Já o diminutivo é muito empregado por mulheres e por crianças, sendo uma característica mais feminina ou infantil. Pôde-se perceber também o emprego da expressão: *um beijão na tua mãe, no teu pai*. Fato que é compreensível, se pensar que os amigos se conhecem desde muito tempo e conhecem também toda a família. É similar à expressão *lembranças à família*, mas proferida de uma maneira mais familiar e próxima.

Quanto à segunda situação desta dupla, pôde-se observar que, assim como a dupla 1, depois do ritual dos cumprimentos, sutilmente, inclusive, lançando mão do diminutivo, para não ameaçar tanto a face do interlocutor e a sua própria face, o enunciador emite que tem pressa: *“Pô”, rapaz, é, “tô” com um pouquinho de pressa, né rapaz?* O co-enunciador não aceita o fechamento, reabrindo a conversação e os dois conversam durante algum tempo. O enunciador, sempre por meio de anúncio aberto, tenta encerrar a conversação seis vezes e por fim consegue, apesar de o co-enunciador sempre insistir em conversar e fazer convites para ir a um bar. Esse enunciador teve muita dificuldade em encerrar a conversação, mas teve sempre o cuidado de proteger a sua face e a face do outro. Durante o uso das técnicas de encerramento de conversação, o enunciador também se utilizou de justificativas para se desculpar por ter que ir e tentar também com isso minorar o AAF e proteger a sua face: *Tenho que chegar lá no horário; falando sério, agora tenho que ir “pro” trabalho que eu “tô” super atrasado, cara.* Outros tipos de técnicas de encerramento de conversação encontradas foram: fechamento por meio de instrução - *Faz o seguinte, manda um abraço “pra” ele -;* marcação de encontro futuro - *Depois eu te ligo com calma, falou? -;* e expressões formulaicas de despedidas propriamente ditas - *valeu, um abraço, um abraço, falou, tchau.* Como mencionado na situação anterior, a expressão que verbaliza o contato físico aqui é o *abraço* porque o diálogo ocorre entre dois homens. O uso do aumentativo, característica do registro masculino, exterioriza-se nesse diálogo pelas expressões *abraço*, e *amigão*. Aqui se pôde observar o uso de diminutivo no discurso masculino não como um discurso afeminado, mas como uma tentativa de minorar o AAF e proteger a face do enunciador e do co-enunciador: *pouquinho de pressa, daqui a pouquinho, pulinho lá.* Expressões como *valeu* e *falou* também fazem parte do registro masculino pertencente a uma faixa etária jovem.

Com relação à terceira situação da dupla 2, pode-se ressaltar a utilização de pré-fechamento - *Tudo bem então -;* fechamento por marcação de encontro futuro - *Até segunda-feira;* e *A gente se vê lá -;* volta a um assunto já mencionado e instrução - *Terno, passeio completo, por favor. Não esqueça; Seja pontual;* e uso de expressões formulaicas de despedidas como *um abraço; Tchau;* e *Vai com Deus.* A linguagem dos enunciadores nessa situação mostrou-se mais cuidada. Além disso, o chefe utiliza-se da forma do imperativo na terceira pessoa para

passar as instruções e as recomendações ao seu empregado de uma maneira mais direta e objetiva, aumentando o rico de AAF.

A dupla 3 usa os seguintes rituais de fechamento de conversação na primeira situação: fechamento por meio de utilização de instrução - *Mas não some, não; Me escreve, “tá”? Eu “tô” lá no orkut; Me procura lá -;* convite - *Aparece -;* marcação de encontro futuro - *Vamos marcar de fazer alguma coisa; Vamos marcar aí um cinema, alguma coisa -;* e expressões formulaicas de despedidas - *Um beijo; Tchau, tchau; Tchau.* O interessante nessa despedida é dizer para o outro não sumir, como se o fato de os dois enunciadorees não se verem mais no futuro fosse culpa exclusivamente do outro. Ao invés de uma pura despedida por marcação de um encontro futuro, nesse diálogo há uma indicação de como os dois podem se encontrar: pelo **orkut**. Na dupla 2 também há uma manifestação de troca de MSN e telefone, mas os enunciadorees não chegam a passar nenhuma informação concreta desse tipo. No entanto, dizem que estão ainda morando no mesmo lugar.

Quanto à segunda situação, assim como nas outras duplas, a conversação é reaberta várias vezes, mesmo depois de o enunciadoree ter anunciado que estava com pressa: *“Tô” super atrasada agora. Preciso ir. / Ah, você vai dar aula? E como é que estão sendo as aulas?* Depois dessa primeira reabertura, os interlocutores conversam mais um pouco e outras duas tentativas de fechamento são feitas: uma por anúncio aberto com uma justificativa - *Eu preciso ir mesmo porque eu “tô” super atrasada -;* e a outra, que funciona, por marcação de encontro futuro e anúncio aberto com justificativa - *Então, mais tarde tu me liga. Eu preciso ir mesmo agora. Eu “tô” super em cima da hora.* Como exemplos de pré-fechamento há expressões como *Então;* e *“Tá” bom, então.* Como expressões formulaicas de despedida há *Um beijinho; Beijo;* e *Tchau.* Como em todas as despedidas mais informais de brasileiros, há a presença desse tipo de expressão de despedida verbalizando o contato físico. Essa expressão aparece no diminutivo (*beijinho*), pois este é um registro típico do sexo feminino, demonstrando afeto e emotividade. Vale ressaltar que nesse diálogo contatos de *orkut* e *e-mail* foram trocados, possibilitando uma efetiva possibilidade de um encontro futuro.

Na terceira situação, como ritual de despedida, a dupla 3 utiliza-se de: pré-fechamento - *Então “tá” bom -;* fechamento por meio de volta a um assunto já mencionado e expressão de desejo - *Boas compras; Bom dia das mães “pra”*

senhora; “Pra” sua mãe também! -; e, por fim, uso de expressão formulaica de despedida - *Vai com Deus; Tchou, tchau.*

A dupla 4 começa seu fechamento de conversação na primeira situação por meio de uma marcação de encontro futuro - *Mas vamos marcar um dia de você ir lá em casa!; Vou te convidar também.* E encerram a conversação de uma forma diferente: há uma pergunta de sondagem para ver se a pessoa está ocupada - *e agora, você vai fazer alguma coisa? -;* e um convite - *É que a gente pode tomar um cafezinho.* Como o convite foi aceito - *Ah, vamos sim! / Então, vamos sim! -,* as duas vão embora juntas *Então, vamos. / Vamos lá; Ok.*

Um dos interlocutores desta dupla, na segunda situação, depois do ritual de cumprimento estar completo, pergunta o que a outra está fazendo, sendo a brecha necessária para o enunciador emitir sutilmente que está com pressa: *Ah, um monte de coisa, Aurinete. “Tô” toda enrolada.* Depois de explicar o porquê de estar “enrolada”, o co-enunciador não aceita o encerramento da conversação e a reabre através de um pedido - *Ué, mas vamos conversar um pouquinho. “Peraí”, poxa, me conta as novidades! Como é que você “tá”? O enunciador atende ao pedido e começam a conversar sobre outros assuntos, inclusive, trocam número de telefone.* Por meio de um anúncio aberto, que recupera um assunto já mencionado, o enunciador afirma que precisa ir. Depois de também dar os seus números de telefone, o enunciador lança mão de um pré-fechamento para confirmar o início do ritual de fechamento da conversação - *Ah, então “tá” bom.* O que é interessante nesse encerramento é que o enunciador estipula um prazo para que os dois interlocutores voltem a se falar. Isso se dá pelo fato de o encerramento com marcação de encontro futuro como - *te ligo* - não necessariamente ser um compromisso de um efetivo encontro, mas apenas um ato de fala de despedida com uma possível esperança de um reencontro. Como o enunciador quer realmente reencontrar o co-enunciador, estipula um prazo para que voltem a se falar: *Vamos tentar efetivamente nos ligar? Pelo menos até o fim desse mês?! Isso. / Porque eu já não falo mais assim: ah, vamos nos ligar, não. Agora eu estou estabelecendo prazos para efetivamente conseguir falar com a pessoa.* Como típico falante nativo do português brasileiro, este enunciador se deu conta de que a expressão - *vamos nos ligar* - é apenas uma forma de se despedir que protege a face dos interlocutores, mas não necessariamente é uma promessa de contato futuro. Para tanto, como se quer realmente um contato futuro, o recurso um pouco

inusitado que esse enunciador encontrou foi o de estipular prazos e metas. O co-enunciador compreendeu e se despediu com a promessa de que iria ligar na próxima semana - *É. Eu vou te ligar na semana que vem, então*. Ao contrário de outras expressões de despedida por marcação de encontro futuro como *te ligo; vamos marcar* etc, em *Eu vou te ligar na semana que vem* demonstra um comprometimento do interlocutor em realmente telefonar. O uso da perífrase de futuro (vou + infinitivo) acarretou esse efetivo compromisso. Como recurso de despedida, também há a troca de saudação à família e uma forma de despedida demonstrando o sentimento de culpa de não poder ficar mais tempo conversando - *Que pena porque, senão, a gente podia tomar um cafezinho*. E, por causa disso, há a comoção do co-enunciador e a reiteração da marcação do encontro futuro - *A gente tenta falar com as outras meninas, a Andréia. Mas, não tem problema: a gente vai tentar até o fim do mês se ver de novo! “Tá”? Como expressões formulaicas de despedida, há a presença de beijinhos; um beijinho; e tchau*. Também nesse diálogo, além do uso da expressão formulaica que verbaliza o contato físico, as duas interlocutoras se despediram trocando beijos aéreos. Esse tipo de despedida que enuncia o contato físico se encontra muito arraigado no português do Brasil.

Na terceira situação, essa dupla inicia o ritual de despedida introduzindo um fechamento por meio de uma volta a um assunto anterior - *Segunda-feira estaremos lá novamente* -; um pré-fechamento - *“Tá” ok, então* -; e expressões formulaicas como - *Bom final de semana “pra” senhora; e “Pra” você também* -, que expressam desejo, além do *Tchau*, expressão formulaica de despedida mais comum em português. Percebe-se que o diálogo ocorreu apenas por causa de uma obrigação social, pois não havia muito assunto, nem os enunciadores estavam muito à vontade com essa situação de encontro.

Na dupla 5, na primeira situação há exemplos de: pré-fechamento - *Então, “tá”; “Tá” bom* -; expressão que manifesta satisfação por ter encontrado o outro - *Gostei de ter visto você, te reencontrado; O prazer foi meu, reencontrar você nessa situação tão inusitada* -; fechamento por meio de utilização de instrução - *Manda um beijo “pra” Vivi, “tá”?; anota o meu telefone; qualquer coisa, você me liga* -; marcação de encontro futuro - *Vamos marcar “pra” gente sair* -; e expressões formulaicas de despedida - *Fica com Deus; tchau*. Assim como a dupla 2, a dupla 5 se utiliza de expressão com a palavra *Deus*, muito comum no

português, apesar de não expressar necessariamente religiosidade, pois já se tornou uma expressão formulaica de despedida. Aqui também se troca efetivamente o número de telefone para uma possível marcação de encontro futuro. Apesar de não ser um comportamento verbal, no final do diálogo, como encerramento há a troca de beijos aéreos como uma forma de despedida entre dois amigos, nesse caso homem e mulher. Cabe ressaltar que a expressão *Então “tá”* é uma técnica de pré-fechamento tão comum, que quando usada pela primeira vez pela enunciativa desta dupla, logo no início da conversação, o co-enunciador estranha e pergunta se aquela está com pressa, pois não esperava que se comesse o encerramento da conversação tão prematuramente e, como usuário nativo da língua, entende que a expressão do tipo *Então “tá”* é utilizada para abrir espaço para um encerramento de conversação: *Ah, lá não deve ser bom! / Não, é legal, é legal, é legal. Então, “tá”. / “Tá” com pressa? / Não, mais ou menos. Não “tô” não.*

Na segunda situação, também depois do ritual de cumprimentos, ao responder a uma pergunta do co-enunciador, a enunciativa emite sutilmente que está com pressa por meio de uma variação da entonação com a prolongação da sílaba tônica de *muito*, que na transcrição foi assinalada com a repetição das vogais **muuuito**: *“Tá” passeando?! “Tô” “tô” passeando. Inclusive, eu “tô” com muuuiita pressa! Adorei ter te visto!* Logo, por meio de um anúncio aberto e uma expressão que emite o prazer de ter encontrado o amigo, a enunciativa tenta encerrar a conversação, mas o co-enunciador a reabre. Somente na quinta tentativa de fechamento de conversação é que se consegue encerrá-la definitivamente. Dentre os recursos de fechamento de conversação estão: o anúncio aberto com justificativa - *“Tô” com muita pressa. “Tô” com uma consulta marcada -;* saudação à família - *Manda um beijo “pra” Vivi -;* marcação de encontro futuro - *Depois a gente se fala, Vamos marcar um dia “pra” gente se encontrar -;* e expressão formulaica de despedida - *Tchau*. Nesse diálogo, também houve a troca de contato telefônico.

Na terceira situação da dupla 5, são usados: pré-fechamento - *Então, “tá” -;* volta ao assunto já mencionado - *Aproveite o filme -;* expressões de desejo - *Bom domingo “pro” senhor; Bom domingo e até amanhã, se Deus quiser -;* e expressões formulaicas de despedida como *Fica com Deus; tchau; até amanhã.*

Esta última apareceu somente nesse contexto, pois chefe e empregado se vêem todos os dias no trabalho.

Como exemplo de despedida da dupla 6, além da utilização de beijos aéreos como forma de despedida, na primeira situação ocorre também: pré-fechamento como *Ah, então, “tá” bom*; volta a assunto já mencionado - *Então, a gente faz isso. A gente se comunica no orkut e marca alguma coisa -*; e uso de expressões formulaicas de despedida propriamente dita como *Beijo*; e *Tchau*.

Na segunda situação, assim como ocorre nas duplas anteriores, depois de uma pergunta da enunciativa sobre como está a vida da co-enunciadora, esta emite sutilmente que está com pressa e justifica: *O que que você tem feito da vida? / Pois é, menina. “Tô” “tô” toda atrapalhada, fazendo um monte de coisa da vida. Inclusive, agora, menina, “tô” até atrasada “pro” dentista*. No entanto, a enunciativa não aceita o encerramento e reabre a conversação. A co-enunciadora tenta encerrar a conversação mais duas vezes. Na última, obtém sucesso. Alguns exemplos de tipos de rituais de fechamento encontrados nesse diálogo são: pré-fechamento - *olha só; Então; Então, “tá” bom -*; instrução - *Faz o seguinte: você me liga, então. Eu continuo com o mesmo telefone -*; saudação à família - *Manda um beijinho “pro” seu marido, “pra” sua mãe. Se você encontrar com alguém da nossa turma, você também dá um beijinho -*; marcação de encontro futuro - *Você me liga que a gente conversa melhor -*; volta a um assunto já mencionado - *“Ó”, não se esqueça: se lá tiver alguma vaga de emprego, entre em contato comigo. Eu “tô” precisando muito -*; pedido de desculpa com anúncio aberto - *Desculpa. Muito tempo que a gente não se vê, mas eu preciso ir -*; e expressão formulaica de despedida - *beijo; beijinho; tchau*. Também nesse diálogo, além da expressão que expressa verbalmente o contato físico de saudação como *beijo*, houve a presença de beijos aéreos, típico de saudação entre mulheres.

Já na terceira situação, essa dupla se utiliza de pré-fechamento - *“Tá” bom* - anúncio aberto - *Então, deixa eu ir lá que eu também vou comprar o presente e tenho que fazer algumas coisas antes de ir embora -*; expressões de desejo para o outro - *Bom trabalho; “Pra” você também -*; e expressões formulaicas de despedida - *Até segunda; Tchau, tchau*.

No caso da dupla 7, começa-se o ritual de despedida na primeira situação com um pré-fechamento *Bom; “Tá” bom, então, “tá”*. Utiliza-se também uma

expressão que traduz a satisfação de ter encontrado o amigo - *Bom te ver aí*. Como técnica de fechamento, pode-se ressaltar a marcação de um encontro futuro - *Vamos marcar para reunir aí as famílias* -; e o uso de expressões formulaicas como *Tchau; beijinho*. Essa dupla também se utiliza de beijos aéreos. Além disso, no diálogo há a preocupação de perguntar se o telefone um do outro permanece o mesmo para um contato futuro: *Teu telefone continua aquele mesmo!*

Na segunda situação dessa dupla, a co-enunciadora, aproveitando-se da pergunta que o enunciador faz sobre a sua vida, também lança sutilmente que está com pressa: *E, fazendo o quê?/ Ah, trabalhando muito! / É, é?/ É. Agora mesmo tenho que ir “pra” uma entrevista que eu vou fazer que ainda vou tentar outro emprego*. O enunciador não aceita o encerramento, ignorando o ritual de despedida, reabrindo a conversação: *É. Ai, faltam dez minutos! Eu “tô” super atrasada! / E você “tá” trabalhando aonde agora?* A co-enunciadora tenta mais duas vezes encerrar a conversação e da última vez obtém êxito. Alguns exemplos de tipos de fechamento de conversação presentes nesse diálogo são: anúncio aberto - *“Tô” super atrasada, Eu vou lá, “tá”?* -; marcação de encontro futuro - *“Tá”, me liga “pra” gente marcar uma coisa* -; e expressão formulaica de despedida - *tchau, beijo*. Nesse diálogo também se troca contato telefônico.

No caso da terceira situação, há a presença de pré-fechamento - *“Tá” bom, então*; e *Então* -; expressões de desejo para o outro - *Um bom final de semana “pra” vocês; um bom fim de semana “pro” senhor; Lembranças à família* -; e expressões formulaicas de despedida como *Até logo*. Nota-se que a linguagem é mais polida, pois há expressões que só se usam em contextos mais formais como *Lembranças à família* e *Até logo*, já que essa mesma dupla nas outras duas situações não usou em nenhum momento essas expressões, adequando o seu discurso a essa situação.

No caso da dupla 8, na primeira situação também houve a utilização de beijos aéreos, assim como outras duplas. Além disso, utilizou-se de pré-fechamento - *Então “tá”* -; fechamento por meio de instrução - *É, então, vamos; Manda um abraço “pra” Leila. “Pro” Maurício também* -; expressão de desejo para o outro - *Boa “malhação”; Tudo de bom; Boa viagem* -; marcação de encontro futuro - *A gente se fala e eu mando meu telefone* -; e expressões formulaicas de despedida como *Beijinho; Tchau, tchau; Tchau*.

Quanto à segunda situação, depois do ritual de cumprimentos, apesar de a co-enunciadora não proferir abertamente que está com pressa, seu comportamento a denuncia. A co-enunciadora quer muito o telefone do enunciador para depois poder entrar em contato com ele. Como este demora em dar o número, a co-enunciadora escreve o seu próprio número de telefone e o dá, fazendo com que o enunciador perceba que ela está com muita pressa e a pergunte: *Você “tá” com muita pressa?* Logo, há o anúncio aberto - *Eu “tô” morrendo de pressa!* -; marcação de um encontro futuro - *Me liga, tá?* -; pedido de desculpa pela pressa - *Desculpa correr* -; e expressão formulaica de despedida - *tchau*.

Já na terceira situação, a dupla utiliza-se de pré-fechamento como *Então, “tá”*; e de expressões formulaicas de despedida como *beijo; tchau; prazer em vê-lo; tchau, tchau*. Na mesma fala da empregada há o uso de uma expressão mais formal como *prazer em vê-lo* e uma informal como *beijo*. Essa dupla foi a única em que a empregada mandou *beijo* para o chefe. Além de a relação entre eles não ser tão formal, como a expressão *beijo* está muito arraigada no português, muitas vezes se a emite sem perceber, ocorrendo uma inadequação ao contexto sem ter tido a intenção.

Com relação às despedidas na primeira situação da dupla 9, tem-se: fechamento por volta a um assunto já mencionado - *Tem muito mais coisa “pra” te contar; eu também tenho muita coisa “pra” falar, né?* -; marcação de encontro futuro com justificativa - *Vamos marcar outro dia “pra” gente se encontrar! “Pô”, faz tanto tempo que a gente não se vê!* -; outra marcação de encontro futuro com volta a um assunto já mencionado - *Mas, depois a gente marca aí e eu converso melhor sobre isso* -; e expressões formulaicas de despedida - *Falou; Um grande abraço; Tchau; Tudo de bom; Fica com Deus*. No caso da expressão *Tudo de bom*, além de uma despedida, expressa um desejo. O mesmo acontece com a expressão *Fica com Deus*. Tanto que o co-enunciador responde com um agradecimento e uma retribuição *Obrigado. Você também*. Como o diálogo ocorre entre dois representantes do sexo masculino, há a presença da expressão *um abraço* ao invés de *um beijo* e o uso da expressão *falou*, tipicamente masculina.

Quanto à segunda situação dessa dupla, o enunciador não emite depois dos rituais de cumprimento que está com pressa. Os interlocutores conversam um pouco e no início do ritual de fechamento é proferida a pressa por meio de uma marcação de encontro futuro e uma justificativa de ter que ir por anúncio aberto,

em que se justifica a pressa: *Cara, é uma porção de coisa, cara. É tanta coisa que a gente tem que marcar “pra” gente conversar porque eu “tô” atrasado “pra” pegar o ônibus.* O co-enunciador, por sua vez, aceita o ritual de encerramento: *Então, “tá” bom. “Tá” legal.* Há a presença também de expressão que demonstra o prazer de rever o amigo *eu adorei ver você*, além de fórmulas de despedidas como *um abraço, beleza, vai com Deus, e tchau.* Como os enunciadores são homens, a expressão formulaica que verbaliza o contato físico é *um abraço*. Além disso, a expressão *beleza*, geralmente usada em cumprimentos entre informantes jovens do sexo masculino, aqui é emitida na despedida.

Na terceira situação há exemplos de pré-fechamento como *Então, é isso aí*, além de expressão de desejo, voltando a um assunto já mencionado - *Bom filme “pra” você -;* e expressões formulaicas de despedida como *uma boa noite “pro” senhor; (Um) abraço; Até segunda-feira; e Tchau.* Há também a presença de uma expressão de desejo como *tudo de bom*. Nessa dupla também se percebe uma formalidade maior na interação dessa situação por meio do uso de expressões como *uma boa noite “pro” senhor*. No entanto, há também a presença do uso da expressão *(Um) abraço*, costume muito forte na interação verbal dos brasileiros do sexo masculino, inclusive em situações mais formais como essa.

Na dupla 10 também se repete na primeira situação o ritual de iniciar-se um fechamento com uma marcação de encontro futuro - *Queria ver se dava “pra” gente arrumar um horário “pra” gente marcar e se encontrar.* O co-enunciador fornece uma resposta evasiva típica do brasileiro, ou seja, não nega, mas também não afirma que sim, dando esperança de um encontro futuro: *Pode ser. A gente vê aí na agenda e vamos fazer isso, cara. Tanto tempo que a gente não se fala, “pô”.* Para isso, eles trocam telefone, reforçando ainda mais a idéia de um possível encontro futuro que não necessariamente pode ocorrer - *Vamos ver se a gente marca, aí. Vou trocar o telefone contigo. Depois a gente se fala então, “tá”?* Esse exemplo ratifica a afirmação de que o brasileiro tem dificuldade de opor-se ao seu interlocutor em atos de fala despreferidos como a negação a um convite. Por tanto, evita-se a palavra *não* e usam-se expressões do tipo *Pode ser; vamos ver se a gente marca*, entre outras. Um brasileiro infere essa indiretividade como praticamente um *não*, mas um estrangeiro deve ser alertado de que não é para ficar esperando o telefonema e a marcação efetiva do encontro. É apenas uma forma de despedida. Como expressões formulaicas de despedida, esse diálogo

apresenta: *valeu*; *abração*; e *tchau*. As duas primeiras são mostras de expressões masculinas.

Na segunda situação, depois das despedidas o enunciador emite por anúncio aberto que está com pressa. No entanto, utiliza o diminutivo para não ameaçar tanto a face dos interlocutores: “*Pô*”, *eu “tô” com um pouquinho de pressa agora, cara!* No entanto, continua fazendo perguntas sobre a vida do co-enunciador: *Mas fala aí. O que está fazendo da vida, rapaz?* O enunciador só anunciou abertamente que estava com pressa logo no início para que o seu interlocutor soubesse que eles não poderiam conversar durante muito tempo, mas, na frase seguinte, o próprio enunciador reabriu a conversação. Após conversar, o enunciador reinicia o ritual de fechamento com um pré-fechamento - “*Pô*”, *cara* - e pede o telefone do outro para marcar um encontro futuro, dando a justificativa do porquê precisa se ausentar - *me dá o seu telefone aí “pra” gente se ver, que agora eu tenho que ir “pra” formatura da minha sobrinha, cara*. Enquanto um anota o telefone do outro eles trocam informação sobre como estão as famílias e se despedem efetivamente por anúncio aberto - “*Tô*” *indo embora, cara*; marcação de encontro futuro - *Depois a gente se fala*; e expressão formulaica de despedida - *Valeu, falou, um abraço* (repertório masculino).

Já na terceira situação dessa dupla, percebe-se uma informalidade maior na interação e, portanto, o uso de expressões como: *Fechou*; “*Pô*”, *fechado, então*; *Que tal a gente tomar um choppinho?* e *Pode ser?*. Com relação ao fechamento de conversação há o uso de um convite - *Que tal a gente tomar um choppinho? Pode ser?* -; e a aceitação do convite - “*Pô*”, *fechado, então*; *Vamos lá agora*; *Fechou. Vamos lá, então*. Esse diálogo demonstra que patrão e empregado mantêm uma relação de amizade, mais familiar, mais informal. Levam a relação da **casa** de Damatta (1984) para a **rua**, mas sem deixar de empregar pelo menos um apelativo como *chefe* para marcar certo grau de distanciamento social no discurso do empregado.

Com relação à primeira situação da dupla 11, o ritual de despedida é aberto com um pré-fechamento - *Então, “tá”;* *ok? Falou então*. Logo após, há a presença de um anúncio aberto - *Deixa eu ir*. Conseqüentemente, uma marcação de encontro futuro - *Depois a gente se vê!* e a pergunta se o interlocutor ainda possui o número de telefone do enunciador - *Você tem meu número ainda?* Logo depois, há a presença de expressões formulaicas de despedidas como *Beleza*,

Falou; Valeu; e tchau. Apesar de um dos interlocutores ser uma mulher, os dois são jovens e, por essa razão, justifica-se o uso de expressões como *Beleza, Falou; e Valeu*, pertencentes ao repertório masculino. Além disso, o fato de a informante ser professora de Educação Física, faz com que ela tenha mais contato e use um repertório masculino.

Na segunda situação, essa dupla, ao contrário das outras duplas de brasileiros, conseguiu encerrar a conversação mais rapidamente, pois o co-enunciador não tentou reabri-la. No início, durante o ritual dos cumprimentos, o enunciador não avisou ao seu co-enunciador que estava com pressa. Conversaram normalmente até que, como início de ritual de despedida, há a utilização de um anúncio aberto - *Eu “tô” precisando ir. Então* (pré-fechamento), *a gente se vê, “tá”?* (marcação de encontro futuro). Essa marcação de encontro futuro ocorre dessa maneira, pois os dois amigos descobrem que estão estudando na mesma universidade. Logo, inevitavelmente vão se ver de novo. Como o co-enunciador aceita o encerramento sem tentar reabrir a conversação, o ritual de despedida nessa dupla é mais rápido – *Falou; Valeu* (expressões formulaicas de faixa etária jovem).

Com a terceira situação, pode-se notar que o ritual de despedida se inicia por meio de um pré-fechamento - *Então, “tá” bom; “Tá” legal, então.* Depois, há uma volta a um assunto já mencionado - *Vou lá buscar eles -;* e expressões formulaicas de despedida como *Falou, tchau; Valeu, e tchau.* As expressões *valeu e falou* também demonstram uma informalidade maior na interação entre chefe e empregado. Porém, nesse diálogo o empregado também utiliza o apelativo *doutor* para marcar certo distanciamento social.

4.1.4. Representação Esquemática das Expressões de Despedida em Brasileiros

A seguir, para facilitar a visualização das diferentes expressões de despedida, apresentam-se, esquematicamente, os exemplos encontrados no *corpus* dos informantes brasileiros, de acordo com a classificação dos rituais de fechamento de conversação.

Pré-fechamento:

Ok, (então);	É... então...;	Bom, “Tá” ok, (então);	Então, “tá” legal;	(Ah), Então, “tá” (bom);
Tudo bem, então;	Então;	“Tá” bom, (então);	Olha só;	Bom;
Então, é isso aí;	Falou, então;			

Fechamento pré-tópico:

E agora, você vai fazer alguma coisa?	Você “tá” com muita pressa?
---------------------------------------	-----------------------------

Anúncio Aberto:

Ah, não fala em trabalhar não. Tenho uma audiência agora. Estou apressado “pra” caramba;	Acho que já estou até atrasado “pra” audiência;	Não tenho muito tempo “pra” mim não. Ai, eu estou com pressa;	Vou nessa (aí);	“Pô”, rapaz, é, “tô” com um pouquinho de pressa, né, rapaz?
Falando sério, agora tenho que ir “pro” trabalho que eu “tô” super atrasado, cara.	“Tô” super atrasada agora. Preciso ir;	Eu preciso ir mesmo porque eu “tô” super atrasada;	Eu “tô” super em cima da hora;	“Tô” toda enrolada;
Inclusive, eu “tô” com muita pressa;	Pois é, menina. “Tô” “tô” toda atrapalhada, fazendo um monte de coisa da vida. “Tô” até atrasada “pro” dentista;	Desculpa. Muito tempo que a gente não se vê, mas eu preciso ir;	Então, deixa eu ir lá que eu também vou comprar o presente e tenho que fazer algumas coisas antes de ir embora;	Ai, faltam dez minutos. Eu “tô” super atrasada.
“Tô” super atrasada. Eu vou lá, “tá”?	Eu “tô” morrendo de pressa. Desculpa correr;	“Pô”, eu “tô” com um pouquinho de pressa agora, cara;	“Tô” indo embora, cara;	Deixa eu ir;
Eu “tô” precisando ir;	Vou lá buscar eles;			

Fechamento por Marcação de Encontro Futuro:

Vamos ver se a gente marca alguma coisa “pra” juntar o pessoal de novo;	Depois a gente se fala, falou?	A gente se encontra (aí);	Vamos trocar MSN, telefone, essas coisas aí;	Você ainda tem meus telefones?
Depois eu te ligo com calma, falou?	A gente se vê, (“tá”?);	Vamos marcar de fazer alguma coisa;	Vamos marcar aí um cinema, alguma coisa;	Então, mais tarde tu me liga;
Mas, vamos marcar um dia de você ir lá em casa;	Vou te ligar na semana que vem, então;	Vamos marcar “pra” gente sair;	Depois a gente se fala;	Vamos marcar um dia “pra” gente se encontrar;
A gente se comunica no Orkut e marca alguma coisa;	Você me liga que a gente conversa melhor;	Vamos marcar para reunir aí as famílias;	Me liga “pra” gente marcar alguma coisa;	A gente se fala e eu mando meu telefone;
Vamos marcar outro dia “pra”	Mas, depois a gente marca aí, e	Depois a gente se fala então,	Vamos ver se a gente marca;	Depois a gente se vê. Você tem

gente se encontrar;	eu converso melhor sobre isso;	“tá”?;		meu número ainda?;
---------------------	--------------------------------	--------	--	--------------------

Utilização de Instruções:

Passa os meus telefones “pra” eles;	Pede para eles me ligarem;	Mas manda um beijo “pra” eles;	Diz que eu desejo tudo de bom pra neném;	Me dá uma ligadinha depois “pra” gente conversar;
Faz o seguinte, manda um abraço “pra” ele;	Mas, não some não;	Me escreve, “tá”?	Me procura lá;	Anota o meu telefone;
Qualquer coisa você me liga;	Faz o seguinte. Você me liga, então.	Me liga, “tá”?		

Volta a um assunto já mencionado:

Segunda-feira estaremos lá novamente;	Aproveite o filme;	Então a gente faz isso;
---------------------------------------	--------------------	-------------------------

Convite;

Aparece;	É que a gente pode tomar um cafezinho;	Vamos lá;
----------	--	-----------

Justificativa para a Despedida:

Tenho que logo correr porque “tô” atrasado para a audiência;	“Tô” com uma consulta marcada;	Me dá o seu telefone aí, “pra” gente se ver, que agora eu tenho que ir “pra” formatura da minha sobrinha, cara;
--	--------------------------------	---

Satisfação em Rever o Outro:

Bom te ver (aí);	Gostei de ter te visto, te reencontrado;	O prazer foi meu, reencontrar você (nessa situação);	Adorei ter te visto;	Eu adorei ver você;
------------------	--	--	----------------------	---------------------

Desejo para o outro:

Tudo de bom;	Bom fim de semana (pra senhora);	Bom domingo (“pro” senhor);	Bom trabalho;	“Pra” você também;
Lembranças à família;	Boa malhação;	Boa viagem;	Bom filme (“pra” você);	

Expressão Formulaica de Despedida Propriamente Dita:

Tchau, (tchau);	Beijo(s);	(Um) beijinho;	(Um) beijão;	Beijinhos;
(Um) (grande) abraço;	(Um) abração;	Valeu, (cara);	Falou;	Beleza;
Fechou;	Vai com Deus;	Fica com Deus;	Até amanhã;	Até logo;
Até segunda-feira;	Bom dia (pra você também);	Boa noite (“pro” senhor);	Prazer em vê-lo;	

4.1.5.

Rituais de Manutenção de Conversação em Brasileiros

Com relação à chamada função fática, pode-se afirmar que o brasileiro se utiliza muito desse tipo de expressão para estabelecer, testar, manter e encerrar o

contato entre o emissor e o receptor do discurso. Portanto, expressões formulaicas de cumprimentos como *oi, tudo bem* e de pré-fechamentos como *então “tá”*; *“tá” bom então* não deixam de ser exemplos de expressões de função fática, pois estabelecem a abertura do canal ou o início de um encerramento de canal. Porém, nesta parte do trabalho somente se analisa o que se convencionou chamar de rituais de manutenção de conversação ou manutenção da interação dialogada, ou seja, casos em que, durante o diálogo, a função fática sirva para testar, manter e sustentar o canal para que a comunicação possa prosseguir. Por conseguinte, nessa parte, não se analisam os casos de expressões de função fática pertencentes aos rituais de cumprimentos nem de despedidas, já tratados anteriormente.

Percebe-se que, nos diálogos dos brasileiros, na terceira situação - encontro entre o chefe e o empregado – foram utilizadas mais estruturas de função fática durante a interação dialogada. Essa constatação deve-se ao fato de que não havia muito assunto entre eles, devido à questão de poder, distanciamento social e hierarquia envolvidos. Os diálogos se mostraram mais curtos que os das outras situações e com mais estruturas de manutenção dialogada que serviram somente para testar o canal e tentar prolongar um pouco mais a conversa que já era curta. Porém, essas expressões, muitas vezes, não significavam nada mais que um teste de canal.

Neste trabalho, dividem-se as estruturas de manutenção de interação dialogada em doze categorias. Devido ao tipo de análise utilizada como parâmetro de classificação, essas categorias se inserem em dois grupos diferentes: **dinâmica da conversação** e **conteúdo expreso na conversação**. No primeiro grupo, o parâmetro utilizado como classificação das categorias é o próprio funcionamento da conversação e estão presentes as seguintes categorias: **teste de compreensão ou confirmação; prolongamento da conversação; apelativo; instigação; pedido de repetição; pedido de atenção**. No segundo grupo, leva-se em consideração para a classificação, principalmente, o conteúdo expreso na conversação. A dinâmica da conversação, neste grupo, já não é mais o fator preponderante de classificação. As categorias presentes neste grupo são: **concordância ou discordância; expressão de emoção; expressão de surpresa; expressão de dúvida; entendimento; pedido de calma**. Cabe enfatizar que esses parâmetros se entrecruzam e algumas categorias podem classificar-se também no

outro grupo, pois se pode levar em consideração tanto a dinâmica da conversação como o conteúdo expresso na conversação.

A seguir, faz-se a análise das categorias do grupo **dinâmica da conversação**. Na categoria **teste de compreensão ou confirmação** o emissor faz uso de uma expressão para testar se o receptor compreendeu a mensagem ou usa uma expressão para induzir o co-enunciador a confirmar ou negar o enunciado, testando se este está ou não entendendo e prestando atenção na conversação. Nesta categoria, foram encontradas as seguintes expressões:

<i>né?;</i> (duplas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11)	<i>sabia?;</i> (dupla 1)	<i>“tá” bom?;</i> (duplas 1, 2, 3, 6, 8)	<i>falou?;</i> (dupla 1)	<i>sabe como é</i> (<i>que é, né?;</i> (dupla 8)	<i>sério?;</i> (duplas 1, 2, 11)
<i>Não ia?;</i> (duplas 2)	<i>hein?;</i> (duplas 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10)	<i>“tá?”;</i> (duplas 3, 4, 5, 8, 10, 11)	<i>lembra?;</i> (duplas 4, 8)	<i>“tá” ok?;</i> (dupla 4)	<i>entendeu?;</i> (duplas 1, 6)
<i>viu?;</i> (dupla 7)	<i>sabe?;</i> (duplas 8, 9)	<i>não é?;</i> (dupla 8)	<i>ok?;</i> (dupla 11)	<i>é, né?;</i> (dupla 7)	<i>ah, é?</i> (duplas 1, 2, 3, 7, 9, 11)
<i>É?;</i> (duplas 4, 7, 8, 9)	<i>é mesmo?</i> (duplas 2, 4, 5, 6)	<i>é, é?</i> (dupla 7)			

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Ahhhh “tá”, fiscal da natureza, né?*
- *Não, menino, sério?*
- *Eu morro de saudades dele, sabia?*
- *Ah, é? Que legal! Natália “tá” grávida de quanto tempo?*
- *Ok. Pede para eles me ligarem, que a gente marca alguma coisa para conversar. “Tá” bom?*
- *Entendeu? / Não, mas manda um beijo “pra” eles.*
- *Depois a gente se fala. “Falou”?*

Dupla 2 –

- *Sério? Mas tu casou, tu ia casar, não ia?*
- *“Pô”, mas tu engordou, hein, cara?*
- *“Pô” casou! / É mesmo?*

Dupla 3 –

- *Me escreve, “tá”?*

Dupla 4 –

- *Tudo meio igual. / É? Aãã!*
- *Eu não tinha nem um celular, lembra?*
- *E pega o fixo também 38724444, “tá” ok?*

Dupla 7 –

- *É, é? / É.*
- *Sua esposa é muito boa funcionária, viu?*
- *Sua esposa é muito boa funcionária, viu? / é, né?*

Dupla 8 –

- *Ah, imagina! Que isso! Ah! Mas, olha, vamos marcar um dia desses “pra” gente sair, sabe?/ Ah, sim. Mas “pra” isso você precisa pegar o meu e-mail, não é?*
- *Pois é, não pude fazer nada. Marcia você sabe como é que é, né?*

Dupla 11 –

- *Ok? Falou, então. A gente se vê. Oi?*

Com relação a expressões de **prolongamento da conversação**, o emissor, por meio de fórmulas, tenta prolongar e/ou manter o canal, continuando o diálogo como um sinal de que está interessado na conversação, enquanto ganha tempo para pensar no que vai falar depois, para que não haja aquele silêncio incômodo durante a conversação; ou também como uma forma de incentivar que o outro continue a falar. Pode-se dizer que são fórmulas para preencher o silêncio e, muitas vezes, não significam nada além de preenchimento de silêncio. Foram encontradas as seguintes expressões:

<i>(ah) pois é (né?);</i> (duplas 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9)	<i>(ah) (“pô”), legal;</i> (duplas 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11)	<i>então, “tá” legal;</i> (dupla 1)	<i>É, (é, é);</i> (duplas 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9)	<i>“tá”;</i> (dupla 7)	<i>(é,) é verdade;</i> (dupla 4, 8)
<i>é, né (?);</i> (duplas 3, 8, 11)	<i>é, é?;</i> (dupla 7)	<i>ah, bacana;</i> (duplas 1)	<i>Falando sério,...;</i> (dupla 2)	<i>(ah) então;</i> (duplas 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11)	<i>(ah) então “tá” (bom);</i> (duplas 4, 8)
<i>ah, então “tá” ótimo;</i> (dupla 6)	<i>(então,) (mas) é isso aí;</i> (duplas 1, 7, 8, 9)	<i>“tá” bom, (então) / (beleza);</i> (duplas 1, 4, 7, 8)	<i>“tá” ok, (então);</i> (dupla 4)	<i>Bom;</i> (duplas 1, 7, 9)	<i>aí;</i> (duplas 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11)
<i>assim;</i> (duplas 4, 7)	<i>É, né;</i> (dupla 2)	<i>mas;</i> (duplas 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10)	<i>e;</i> (duplas 5, 7, 8)	<i>Sei;</i> (dupla 8)	<i>curioso;</i> (dupla 9)
<i>ah, sim;</i> (dupla 7)	<i>āhan;</i> (dupla 8)	<i>ah,;</i> (duplas 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9)	<i>“pô”;</i> (duplas 2, 5, 7, 9, 10, 11)	<i>Sabe como é;</i> (dupla 1)	

Exemplos:

Dupla 1 –

- ... ainda continua com aquela banda de Black Metal dele. / Ah, legal.
- Ah, legal. É...Bom, então, vamos ver se a gente marca alguma coisa “pra” juntar o pessoal.
- Ah, é? “Tá” bom. Então, eu falo com eles e digo que você está encarregada da festa.
- Sabe como é, filha, lá é trabalho escravo!
- Não tenho muito tempo “pra” mim não. Aí, eu estou com pressa.
- Então, “tá” legal, você tem meus telefones ainda?
- Vim comprar meus livros do mestrado. / Ah, legal, bacana. Encontrou alguma coisa?
- Então, acho que é só a gente aguardar algum contato deles. / Ótimo. Vai lá. Então é isso aí.

Dupla 2 -

- E aí, “pô” tem feito o que da vida?
- “Tô” trabalhando lá no centro mesmo. / É, né. Eu sou professor
- Mas, cara, falando sério, agora tenho que ir “pro” trabalho que eu “tô” super atrasado, cara.

Dupla 3 –

- “Tá” passeando com a família? / É, né? “tô”.

Dupla 4 –

- Segunda-feira estaremos lá novamente. / É, pois é. É verdade.
- Como é que você “tá”?! / Ah, meio enrolada, né?
- 38724444. / Humhum! “Tá” bom, beleza.
- Segunda-feira estaremos lá novamente. / É, pois é. É verdade. / “Tá” ok, então. / “Tá” ok, então.
- E o fixo? / Então, é 26104499. / Ah, então “tá” bom. / “Tá”?

Dupla 5 –

- E, como é que “tá” o Daniel, “pô”, queria saber como ele “tá”.

Dupla 6 –

- Rívian. Ah, então “tá” ótimo. Então, então, vou te adicionar, então.

Dupla 7 –

- *Agora eu “tô” trabalhando /...// É, é? E tu acha bom esse negócio /...//?*
- *Igualmente. / Quantos anos, ó, é isso aí!*
- *Tu perdeu meu telefone? / Ah, muita correria na vida, assim.*
- *“Tô” gostando. / Ah, sim.*
- *É, é, é verdade. / “Tá”. Um bom final de semana “pra” vocês.*

Dupla 8 –

- *Não dava, né? Ahan. Mas, é isso aí. Você “tá” ótima. “tá” bem.*
- *É, aquela licença prêmio, né? / Ah, “tá”, sei, “tá” bom!*

Dupla 9 –

- *Não são solícitos. / Curioso.*

Em **apelativo**, estão reunidas expressões (substantivos ou adjetivos substantivados) que exercem uma função de vocativo e que são muito comuns na enunciação, não deixando de testar também o canal, pois muitas vezes o enunciador as emite para ganhar tempo, preenchendo o silêncio:

<i>Rapaz, ...;</i> (duplas 2, 10)	<i>Cara, ...;</i> (duplas 2, 7, 8, 9, 10, 11)	<i>Amigão, ...;</i> (dupla 2)	<i>Menino (a), ...;</i> (duplas 3, 6)	<i>Gente, ...;</i> (dupla 8)	<i>Ei, ei, ...;</i> (dupla 8)
<i>..., irmão;</i> (dupla 9)	<i>..., (meu/ minha) filho (a);</i> (duplas 1, 6, 9)	<i>...,companheiro;</i> (dupla 2)	<i>..., doutor;</i> (duplas 2, 11)		

Com exceção do apelativo *doutor*, todos os demais são empregados em um contexto informal.

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Não, menino, sério?*
- *Sabe como é, filha, lá é trabalho escravo!*

Dupla 2 –

- *Trabalhando muito, né, rapaz.*
- *Olha só, cara, bom te ver aí.*
- *Tenho que chegar lá no horário. “Tá” bom, amigão?*
- *Ô, doutor, tudo bem?*
- *Não, não, sete horas, companheiro.*

Dupla 4 –

- *Menina, fala.*

Dupla 8 –

- *Gente, a minha vida 'tá uma loucura!*
- *Ei, ei, Wendell! Que bom!*

Dupla 9 –

- *Um grande abraço, irmão!*

Cabe ressaltar que os vocativos *rapaz*; *cara*; *amigão*; e *irmão* são usados mais por jovens do sexo masculino, enquanto *menina* (*o*); e *gente*, pelo sexo feminino. A expressão *cara*, atualmente, também está sendo usada por jovens do sexo feminino. Todas essas expressões pertencem a um registro mais informal.

Instigação são expressões com função de instigar a vontade ou a opinião do interlocutor. Como exemplo, tem-se:

<i>Pode ser?</i> (dupla 10)	<i>Ããh?</i> (dupla 11)	<i>Fala (aí);</i> (duplas 4, 5, 10)	<i>(mas), e aí?</i> (duplas 2, 4, 7, 9, 11)	<i>Oi;</i> (dupla 4)
--------------------------------	---------------------------	--	---	-------------------------

Exemplos:

Dupla 2 –

- *E aí, “pô” tem feito o que da vida?*

Dupla 4 –

- *Menina, fala.*
- *“ Peraí, peraí”. / Oi.*

Dupla 10 –

- *Vamos falar de serviço, não. Chega de serviço. / “Pô”, fechado, então. Que tal a gente tomar um choppinho? Pode ser?*

Dupla 11 –

Você lembra do Marcelo que estudou com a gente lá no segundo grau? / Ããh? / Você tem visto ele?

No **pedido de repetição**, o emissor pede para que se repita a enunciação feita anteriormente pelo co-enunciador, ou porque não foi entendida pelo interlocutor, ou porque este não quis acreditar:

<i>oi?</i> (dupla 11)

Exemplo:

Dupla 11 –

- *Ok? Falou então. A gente se vê. Oi? / Tem meu número?*

No que se refere ao **pedido de atenção**, ou seja, expressão proferida para chamar a atenção do interlocutor, foram encontrados os seguintes exemplos:

<i>Olha;</i> (duplas 1, 6, 8, 10)	<i>Ó;</i> (duplas 2, 3, 6, 11)	<i>Olha só;</i> (duplas 2, 6, 8, 9)	<i>Vem cá;</i> (duplas 4, 8)
---	--------------------------------------	--	---------------------------------

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Olha, você sabe que eu não sou muito de interagir com a minha família.*

Dupla 2 –

- *Olha só, cara, bom te ver aí.*
- *Isso aí. “Ó”, segunda-feira temos uma reunião, hein?*

Dupla 4 –

- *Vem cá, seu celular ainda é o mesmo?*

A seguir, faz-se a análise das categorias do grupo **conteúdo expresso na conversação**. Quanto à categoria **concordância ou discordância**, o co-enunciador emite fórmulas concordando ou discordando do enunciador e, concomitantemente, mantém aberto o canal. Pode-se perceber que há algumas expressões iguais à categoria prolongamento de conversação, pois, muitas vezes, um prolongamento de conversação não deixa de ser uma concordância também. Os exemplos encontrados dessa categoria são:

<i>(ah) / (é), com certeza;</i> (duplas 1, 2, 3, 8, 9)	<i>ok (então);</i> (duplas 1, 4)	<i>(ah) é;</i> (duplas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11)	<i>ótimo;</i> (duplas 1, 6)	<i>“tá” ok (então);</i> (dupla 1)	<i>isso;</i> (duplas 2, 3, 4, 6, 7, 11)
<i>(“pô”.) beleza;</i> (dupla 2)	<i>“tá” legal;</i> (duplas 1, 8, 9, 10, 11)	<i>(é) isso aí;</i> (dupla 2)	<i>certo;</i> (duplas 2, 8, 9)	<i>tudo bem;</i> (duplas 2, 6, 9)	<i>pode deixar;</i> (duplas 2, 3)
<i>perfeito;</i> (dupla 2)	<i>(tudo) tranqüilo;</i> (dupla 2)	<i>(ah), vamos sim.</i> (duplas 4, 6)	<i>(ah), não;</i> (duplas 3, 6)	<i>“tá”, “tá”;</i> (duplas 3, 6)	<i>não⁹, pode deixar;</i> (dupla 3)
<i>isso mesmo;</i> (dupla 3)	<i>claro, (claro);</i> (duplas 3, 4, 8, 9)	<i>isso, isso;</i> (dupla 3)	<i>(ah), é verdade;</i> (duplas 4, 7, 9, 11)	<i>“tá” bom (então);</i> (duplas 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9)	<i>é bom mesmo;</i> (dupla 4)
<i>Não¹⁰, é legal;</i> (dupla 5)	<i>(ah) “tá”;</i> (duplas 4, 5, 6, 7, 8)	<i>ãhan;</i> (duplas 8, 11)	<i>exato;</i> (dupla 6)	<i>Ah, então “tá” ótimo;</i> (dupla 6)	<i>“tá”(tudo) certo;</i> (duplas 6, 10)
<i>(é), bastante;</i> (dupla 7)	<i>“tô”;</i> (duplas 3, 7)	<i>Ah,(é) sim;</i> (duplas 7, 8)	<i>Ah é;</i> (dupla 11)	<i>deixa comigo;</i> (dupla 7)	<i>Ah, não¹¹, claro, claro.</i>

⁹ Segundo Freitas (2000), o **não** em português também pode significar *sim*. Nesse caso, tem caráter de afirmação.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

					(dupla 4)
<i>Pois é;</i> (duplas 2, 3, 6, 7 e 8)	<i>pode ser;</i> (duplas 10, 11)	<i>beleza;</i> (dupla 10, 11)	<i>“tá” ótimo;</i> (duplas 6, 10)	<i>exatamente;</i> (dupla 6)	<i>fechado;</i> (dupla 10)

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Ahhhh “tá”, fiscal da natureza, né? / Com certeza. É o melhor emprego que tem.*
- *Ainda falo que você mandou um beijinho para eles. / Ok, então.*
- *Não tenho muito tempo de ver minha família. / É. Isso é verdade.*
- *Não, mas manda um beijo “pra” eles. / “Tá” Ok, então. / Diz que eu desejo tudo de bom pra neném. E o pessoal da faculdade? Tem visto alguém?*
- *Então, acho que é só a gente aguardar algum contato deles. / Ótimo. Vai lá. Então é isso aí.*

Dupla 2 –

- *Isso. Criança.*
- *Vamos trocar MSN, telefone, as coisas aí. / Tranqüilo, então. Vai com Deus.*
- *Tenho que chegar lá no horário. “Tá” bom, amigão? / “Pô”, beleza.*
- *Isso aí. “Ó”, segunda-feira temos uma reunião, hein?*
- *Sete horas quero você lá. Um assunto muito importante. As mudanças vão ocorrer. / Certo. Tudo bem.*
- *Quero sete em ponto. / Com certeza. Pode deixar, pode deixar. Sete horas eu “tô” lá. / Perfeito, perfeito.*

Dupla 3 –

- *E você, casou, menina? / Ah, não. “tava” noiva, soltei, larguei, cansei.*
- *A mamãe “tá” bem? / “tá”, “tá”.*
- *Me escreve, “tá”? / “Tá” bom.*
- *Mas a gente conversa, né? / Não, pode deixar. Pode deixar.*
- *“Tá” passeando com a família? / É, né? “tô”.*
- *Eu passei a madrugada toda trabalhando. / Isso mesmo. Isso mesmo.*
- *Segunda-feira tem que treinar as crianças direitinho “pra” já cantarem para as mães. / Claro, claro.*

- *Professor tem que estar sempre visando à melhoria da escola, do aluno. / Isso, isso.*

Dupla 4 –

- *Eu não tinha nem um celular, lembra? / Ah, é verdade.*
- *É, aí anota o meu celular também. 82264888. / “Tá”, /.../*
- *É que a gente pode tomar um cafezinho. / Ah, vamos sim!*
- *Deixa eu só te dar o meu telefone. / Ah, não, claro, claro. Deixa eu pegar.*
- *Aproveitando o final de semana, né? / Ah, é bom mesmo.*

Dupla 5 –

- *Ah, lá não deve ser bom! / Não, é legal, é legal, é legal.*

Dupla 6 –

- *...“Pra” sair. / Exatamente. De repente a gente localiza até a Gabriele. Marca com toda a turma. / Isso. Exato.*
- *Aí, eu aproveito e conheço os seus filhos. / Ah, então, “tá” ótimo. Vamos marcar sim.*
- *Ah, é mesmo? Ah, então, “tá” bom. Então, a gente faz isso. A gente se comunica no orkut e marca alguma coisa. / “Tá” certo.*
- */.../ entre em contato comigo. Eu “tô” precisando muito. / “Tá” ótimo.*

Dupla 7 –

- *“Tá” sumido, hein? / É, “pô”, bastante.*
- *“Putz”, prova? Não sou muito bom nisso não. / Ah, é sim! Estudando passa!*
- *Isso, isso. Não vai dar bolo! / Deixa comigo.*

Dupla 8 –

- *Ah, imagina! Que isso! Ah! Mas, olha, vamos marcar um dia desses “pra” gente sair, sabe? / Ah, sim. Mas “pra” isso você precisa pegar o meu e-mail, não é?*
- *O login bem grande... / Pois é, não pude fazer nada. Marcia você sabe como é que é, né?*

Dupla 10 –

- *Querida ver se dava “pra” gente arrumar um horário “pra” gente marcar e se encontrar. / “Pô”, beleza, cara. Pode ser. A gente vê aí na agenda e vamos fazer isso, cara.*

- *Vamos falar de serviço, não. Chega de serviço. / “Pô”, fechado, então. Que tal a gente tomar um choppinho? Pode ser?*

Dupla 11 –

- *Eu tenho que buscar ali meu marido e meus filhos e aí a gente podia ficar juntos. / Ah, é.*

Com relação à **expressão de emoção**, que pode ser de chateação, indignação, pena, incentivo, agrado, descobrimento etc, tem-se:

<i>(Ah) / (Poxa), que legal!; (duplas 1, 8)</i>	<i>Ah; (duplas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11)</i>	<i>Bacana!; (duplas 2)</i>	<i>“Pô”; (duplas 2, 5, 7, 8, 9, 11)</i>	<i>Que bom!; (duplas 3, 4, 5, 6, 7, 8)</i>	<i>Poxa; (duplas 4, 8)</i>
<i>Que pena; (dupla 4)</i>	<i>Que saudade! (dupla 4)</i>	<i>Ih; (duplas 6, 7)</i>	<i>“putz”!; (dupla 7)</i>	<i>Emocionante!; (dupla 9)</i>	<i>Que ótimo!; (dupla 8)</i>
<i>Que delícia!; (dupla 8)</i>					

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Ah, é? Que legal! Natália “tá” grávida de quanto tempo?*
- *Ah, não fala em trabalhar não.*

Dupla 2 –

- *É, né. Eu sou professor. / Caramba, bacana.*
- *“Pô”, que isso!*

Dupla 3 –

- *Ah, que bom, que bom.*

Dupla 4 –

- *Que sauuuudade! / Eu também, eu também*
- *Ué, mas vamos conversar um pouquinho. “perai”, poxa, me conta as novidades! Como é que você “tá”?*
- *Que pena! Porque, senão, a gente podia tomar um cafezinho.*

Dupla 6 –

- *E você? O que tem feito? / Ih, menina, “tô”, “tô” dando aula.*

Dupla 7 –

- *Fazer prova. / Putz, prova? Não sou muito bom nisso não.*

Dupla 8 –

- *Poxa, que legal! / Que delícia! Que ótimo!*

Dupla 9 –

- *É, acredite se quiser. Acredite se quiser! / Emocionante.*

Apesar da **expressão de surpresa** também ser uma **expressão de emoção**, optou-se por analisá-la separadamente devido a sua grande quantidade no *corpus*.

Os exemplos de **expressão de surpresa** são os seguintes:

<i>Que isso!;</i> (duplas 1, 2, 8)	<i>Ué?;</i> (duplas 4, 5)	<i>Ah!;</i> (dupla 2)	<i>Nossa (Senhora)!;</i> (duplas 1, 5, 6, 8, 11)	<i>Caramba!;</i> (duplas 1, 2, 7, 8)	<i>Menina(o)!;</i> (dupla 11)
<i>Mentira!;</i> (dupla 5)	<i>Gente!;</i> (duplas 5, 8)	<i>Puxa (vida)!;</i> (duplas 7, 8)	<i>Caraca!;</i> (dupla 8)	<i>Ô;</i> (duplas 2, 5, 7, 9, 11)	<i>Ôôôô;</i> (dupla 7)
<i>Ããã!</i> (dupla 9)	<i>Ó lá;</i> (dupla 5)	<i>Ih;</i> (dupla 8)	<i>(ah), imagina!</i> (dupla 8)		

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Que isso! Mais amor nesse coração.*
- *Acho que já estou até atrasado “pra” audiência. / Nossa! Como é que vai a tua mãe, teu pai?*
- *Caramba, se afastou de todo mundo?*

Dupla 2 –

- *Criança tem que ter... / Ah! “Tá” trabalhando com criança?*
- *Ô, doutor, tudo bem?*

Dupla 4 –

- *Ué, mas vamos conversar um pouquinho. “perai”, poxa, me conta as novidades! Como é que você “tá”?*

Dupla 5 –

- *Agora tenho uma filhinha. / Mentiiira!*
- *Nossa, quanto tempo a gente não se vê, gente!*
- *Fluminense, Fluminense. / Mengão. E, “ó” lá!*

Dupla 7 –

- *Ah, é. Muito antes da gravidez. / Ôôôô.*
- *Que bom! Puxa, nem esperava isso!*

Dupla 8 –

- *Ih, ih, Wendell. Você por aqui!*
- *Ah, imagina! Que isso! Ah! Mas, olha, vamos marcar um dia desses “pra” gente sair, sabe?*

- *Caraca! / Poxa, que legal!*

Dupla 9 –

- *Ele falou: Ããã (espanto) sete horas!*

Dupla 11 –

- *Menino! Quanto tempo! Casou?*

Quanto à **expressão de dúvida**, seguem-se os seguintes exemplos:

<i>Olha lá;</i> (dupla 5)	<i>(Hum,) não sei,...</i> (dupla 7)
------------------------------	--

Exemplos:

Dupla 5 –

- *Vou, vou. / Olha lá, Gracielle.*

Dupla 7 –

- *./.../Tem que ter peixe? / Hum, não sei. Bom, eu não tinha indicação e passei, né?*

Com relação às expressões de **entendimento**, o co-enunciador confirma ao enunciador que entendeu o que este lhe disse. Os exemplos encontrados foram:

<i>Ahhhh, ...;</i> (dupla 8, 11)	<i>Ah, “tá”;</i> (duplas 1, 3, 4)	<i>Humm;</i> (duplas 4, 6)	<i>Ãããã;</i> (duplas 4, 8)	<i>“tá”;</i> (dupla 4)	<i>Humhum;</i> (duplas 4, 5)
<i>“tá” bom, (então);</i> (duplas 3, 4)	<i>Ah, “tá”, “tá”, “tá”;</i> (dupla 4)	<i>Certo;</i> (duplas 4, 9)	<i>Por isso!;</i> (dupla 6)		

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Ah, “tá”, fiscal da natureza, né?*

Dupla 3 –

- *“Tô” morando em outro bairro. / Ah, “tá”.*
- *Eu “tô” super em cima da hora. / “Tá” bom, então.*

Dupla 4 –

- *Só que em compensação é mais quente. / Humm. E “tá” trabalhando aonde, agora?*
- *É, ainda não consegui sair de lá e eu espero que algum dia eu tenha coragem e uma perspectiva boa em outro local ainda dentro da mesma instituição. / Certo. E as novidades?*
- *Tudo meio igual. / É? Aãã!*

- *Agora, também não sei onde é que “tá”. / “Tá”, então, “perai”.*
- *38724444. / Humhum! “Tá” bom, beleza.*
- *Perto de Icarai. Final de Icarai. / Ah, “tá”, “tá”, “tá”.*

Dupla 6 –

- *Ih, menina, “tô”, “tô” dando aula. Não tenho tempo mais para nada! / Ah, é por isso! Nunca mais, né? Pois é.*

Dupla 8 –

- *Ah, eu “tô” por aqui porque eu “tô” corrigindo prova do ENEM. / Ahhhh, “tá” explicado!*

Expressão de **pedido de calma** é aquela em que um interlocutor pede ao outro para esperar um pouco ou ter calma. Os exemplos encontrados são:

<i>“Peraí”;</i> (duplas 4, 8, 10)	<i>Calma aí;</i> (dupla 10)	<i>Rapidinho;</i> (duplas 2, 10)
--------------------------------------	--------------------------------	-------------------------------------

Exemplos:

Dupla 2 –

- *Rapidinho. “Tá” com muita pressa mesmo?*

Dupla 4 –

- *Agora, também não sei onde é que “tá”. / “Tá”, então, “perai”.*

Dupla 10 –

- *“Peraí, perai”, rapaz. Calma aí.*

Muitas dessas expressões formulaicas de manutenção de conversação se classificam perfeitamente em outra categoria, dependendo da entonação e do sentido que o enunciador quer demonstrar por meio dessa fórmula de função fática. Por exemplo: as expressões *pois é* e *(ah) legal*, classificadas como **prolongamento de conversação**, dependendo da situação podem classificar-se também como expressões de **concordância** e **emotividade**, respectivamente. Algumas categorias, também, detêm uma diferença muito sutil entre si, podendo, uma mesma expressão ser classificada dentro de mais de uma categoria ao mesmo tempo. Algumas expressões que se classificam nos rituais de despedidas como pré-fechamento foram classificadas nessa parte como **prolongamento de conversação** ou **concordância e discordância**, por terem também a função de fazer com que o enunciador ganhe tempo para pensar em como vai começar o fechamento de conversação, prolongando a conversação, e/ou concordando ou

discordando com o que foi dito, além de sinalizar que o enunciador pretende terminar a interação, introduzindo o ritual de despedida.

Pôde-se observar depois da análise que as expressões fáticas que têm a função de manter a interação da conversação, de sustentar a conversação, testando o canal e fazendo com que os interlocutores se manifestem como presentes e prestando atenção à comunicação são muito utilizadas pelos brasileiros. Inclusive, algumas expressões como *né?*; *“tá” bom?*; *hein?*; *“tá?”*; *ah é?*; *pois é*; *legal*; *é*; *então*; *ai*; *ah*; *isso*; *“tá” bom*; *que bom*; *nossa*; *cara* foram empregadas por quase todos as duplas de informantes, comprovando que são fórmulas muito usadas na conversação. Portanto, o professor de PL2E deve levar ao conhecimento de seus alunos essas fórmulas de manutenção de conversação para que o estrangeiro possa entender o que significa um *“tá”*, *né*, *isso* etc, e desse modo possa não só prosseguir a conversação sem mal-entendidos, como também empregar essa função fática para o seu discurso ficar mais natural e mais próximo ao dos brasileiros.

4.1.6. Forma de Tratamento Utilizada pelos Brasileiros

Pode-se dizer que com relação à forma de tratamento utilizada pelos brasileiros na interação das duas primeiras situações, contexto entre amigos, foi usado o tratamento informal, ou seja, foram empregadas as formas de tratamento **você**; **tu** conjugado com a terceira pessoa; e **você** com complementos **te**, **contigo** que segundo Souza (1996), é típico da fala do carioca. Muitas vezes, no mesmo diálogo, houve a alternância do uso de **você** e **tu** conjugado na terceira pessoa. Como todos os informantes possuem nível superior completo, o uso do **tu** não pode ser vinculado à pouca instrução, mas sim à faixa etária jovem dos informantes e ao grau de proximidade entre os interlocutores no contexto. Além disso, todos os informantes que empregam a forma de tratamento **tu**, usam antes a forma **você**, vindo a alternar durante o diálogo entre os dois tratamentos, dando mais ênfase à sentença quando utiliza o **tu**. Nesse contexto, a forma *tu* denota familiaridade, intimidade, informalidade e coloquialismo, ou seja, uma forma de aproximação, devido à relação afetiva entre os enunciadores.

Quanto ao uso de **você** nas duas primeiras situações, na maioria dos diálogos, esteve relacionado ao uso de **te** como complemento, demonstrando um uso arraigado na fala do carioca. O uso de possessivos alternou entre o **seu/sua** e o **teu/tua**. Quando o enunciador empregava a forma **você**, geralmente usava a forma **seu/sua**. Quando utilizava a forma **tu**, empregava **teu/tua**. Houve casos em que mesmo usando **você** foi utilizada a forma **teu/tua**. Todos os informantes se trataram pelo **PrN** e muitos utilizaram apelativos como *cara, rapaz, amigo, irmão, companheiro* (sexo masculino); *menino(a), gente* (sexo feminino), demonstrando coleguismo e familiaridade.

As duplas 4, 5, 6, 8, 9, 10 e 11, além de um informante da dupla 2 e da dupla 3 utilizaram a forma de tratamento **você + te** como complemento. Quando usados os possessivos nesses casos, estavam na forma **seu/sua**. Exemplos: *Como é que você “tá”?*; *Vou te convidar também*; *Fala então seu celular* (dupla 4). No caso da dupla 7, além de um informante da dupla 1 e um informante da dupla 3, houve a oscilação dos tratamentos **você + te** e **tu**. Os possessivos, quando apareceram, também oscilaram entre **seu/sua** e **teu/tua**. Exemplos: *Teu telefone continua aquele mesmo!*; *E você “tá” trabalhando aonde agora?*; *Ah, não te disseram ainda?*; *Ah, é? “Pô” tu podia botar o meu nome lá na “fita”, né?*; *Seu. Seu. Você, você tem telefone?* (dupla 7). Um dos informantes da dupla 1, apesar de usar a forma de tratamento **você**, oscila no uso dos possessivos **seu/sua** e **teu/tua**: *Mas você é mau mesmo, cruz credo! / Sua mãe, seu pai. “Tá” tudo bem? / Nossa! Como é que vai a tua mãe, teu pai?* Já um dos informantes da dupla 2 só utilizou a forma de tratamento **tu, teu/tua**: *Nunca mais te vi por aqui! / Mas tu casou, tu ia casar, não ia? / Um beijão no teu pai, na tua mãe lá*. Por fim, apesar de os dois interlocutores da dupla 10 usarem a forma de tratamento **você + te** como complemento, durante o diálogo um deles empregou a forma oblíqua **ti** no lugar de **tu**: *“Tô” nessa. E ti, “tá” fazendo o que da vida?*

Como se pôde perceber pela análise, a forma **você + te** como complemento foi a forma mais utilizada para contextos informais da fala carioca, não deixando de haver a presença da oscilação com o **tu** conjugado na terceira pessoa, indicando uma maior familiaridade e coloquialidade à fala do jovem informante.

Na terceira situação, como já analisada em parte na seção referente aos cumprimentos de brasileiros (cf. 4.1.1), o uso de **senhor / senhora** do empregado para o chefe ocorreu em 8 duplas (duplas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 9). A diferença entre

elas está no uso de formas de tratamento com **título + PrN ou SbN** (duplas 1 e 3) e **Seu / Dona + PrN ou SbN** (duplas 2, 5, 6, 7), que conferem uma maior e menor formalidade ao contexto, respectivamente. A forma de tratamento com **título + PrN ou SbN** seguido de **o senhor** como **sujeito e/ou complemento** é usado em um contexto formal: *Doutor Rodrigo, como vai?; oi, diretora Fernanda, a senhora por aqui?* Cabe ressaltar que essa última forma, *diretora Fernanda*, não é muito usual no discurso brasileiro. A forma de tratamento **Seu + PrN ou SbN e Dona + PrN ou SbN** retrata um contexto semiformal: *Não poderia ser umas sete e meia, Seu Ulisses?; Oi, Seu Giovanni, tudo bem? Que surpresa encontrar o senhor por aqui; Oi, dona Rívia, tudo bem com a senhora?; Afrânio, esse aqui é o Seu Wallace, é o chefe lá da...* Nas duplas 4 e 9, o empregado se utiliza da forma **senhor/ senhora** como sujeito e/ou complemento, mas não emprega nenhum tipo de vocativo e/ou apelativo. Apesar disso, o tratamento utilizado se classifica como formal. O diálogo da dupla 4 é muito curto e essa dupla também empregou recursos como a marca Ø absoluta ao usar formas nominais como o gerúndio. O enunciador ainda incluiu a si mesmo para usar a primeira pessoa do plural e fugir do uso da forma de tratamento nas demais falas: *Aproveitando o final de semana, né?; Segunda-feira estaremos lá novamente.* Na dupla 9 houve alternância entre **senhor / você** em uma das falas do empregado e o uso de **PrN** como vocativo também em uma das falas do empregado. Mesmo assim, considerou-se esse diálogo como um registro formal, devido ao restante das outras falas do empregado fazer uso da forma **senhor/ senhora**.

Com relação aos outros três diálogos (duplas 8, 10 e 11), há o uso da forma de tratamento *você* pelo empregado. Apesar disso, o empregado da dupla 8 utiliza a estrutura *Prazer em vê-lo*, que demonstra um cuidado maior na fala, pois é uma estrutura de uso mais formal. O informante que faz o papel do empregado na dupla 11 utiliza o apelativo **doutor** - *Oi, e aí, doutor?* - com a forma de tratamento **você**. O uso do **título**, ainda que sem o **PrN** ou **SbN** marca certo distanciamento, porém, ao combinar-se com **você**, confere um tratamento semi-informal, sendo esta uma tendência, segundo Souza (1996), na fala do Rio de Janeiro. Por último, o empregado do diálogo 10, faz uso das seguintes falas: *Fala, chefe, tudo bom, cara?; Gosto muito da sua administração*, misturando elementos da informalidade como o apelativo *cara* e da semi-informalidade como o **título sem PrN ou SbN** como *chefe*, combinado com o **pronome possessivo seu**, sendo

classificado como um contexto de semi-informalidade. Em resumo, na forma de tratamento do empregado para o chefe, por menos formal que fosse, como apresentado nas duplas 8, 10 e 11, sempre esteve presente alguma marca para diferenciar o chefe de um amigo, por exemplo, seja por meio de um apelativo como um **título** e/ou uma linguagem mais cuidada por parte do empregado.

Por fim, pode-se dizer que o registro encontrado nessa situação variou entre o formal (4 ocorrências), semiformal (4 ocorrências) e semi-informal (3 ocorrências). O tratamento formal propriamente dito não foi unânime nessa interação devido ao fato de o povo brasileiro, segundo DaMatta (1984), estar sempre preocupado em transpor as relações pessoais da **casa** com toda sua carga de afetividade para as outras relações da **rua**, sendo grande a dificuldade em se manter relações em que não haja familiaridade. Não obstante, não se usou uma forma de tratamento totalmente informal, mantendo-se certo distanciamento por causa de uma posição hierárquica inferior. Em compensação, pelo português apresentar um tratamento diferenciado em contexto que envolve poder, o uso não-recíproco das formas de tratamento indica uma diferença de “status” social reconhecida. Portanto, observou-se que a forma de tratamento do chefe para o subordinado foi sempre informal, com o uso de *você* e **PrN**.

Logo, pode-se afirmar que houve um distanciamento na forma de tratamento de um subordinado para um superior por causa da falta de proximidade e do poder que envolve a figura do chefe, por mais que os interlocutores estivessem fora do ambiente de trabalho. Inclusive, pôde-se comprovar esse dado pelo fato de os diálogos da terceira situação, em geral, serem menores que os demais e não haver muito conteúdo, utilizando-se muitas expressões formulaicas de manutenção de conversação para tentar dar certo prosseguimento à conversação. Os diálogos da terceira situação, inclusive, tenderam a ser menores que os da segunda situação, onde havia o fator **pressa** como empecilho.

4.1.7. Representação Esquemática da Forma de Tratamento Utilizada pelos Brasileiros

A seguir, apresenta-se um quadro das formas de tratamento utilizadas pelos informantes brasileiros durante a interação, possibilitando uma melhor visualização dos itens analisados.

Contexto / Registro	Forma de Tratamento	Apelativo / Vocativo	Sexo do enunciador
Informal (grau de proximidade alto)	Você	PrN, Apelido, Rapaz,	Ambos
	Você + complemento te	Amigão, (Meu) irmão, Companheiro, Cara, ¹²	Masculino
	Tu + verbo 3ª pessoa	Menino(a) Gente	Feminino
Semi-informal	Você	Título sem PrN ou SbN	Ambos
Semiformal	O (a) senhor(a) como sujeito e/ou complemento.	Seu + PrN ou SbN ou Apelido Dona + PrN ou Apelido	Ambos
Formal (grau de distanciamento alto)	O (a) senhor(a) como sujeito e/ou complemento.	Título + PrN ou SbN	Ambos
	O (a) senhor(a) como sujeito e/ou complemento	----	Ambos

4.2.

Análise dos Alunos Iniciais de PL2E de Origem Hispânica

Nesta seção, analisam-se os dados obtidos das gravações a partir das situações propostas aos informantes hispano-falantes de nível iniciante.

4.2.1.

Rituais de Cumprimentos em Alunos Iniciais de PL2E de Origem Hispânica

Com relação à análise dos cumprimentos utilizados por alunos iniciantes de PL2E hispano-falantes na primeira e na segunda situações (cf. anexo 1) – situações em que dois amigos se encontram por acaso depois de muito tempo sem se ver -, a expressão de cumprimento mais comum foi *oi, tudo bem/bom?* Pôde-se comprovar pelos diálogos dos brasileiros que o *oi, tudo bem/bom?* é uma espécie de expressão “curinga”, já que é adequada em qualquer situação e contexto. Os estrangeiros ao se inteirarem dessa expressão realmente a empregam com adequação à situação. A expressão *olá* apareceu por duas vezes nos diálogos de alunos iniciantes. Em compensação, não apareceu nenhuma vez nas mostras dos brasileiros (cf. 4.1.1.). *Olá* é uma expressão de cumprimento existente no

¹² A expressão *cara* também está sendo utilizada por mulheres.

português, mas não tão usual, como visto na análise anterior. O uso de *olá* na fala do aprendiz hispânico pode ser explicado por influência de sua LM, já que uma saudação muito comum em espanhol é o *Hola*. Em todos os diálogos dos iniciantes, depois da expressão *oi* ou *olá* se seguiu o nome da pessoa como vocativo, assim como nos diálogos dos brasileiros.

Cumprimentos como *Como vai?*; *como você vai?*; *como vai você?*; *como está?* também foram encontrados em sete dos dez diálogos referentes a essas duas primeiras situações. Expressões como *Como vai?* e *Como vai você?* são empregadas em português, mas em um contexto mais formal (cf. 4.1.1). Já expressões como: *Como está?* e *Como você vai?* não são usuais e demonstram uma interferência da LM: *Cómo estás?* *Cómo te va?*

Expressões como *Quanto tempo!* (3 aparições); *Tanto tempo!* (2 aparições); *Estou com saudades de você!* (1 aparição); *(Faz) muito tempo que a gente não se vê!* (2 aparições); *Tem muito tempo que eu não vejo você!* (1 aparição); *Você não ligou para mim!* (1 aparição) foram utilizadas em todos os diálogos de nível iniciante para exteriorizar a emoção de dois amigos voltarem a se encontrar depois de algum tempo sem se ver como nos diálogos dos brasileiros (cf. 4.1.1). A expressão *Você não ligou para mim!* é curiosa, pois é uma maneira de se eximir da culpa de não ter entrado em contato com o outro. Esse tipo de expressão que transfere a culpa do tempo em que não se vêem para o outro também foi encontrada entre os brasileiros.

Segundo Goffman (1971), se duas pessoas conhecidas e próximas se encontram e voltam a se falar depois de algum tempo, mostram prazer na companhia um do outro. Esse interesse pelo outro, ritual positivo que aproxima o falante do ouvinte foi manifestado em expressões de cumprimento como: *Que bom ver você!*; *Suas coisas, sua vida, tudo bem?*; *O que **aconteci**¹³ da sua vida?*; *E sua família?*; *O que está fazendo agora?*; *E o que você faz **ahora**?* E como resposta a cumprimentos como: *como vai você?*; *Tudo bem?* etc foram encontradas também as expressões: *Eu “tô” bem, e você?*; *Bem; eu estou muito bem*. Inclusive, com a aparição do “tô”, forma usada na linguagem oral para *estou*.

¹³ Todas as expressões em negrito e itálico são mostras de interferência da LM no *corpus*.

No diálogo da dupla 3, em que os informantes são do sexo masculino com idade entre 18 e 25 anos, percebeu-se alguns cumprimentos encontrados na análise de brasileiros com essas mesmas características: *Oi, Cara, beleza? / Ah, Beleza, meu irmão! Como vai? / Tudo bem, tudo bem./ Ah, isso é bom; Cara, cara, cara. Fica aí, fica aí./ Que aconteceu, cara? / Cara, como está, meu irmão? Agora eu estou bem, e você? / Ah, tudo bom, meu irmão.* Com exceção do *como vai?* que não está muito adequado a um contexto entre amigos dessa idade e do *como está?*, influência da LM, a forma de cumprimento desses dois informantes é condizente com a dos jovens brasileiros do sexo masculino. Com relação ao diálogo da dupla 2, foram encontradas duas expressões que não se encaixam na categoria de cumprimentos como *muito prazer; e obrigada.*

Na análise da terceira situação (cf. anexo 5) os fatores distância social e hierarquia também interferiram no modo de se cumprimentar. Nessa situação, o chefe e o empregado se encontram por acaso em um shopping. Pôde-se perceber que os cumprimentos também foram menos extensos que os dos amigos, devido ao fato de não estarem muito tempo sem se ver e de os interagentes não possuírem um grau de proximidade grande. O cumprimento *Bom dia / boa tarde* foi encontrado em três dos cinco diálogos. Nos diálogos entre brasileiros nessa mesma situação, não foi encontrada nenhuma vez essa expressão. Pode-se pressupor que deva ser pelo fato de os informantes brasileiros serem jovens e este tipo de expressão não ser muito usual nessa faixa etária. Os brasileiros preferiram outras expressões (cf. 4.1.1). Nessa terceira situação do nível iniciante também foram encontradas expressões como *tudo bem/bom?* (2 aparições); *como que você está?* (1 aparição); *como está você?* (1 aparição); *como vai?* (1 aparição); *oi* (3 aparições); *olá* (1 aparição). Deve-se ressaltar que *como está você?* é uma interferência da LM dos informantes.

Com relação à forma de tratamento na terceira situação, prefere-se analisá-la em um item à parte (4.2.4) por considerá-la de extrema importância à análise desses diálogos.

4.2.2. Rituais de Despedidas em Alunos Iniciantes de PL2E de Origem Hispânica

Pode-se perceber que os diálogos dos alunos iniciantes de PL2E em todas as situações são mais curtos que os dos brasileiros. Acredita-se que nesse nível, por ainda haver muita interferência da LM, os aprendizes não possuem estruturas lingüísticas suficientes para desenvolver um diálogo mais extenso, mas os alunos não deixaram de cumprir os rituais de despedidas de conversação. Percebe-se ainda que os rituais de despedidas em todas as situações foram mais breves, indicando, além de uma falta de estruturas lingüísticas, uma interferência interacional da sua LM, já que os hispano-falantes são mais breves nos rituais de despedidas, não adicionando vários tipos de fechamento de conversação ao mesmo tempo, como é característico do brasileiro, povo que tem dificuldade de dizer *não* e de sair de situações embaraçosas (cf. 4.1.3). Esse fato se comprova, pois no nível avançado, essas mesmas características interacionais de despedidas são percebidas e já não falta, a um grupo de nível avançado, familiaridade com estruturas lingüísticas de cumprimentos nem de despedidas.

Com relação à segunda situação, observa-se que o fator pressa é mencionado logo no início do diálogo, ainda no ritual dos cumprimentos, não havendo praticamente conteúdo de conversa no diálogo, pois os interlocutores ao se cumprimentarem, um deles já fala que está com pressa. Com isso, já há a presença de um início de fechamento. O outro interlocutor ou tenta reabrir a conversação, tentando prolongá-la e insistindo para que conversem mais, ou a conversação se encerra nesse ponto, com expressões formulaicas de despedidas. Quando o co-enunciador tenta reabrir a conversação, o enunciador sempre repete que está com pressa, iniciando um fechamento por meio de um anúncio aberto, ao contrário dos brasileiros, que mesmo com pressa, sempre conversam, dando notícias e contando o que se passou com a vida de cada um, pois, como já mencionado anteriormente, os brasileiros não sabem lidar com situações despreferidas nem dizer *não*, importando-se muito em não ferir a **face** do outro.

Ao analisar cada dupla em cada situação, percebe-se que a dupla 1 na primeira situação procede ao ritual de despedida da seguinte maneira: uso de um fechamento pré-tópico - *Será que agora tem tempo você?* Nessa frase vê-se uma interferência estrutural da LM que é o uso do sujeito *você* no final da pergunta.

Como o interlocutor responde que tem tempo - *Sí, tenho, tenho, tenho* -, o enunciador realiza um fechamento por meio de um convite - *Vamos a um shopping a jantar?* Como o convite é aceito - *Sí* -; há uma reiteração do enunciador: *Vamos lá*; e o co-enunciador também reitera a aceitação do convite com a frase “*Tô*” *com fome também*. Nesse fechamento de conversação há outras duas interferências do espanhol: *Sí* e *vamos a jantar*. Essas estruturas estão muito arraigadas na LM do aprendiz. A primeira é o advérbio de afirmação, essencial para se afirmar qualquer sentença em espanhol, ao contrário do português, em que se afirma com o próprio verbo da pergunta. A segunda é a perífrase de futuro que no espanhol vem sempre acompanhado da preposição entre o verbo auxiliar *vamos* e o verbo principal no infinitivo *jantar*. Percebe-se que uma razão da interferência é justamente o aluno não conseguir se libertar de estruturas muito fortes e repetidas em sua LM como estas acima.

Na segunda situação, há um convite que pode ser considerado como um ritual de fechamento - *Ah, vamos, vamos tomar **alguna** coisa*. Esse convite não foi aceito devido à pressa do interlocutor - *Ah, desculpe, **estoy** agora... *tenho uma reunião muito importante. Mas vamos combinar outro dia para poder falar. “Tá” bom?* Como se pode perceber, o enunciador deu uma desculpa, justificou-a e lançou mão de um fechamento por meio de um encontro futuro. O enunciador reitera esse fechamento por marcação de encontro futuro e encerra com uma expressão para mandar lembranças aos pais do seu interlocutor *Eu ligo para você, “tá”?*; *Saluda a sus pais e mãe*. O co-enunciador ainda tenta reabrir a conversação: *O que você tem que fazer agora?*, mas o enunciador encerra a conversação novamente com um anúncio aberto e uma marcação de encontro futuro - *Eu tenho uma reunião muito importante. Não **podo**. Eu ligo para você*. Ao seguir com o ritual de fechamento de conversação, há a presença da expressão de lembranças à família - *Saluda a sus pai e mãe, “tá”?* - e a presença de expressões formulaicas muito adequadas a esse contexto como *Um beijo; beijo; tchau*. Somente nesse diálogo de nível iniciante apareceu a questão do *beijo* entre mulheres e/ou homens e mulheres. Acredita-se que os alunos saibam desse contexto lingüístico-interacional da saudação por meio de beijo e abraço como manifestações verbais, mas lhes custa usá-la por causa da interferência cultural da sua LM, não se sentindo muito à vontade com essas expressões. Pôde-se perceber*

que também houve muita interferência lingüística da LM e interlândia como *alguna; estoy; podo; Saluda a sus...*

Com relação à terceira situação, pode-se afirmar que a dupla 1 usou pré-fechamentos como *Então; “Tá” bom* e introduziu um fechamento por marcação de encontro futuro *veo você amanhã?*, que se repetiu na fala do co-enunciador também: *Amanhã a gente se vê, então*. Há também a presença de utilização de expressões formulaicas de despedida como *Até amanhã; tchau; e até logo*. Como analisado em 4.2.4, a dupla 1 se trata pelo PrN, mas alternou o tratamento entre *você* e *senhor*, havendo uma inadequação com relação ao uso da forma de tratamento. A relação chefe e empregado no Brasil pode ser mais informal, mas sempre há coerência no uso das formas de tratamento, não havendo mistura entre *você* e *senhor* como nesse diálogo. Por último, percebe-se a interferência da LM no verbo ver: *veo*.

Com a dupla 2 na primeira situação, também há um fechamento por meio de um convite *Fabiana, vamos a tomar um cafezinho?* e a aceitação do convite por parte do co-enunciador - *Boa idéia, vamos!* Esse fechamento de conversação é extremamente curto e assim como na dupla 1 nessa situação, não há a presença de pré-fechamentos, tão característico nas conversações brasileiras.

Com relação à segunda situação, pode-se dizer que o ritual de despedida foi bem rápido, sem nenhuma tentativa por parte do co-enunciador de reabrir a conversação. O enunciador iniciou um fechamento por meio de anúncio aberto com volta a um assunto já mencionado - *E justamente vou para lá. Eu estou atrasada. Eu tenho uma prova*. O co-enunciador mostrou desapontamento, mas emitiu um encerramento por meio de marcação de um encontro futuro - *Então, eu ligo para você*. A expressão formulaica de despedida encontrada foi *tchau*, sem nenhuma menção a *beijo* ou *abraço*. Sem o emprego das expressões *beijo* ou *abraço*, indo direto para o *Tchau*, sente-se que a despedida fica mais abrupta, saltando algum passo do ritual de encerramento dos brasileiros.

No que se refere à terceira situação, a dupla 2 se utilizou de pré-fechamentos como *Então;* e *Bom*, além de ter iniciado um fechamento com menção ao interesse do outro - *eu deixo que você continue com o seu trabalho*. Pode-se dizer que a estrutura dessa frase em português não é muito usual, havendo uma interferência da LM (*dejo que sigas con tu trabajo*), já que em português seria mais natural dizer algo do tipo *vou te deixar fazendo o seu trabalho, vai lá*

fazer o seu trabalho etc. Após esse fechamento, há o uso de expressões formulaicas de despedidas com interferência do espanhol *senhora Fabiana, muito prazer. Hasta pronto; Hasta pronto*. Convém ressaltar que houve uma confusão nesse diálogo entre a expressão - *muito prazer* - típica em apresentações e - (*foi um*) *prazer em vê-lo* -, expressão de despedida. Além disso, há a presença de expressão de despedida em espanhol como ***Hasta pronto***, misturando o português com a LM em formas simples do idioma, mostra de interferência típica de nível iniciante.

Na dupla 3, com relação à primeira situação, há a presença de uma espécie de pré-fechamento - *Oi, cara*, para chama a atenção do interlocutor. Cabe ressaltar que essa interjeição *oi* só se emprega em cumprimentos ou quando o co-enunciador não entendeu / ouviu o que o outro disse e quer que este repita. Nesse caso, para chamar atenção do outro, é mais adequada a expressão *ei* e não *oi*. Depois desse pré-fechamento, há a presença de uma técnica que inicia o fechamento por meio de anúncio aberto - *tenho que ir. Eu tenho que ir embora, cara* -; e a resposta também por anúncio aberto - *Eu tenho que ir também*. Também há a presença de um fechamento por marcação de encontro futuro - *Nos vemos outro dia*. Ao contrário de todos os outros diálogos dos brasileiros (cf.4.1.3), essa marcação de encontro futuro do aprendiz hispano-falante não faz nenhuma menção a telefone, orkut, MSN, e-mail etc. É uma simples despedida sem chances reais de os interlocutores se verem novamente, já que não se troca nenhuma informação quanto a esses dados. Esse fato se deve à crença e ao estereótipo de que os brasileiros marcam encontros futuros sem dar endereço ou telefone de contato, mas não se deve perder de vista que o contexto da primeira situação é o de dois amigos que não se vêem há muito tempo (cf. anexo 1). Para os amigos, os brasileiros trocam contatos como telefones ou e-mails para tentar manter alguma espécie de vínculo, conforme mencionado na análise de 4.1.3.

O diálogo termina com o emprego de fórmulas de despedidas como *adeus*; e *Até logo*. Essas duas estruturas estão inadequadas ao contexto, pois são interferência da LM dos aprendizes. O brasileiro só usa *adeus* quando se trata de uma despedida de caráter definitivo como um rompimento de uma relação ou até mesmo no caso de morte. Já o *até logo* não está adequado ao contexto porque os dois interlocutores têm idade entre 18 e 25 anos e o contexto é informal. A

expressão *até logo* ocorreu em situações mais formais e entre pessoas mais velhas (cf. 4.1.3), não se aplicando, portanto, a essa situação.

Com relação à segunda situação, o ritual de despedida foi bem longo porque o co-enunciador reabriu a conversação várias vezes: *Ah, não. Você tem que ir comigo a tomar um café; Ah, você, que tem que fazer?; **Policía, não!**; Ah, você tem tempo para fazer isso; Em quinze minutos você chega!; Eu pago o táxi a você. Mas você tem que...; Cinco minutos. Um cafezinho.* Em contrapartida, o enunciador a cada reabertura de conversação reiniciava o ritual de fechamento de conversação por meio de um anúncio aberto: *Cara, eu não posso! Estou muito **apurado**, cara; Cara, eu tenho que ir **a la policía**, cara; Tenho, cara, tenho que ir também à Prefeitura, cara; Não, cara. A Prefeitura **cierra a las doze**. São onze e meia. **Va a cerrar**, cara; Vai fechar, cara; Não, cara, não posso aceitar isso. **Se me está haciendo** muito tarde. Tenho que chegar cedo.* Por fim, há a presença de um encerramento por marcação de um encontro futuro - *Eu prometo que ligo para você, cara!* Devido ao estereótipo que os brasileiros carregam de nunca ligarem quando proferem esse tipo de frase - *vou te ligar* e variantes -, que tem caráter de um ato de fala de despedida, o interlocutor não acreditou - *Não, você não vai ligar.* Com isso, o enunciador promete reiteradas vezes ligar e o co-enunciador não acredita nenhuma das vezes: *Cara, eu vou a ligar, cara! / Nããã! Você, você... / Acredita em mim, cara! Eu vou a ligar a você! / Ah, “Tá” bom!* (desapontado).

Como visto na análise dos diálogos de brasileiros (4.1.3) e como mencionado na análise dessa mesma dupla na primeira situação nos contextos entre amigos que não se vêem há muito tempo (situações 1 e 2), houve a preocupação de troca de contatos telefônicos, de e-mail, MSN, orkut etc entre os brasileiros, não havendo uma simples despedida com um *te ligo*, para que esse tipo de fechamento não fosse uma expressão totalmente vazia de credibilidade e que pudesse efetivamente ser uma despedida por meio de marcação de um encontro futuro, dando uma esperança real ao interlocutor, ainda que este encontro não venha a ocorrer. No caso da dupla 3, não houve essa troca de contatos e há o total descrédito do co-enunciador em relação à despedida por marcação de encontro futuro do seu enunciador por acreditar que o outro não vai ligar, devido à experiência desse tipo com relação aos brasileiros. Por fim, há a presença de uma

expressão formulaica não usada por brasileiros, salvo em despedidas de caráter definitivo como é o caso de *Adeus*, sendo nítida a interferência do espanhol.

Quanto à terceira situação da dupla 3, pode-se perceber que não houve muita adequação com relação ao uso de rituais de fechamento. Houve uma tentativa de se introduzir um fechamento por meio de uma volta a um assunto já mencionado - *Senhor, fique tranquilo. Você vai **tener** pra segunda-feira o projeto terminado* - com interferência do espanhol: uso do vocativo *senhor* e sujeito *você*, fazendo uma tradução do *usted* inadequadamente; e uso do verbo *tener* no lugar de *ter*. Depois disso, o interlocutor responde com uma expressão sem sentido no português *Ah, eu dou licença a você*. O enunciador agradece e usa uma expressão formulaica de despedida como *Adeus*, não usada no português do Brasil, só no caso de despedidas muito longas. Por último, também se emprega a expressão formulaica *Até logo*, perfeitamente adequada a esse contexto mais formal.

No caso da dupla 4, com relação à primeira situação, assim como nas duplas 1 e 2, há a ausência de pré-fechamento e o ritual de fechamento de conversação começa abruptamente com um fechamento por meio de um convite - *Vamos ao shopping?* Há também a aceitação do convite pelo co-enunciador - *Vamos!* Cabe ressaltar que imediatamente antes do fechamento com a expressão - *Vamos ao shopping?* -, há o uso da expressão - *Muito prazer, amiga!* - que nesse caso se trata de uma inadequação à situação, pois o aprendiz confundiu a expressão *muito prazer* com *muito obrigada*, que deveria ser usada nesse contexto.

A segunda situação da dupla 4 é muito semelhante à segunda situação da dupla 3 no que diz respeito ao encerramento por marcação de um encontro futuro - *Vou **a** ligar para você amanhã!* - e a reabertura da conversação por meio da incredulidade do co-enunciador - *Eu **falei** ontem para você, **pero**, mas você não respondeu minhas chamadas; Eu ligo para você todos os dias, mas você não responde “pra” mim*. Depois de várias tentativas de fechamento por meio de marcação de encontro futuro - *Amanhã vou **a** responder. Amanhã vou **a** ligar eu. Eu prometo! / É certo?/ Certo! Acredita em mim! / Eu espero sua **llamada***, há o uso de expressão formulaica - *Até logo* -, mas sem nenhum pré-fechamento e nem o uso de expressões formulaicas que remetem ao contato físico como *beijo*, não sendo muito usual em brasileiros esse tipo de despedida empregada por essa dupla, sendo muito abrupto. Além disso, o *até logo* não foi uma expressão

usualmente encontrada em diálogos entre amigos, logo não é muito adequada a esse contexto, diferente do contexto da terceira situação.

Na terceira situação da dupla 4, os dados que podem ser levados em consideração são o uso de expressões de despedidas como *adeus* e *até logo*. Aqui, cabe uma observação em relação a essas duas expressões. Ao contrário dos demais diálogos, o *adeus* nessa situação é muito mais adequado que o *até logo*, já que a empregada foi despedida. Como esta perdeu seu emprego, despede-se com *adeus*, estando inadequado por parte do outro, o chefe, despedir-se com um *até logo* alguém que acaba de despedir e não quer mais ver. Lógico que se acredita que o uso do *adeus* não foi intencional nesse sentido de despedida de caráter definitivo, mas apenas uma interferência da LM. Porém, nesse contexto é muito mais adequado que o *até logo*, que demonstra um caráter de brevidade e, nesse contexto foi mal empregado.

Na dupla 5, pode-se dizer que na primeira situação há o uso de um fechamento também por meio de um convite - *Agora **mesmo** nós podemos ir a visitar o Maracanã ou ir à praia* -; há a escolha do co-enunciador por um dos dois programas a fazer e a sua justificativa para tal escolha - *Vamos à praia. **Hoy** o dia está quente e eu necessito **bronzear-me*** -; e, para encerrar definitivamente a conversação, a aceitação final com a confirmação - *Tudo bem. Vamos*. Como nas demais duplas, há a ausência de pré-fechamento e algumas interferências do espanhol como *mesmo; ir a visitar; hoy; e bronzear-me* ao invés de *me bronzear*, já que nenhum brasileiro, ao usar uma linguagem mais coloquial com um amigo, fala *bronzear-me*.

Na segunda situação dessa dupla, há a presença de uma tentativa de fechamento por anúncio aberto - *estou com pressa. Eu tenho que ir ao banco* - e uma reabertura de conversação por parte do co-enunciador - *No, no. Vamos a tomar um sorvete!* Depois disso, há novamente outros dois fechamentos de conversação por anúncio aberto - *No, no posso! Eu tenho que ir embora! / Não, vamos! / Eu tenho **prisa!** Outro dia, eu ligo para você.* Nesta última fala há também uma despedida por marcação de um encontro futuro. Para finalizar a conversação, há a presença da expressão de despedida *tchau* sem, contudo, fazer nenhum pré-fechamento nem a menção de expressão formulaica de despedida por referência a contato físico como *beijos*.

No caso da dupla 5, a terceira situação demonstra que o ritual de despedida foi introduzido abruptamente com apenas uma expressão como *até logo* sem pré-fechamento ou qualquer outra técnica de fechamento.

4.2.3.

Rituais de Manutenção de Conversação em Alunos Iniciantes de PL2E de Origem Hispânica

Com relação à chamada função fática, pode-se perceber que esse tipo de estrutura formulaica não foi muito utilizada pelos alunos iniciantes de PL2E, ao contrário do uso verificado nos brasileiros, já que é uma estrutura que se adquire ao longo da prática, do aprendizado e da interação com falantes da língua alvo. O uso das expressões de interação dialogada demonstra maior naturalidade ao discurso. Nos diálogos de nível iniciante foram encontradas expressões de manutenção de conversação na própria língua materna ou traduzidas literalmente para o português, produzindo uma interlíngua:

Expressões encontradas no <i>corpus</i>	Expressões equivalentes em português
<i>que bem</i>	<i>que bom</i>
<i>..., no?</i>	<i>..., né?</i>
<i>sí</i>	“ <i>tá</i> ” ou “ <i>tá</i> ” <i>bom</i>
<i>..., comprede?</i>	<i>..., entendeu?</i>
<i>oi (oye), cara...</i>	<i>ei, cara...</i>
<i>..., sim?</i>	<i>..., né?</i>

A seguir, faz-se a análise das categorias do grupo **dinâmica da conversação**. Na categoria **teste de compreensão ou confirmação** foram encontradas as seguintes expressões de função fática:

“ <i>tá?</i> ”; (dupla 1)	“ <i>tá</i> ” <i>bom?</i> ; (dupla 1)	<i>ah, é?</i> ; (dupla 1)	<i>é mesmo?</i> ; (dupla 3)	<i>é?</i> ; (dupla 3)	<i>É certo?</i> ; (dupla 4)
------------------------------	--	------------------------------	--------------------------------	--------------------------	--------------------------------

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Eu ligo para você, “tá”?*
- *Mas vamos combinar outro dia para poder falar. “Tá” bom?*
- *Ah, é? Legal.*

Dupla 3 –

- *É mesmo?*
- *É? Ah, adeus.*

Dupla 4 –

- É certo? / *Certo! Acredita em mim!*

Com relação a expressões de **prolongamento da conversação**, foram encontradas as seguintes fórmulas:

(Ah,) <i>legal</i> ; (dupla 1)	<i>Beleza</i> ; (duplas 1 e 3)	<i>É, legal</i> ; (dupla 1)	<i>Então</i> ; (duplas 1 e 2)	<i>é, é, é</i> ; (dupla 3)	<i>mas</i> ; (duplas 2, 3 e 4)
<i>Bom/ bem</i> ; (duplas 2 e 4)	<i>Ah, isso é bom</i> ; (dupla 3)	<i>É</i> ; (dupla 3)			

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Mas não. Vamos a ficar aqui, passar no em Rio. / Ah, legal, beleza!*
- *É, legal. Então, **veo** você amanhã? / Amanhã a gente se vê, então.*

Dupla 3 –

- *Ah, isso é bom. / é, é, é.*
- *É, cara, alguma vez eu tenho que estudar.*

Dupla 4 –

- *Bom, eu sou doutora. Você podia ligar para eu ouvir seu caso. / Bem, mas, certo, no.*

Quanto ao **apelativo**, foram encontrados os seguintes exemplos:

<i>Cara</i> ; (dupla 3)	<i>..., meu irmão</i> ; (dupla 3)
----------------------------	--------------------------------------

Exemplo:

- *Ah, cara. É uma coisa difícil na vida.*
- *Ah, beleza, meu irmão!*

Essas duas expressões fazem parte do repertório masculino e jovem.

No que se refere ao **pedido de atenção**, foi encontrado o seguinte exemplo:

<i>Olha</i> ; (dupla 4)

Exemplo:

Dupla 4 –

- *Olha, Camila, essa é minha pior empregada.*

Agora, faz-se a análise das categorias do grupo **conteúdo expresso na conversação**. Quanto à categoria **concordância ou discordância**, há os seguintes exemplos:

<i>É;</i> (duplas 1 e 3)	<i>“tá” bom;</i> (dupla 1 e 3)	<i>(ah) “tá”;</i> (dupla 1)	<i>Claro;</i> (dupla 1)	<i>Ah, não;</i> (dupla 3)	<i>(Ah) Isso é bom;</i> (dupla 3)
<i>(É) Certo;</i> (duplas 4 e 5)	<i>tudo bem;</i> (dupla 5)				

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Claro, eu ligava para você e você não me ligava. / É. E o que aconteceu todo esse tempo com você, que não conta nada?*
- *..., “Tá” bom? / “Tá” bom. **Pero** você...*
- *Saluda a sus pai e mãe, “tá”?/...// Ah, “tá”, /.../*

Dupla 3 –

- *Mas **estoy** com **prisa**, cara. / Ah, não. Você tem que ir comigo a tomar um café.*
- *Por sorte, ela estava dormindo já. / Ah, isso é bom, meu irmão!*

Dupla 5 –

- *Você paga muito pouco / É certo. /.../*
- *Outro dia, eu ligo para você. / Tudo bem.*

Com relação à **expressão de emoção**, tem-se:

<i>Que droga!</i> (dupla 1)	<i>Ah;</i> (duplas 1, 3 e 4)	<i>(Oh) Que bom;</i> (duplas 1, 2 e 5)	<i>Parabéns!</i> (dupla 1)	<i>Que beleza;</i> (dupla 3)	<i>Ããã;</i> (dupla 2)
<i>Que pena!;</i> (dupla 4)	<i>Muito bem;</i> (dupla 5)	<i>Oh;</i> (duplas 2 e 5)			

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Ah, que droga!*
- *Sí, foi tudo bom. **Laborar** /.../ Ficou caro não. / Parabéns!*
- *Sí. Eu quero ver também. / Que bom! Será que agora tem tempo você?*

Dupla 2 –

- *E justamente vou para lá. Eu estou atrasada. Eu tenho uma prova. / Aãã. (desapontamento) Então, eu ligo para você.*

Dupla 3 –

- *Foram à Itália. / Ah, beleza. Que beleza!*

Dupla 4 –

- *Estou muito **apurada**! Tanto tempo! Que pena! Vou a ligar para você amanhã!*

Dupla 5 –

- *Também faço turismo os fins de semana. / Oh, muito bem. O Rio tem muitos lugares para conhecer.*

Seguem-se os seguintes exemplos de **expressão de surpresa**:

<i>Ih!</i> (dupla 3)	<i>Ah!;</i> (dupla 1)
-------------------------	--------------------------

Exemplos:

Dupla 1 –

- *Dentro de o ônibus, eles roubaram. /Ah!*

Dupla 3 –

- *Mãe **murió**? Ih! / Eh, cara.*

Como se pode perceber, não houve tanta variedade de categorias nem de expressões formulaicas de interação dialogada pelos aprendizes de nível iniciante. Houve interferência de expressões da LM e inadequação de expressões como o uso de *cara* e *meu irmão* na terceira situação onde se exigia um contexto mais formal de uso. Afinal, trata-se de um diálogo entre patrão e empregado. Isso se deve ao fato de essas estruturas serem adquiridas com o tempo por meio da interação com falantes nativos ou estrangeiros de níveis bem avançados.

4.2.4.

Forma de Tratamento Utilizada pelos Alunos Iniciantes de PL2E de Origem Hispânica

Com relação à forma de tratamento utilizada pelos alunos iniciantes de origem hispânica na interação das duas primeiras situações contexto entre amigos, pode-se dizer que foi empregada uma forma de tratamento informal. Contudo, a forma utilizada foi somente o tratamento **você**, com complementos direto e indireto **você** e nunca **o(s)**, **a(s)**, **-lo(s)**, **-la(s)**, ou **lhe(s)** que confere ao diálogo um tratamento mais formal aos interlocutores. Tampouco foi utilizado o complemento **te** que confere mais naturalidade ao tratamento informal **você**, de acordo com a análise dos dados dos brasileiros (cf. 4.1.6). Esse dado demonstra certa falta de familiaridade dos alunos iniciantes com o uso das formas de tratamento, já que o fato de não se encontrar o uso de complemento **te** com **você** demonstra uma inabilidade no manejo das formas de tratamento no nível informal, havendo uma produção de frases não muito usuais e/ou agramaticais como: **Tem muito tempo*

*que eu não ver você!; *Eu pago o táxi a você* (dupla 4) - ao invés de *tem muito tempo que eu não te vejo* ou *Eu te pago um táxi* (mais usual nesse contexto) - ou *Vou fazer esse favor para você* (dupla 4) - ao invés de *Vou te fazer esse favor* (mais usual nesse contexto) – ou ainda *Eu ligo para você* (duplas 1, 2, 3, 4 e 5) - ao invés de *Eu te ligo* (mais usual nesse contexto).

O uso do **tu** conjugado com a terceira pessoa também não foi encontrado nos diálogos dos informantes de nível iniciante. Apesar de esses alunos estarem em imersão e, portanto, expostos à fala de brasileiros que empregam formas de tratamento como **você + te** e **tu + terceira pessoa**, não foi observado o emprego dessas formas pelos alunos iniciantes, fazendo crer que não as assimilaram, seja pela falta de sistematização e explicação em sala de aula, seja por um bloqueio por causa da interferência do espanhol em que nunca se mistura o tratamento de segunda com terceira pessoas gramaticais.

Com relação à terceira situação, a dupla 1 se tratou pelo **PrN**. No entanto, a empregada durante o diálogo chamou uma vez o chefe de **senhor**, apesar de sua interlocutora ser uma mulher. Inclusive, depois da gravação, essa dupla disse não saber como tratar em português um chefe nessa situação. Considera-se esse uso como um desvio à norma carioca, pois o tratamento pelo **PrN** é informal e não condiz com o uso de **senhor**. A dupla 2 utiliza-se da seguinte estrutura: *Boa tarde, *senhora Fabiana. Como está você?* Segundo Souza (1996), o uso de **Senhora + PrN** não é usual, demonstrando uma falta de competência lingüística e, conseqüentemente, comunicativa, pois esta frase não está de acordo nem com o sistema nem com a norma carioca. **Senhora + PrN + SbN** e **Senhora + SbN** (geralmente do marido) são os possíveis usos atuais desse vocativo. O primeiro pode ocorrer na oralidade, mas em situações muito formais. O segundo, nas colunas sociais ou em eventos sociais cerimoniais. Nessa frase ainda há outra inadequação, pois começa com um tratamento muito formal - **Senhora** - e acaba com um pronome de tratamento mais informal **você**. Pode-se dizer que na dupla 2, assim como na dupla 1, há um desvio à norma, pois segundo Dubois et alii (1996, pp.179-180), **desvio** é qualquer ato de fala que transgride uma das regras de uso geral de uma língua comum a um conjunto de falantes.

A dupla 3 também faz uso inadequado das formas de tratamento. Mistura o vocativo **senhor** com o pronome de tratamento **você**: *Senhor, você fique tranqüilo!* Acredita-se que seja interferência do pronome de tratamento **usted** que

é usado em registros formais em espanhol junto com vocativo **señor**. A tradução literal de **usted** é **você**, mas com relação ao uso, o primeiro é uma forma de tratamento formal e o segundo, informal, não havendo equivalência de uso. Essa dupla usa também o apelativo *chefe*, característico de um tratamento semi-informal: *Oi, chefe, como que você está?* Porém, assim como as duas duplas anteriores, esta também transgredir as regras de uso geral das formas de tratamento.

A enunciadora que representa a empregada da dupla 4 chama a chefe usando o **título doutora** sem **PrN** ou **SbN** e a **forma de tratamento Ø**: *Ai, doutora, desculpe, ontem eu cheguei tarde.../ Doutora, como vai?* Segundo Souza (1996), esse tipo de **marca Ø** é “parcial”, pois a marca verbal, sobretudo no imperativo *desculpe*, comporta um referencial de tratamento a pessoa do ouvinte, embora não se saiba qual (se **você** ou **senhor/senhora**). Pode-se dizer, então, que na **marca Ø parcial** há um tratamento, ainda que não-diferenciado. Esse uso demonstra falta de segurança do enunciador ao falar, pois não conhecendo bem a norma, limita-se ao conteúdo do enunciado, não transgredindo nenhuma regra de uso.

Por fim, a dupla 5 mistura o uso das formas de tratamento **senhor** e **você**: *Boa tarde, patrão. O senhor está passeando com a família?; Você paga muito pouco; você é um bom chefe*. Assim como as três primeiras duplas, o informante que faz o papel de empregado comete um desvio à norma ao misturar dois tratamentos de registros distintos: formal e informal.

Essa inadequação à forma de tratamento na situação 3 ocorre pelos alunos não saberem comportar-se nesse tipo de contexto que não é o mesmo usado em sala de aula, já que o professor trata os alunos de uma maneira informal e estes também são estimulados a usarem o pronome de tratamento **você** e a chamarem o professor pelo **PrN** ou pelo **título professor** sem **PrN** ou **SbN**, tratamento semi-informal. Também não transferem de sua LM o tipo de tratamento usado nessa situação: o formal. Acredita-se que pelo fato de os estrangeiros terem a visão de que o brasileiro é sempre informal, também agiria numa situação em que há certo distanciamento social, usando a forma de tratamento informal. Como visto em 4.1.6, pode-se afirmar que a forma de tratamento do empregado para o chefe está entre o formal, o semiformal e o semi-informal. Logo, não se usa uma forma de tratamento informal, mantendo-se certo afastamento por causa de um

distanciamento social. No entanto, assim como os brasileiros, o tratamento do chefe para o empregado nos diálogos dos estrangeiros de nível iniciante de português é sempre informal, já que são usados a forma de tratamento *você* e o primeiro nome do empregado.

4.3. Análise dos Alunos Avançados de PL2E de Origem Hispânica

Nesta seção, analisam-se os dados obtidos das gravações a partir das situações propostas aos informantes hispano-falantes de nível avançado.

4.3.1. Rituais de Cumprimentos em Alunos Avançados de PL2E de Origem Hispânica

Com relação à análise dos cumprimentos utilizados por alunos avançados de PL2E hispano-falantes na primeira e na segunda situações (cf. anexo 1) – situações em que dois amigos se encontram por acaso depois de muito tempo sem se ver –, as expressões de cumprimento mais comuns foram *oi, tudo bem/bom?* (4 das 5 duplas de avançado). Assim como nos diálogos dos brasileiros (cf. 4.1.1) e nos diálogos dos alunos iniciantes de PL2E (cf. 4.2.1), essas duas expressões de cumprimento são as mais usadas e adequadas a qualquer contexto. Com exceção dos diálogos da dupla 9 e do diálogo da primeira situação da dupla 10, em todos os outros diálogos dos demais informantes, no que se refere às duas primeiras situações, depois da expressão *oi* se segue o nome da pessoa como vocativo.

Como na análise do nível iniciante, diferindo do uso verificado nos brasileiros, também foram encontrados no nível avançado, em um contexto entre amigos, cumprimentos como: *Como vai?; como vai você?; e você, como vai?; como você vai?; como anda você?; Que é da vida de você?; como está?* em cinco dos dez diálogos referentes a essas duas primeiras situações. Como já mencionado anteriormente (cf. 4.2.1), expressões como *Como vai?* e *Como vai você?; e você, como vai?* são empregadas em português, mas em um contexto mais formal (cf. 4.1.1). Já expressões como *Como está?; Como você vai?; como anda você?; Que é da vida de você?* não são usuais e demonstram uma interferência da LM. Essas expressões correspondentes em espanhol são *Cómo estás?; Cómo te va?; Cómo andas?; Qué es de tu vida?* Interferências como *qué tal?* também apareceram em

um diálogo. É preciso levar em consideração a questão da faixa etária na dupla 1, composta de dois informantes do sexo masculino com mais de 35 anos. Esse dado pode ter influenciado sua preferência pelo *como vai?* em detrimento ao *tudo bem?*

Expressões como *e o que você “tá” fazendo em Rio? Que surpresa!* (1 aparição); *eu não sabia que eu ia te encontrar aqui! O que que você está fazendo? tanto tempo!* (1 aparição); *Eu não pensava encontrar você aqui! Faz tempo que eu não vejo você.* (1 aparição); *Quanto tempo!* (1 aparição); e *Muito tempo!* (1 aparição) também foram encontradas nos diálogos de nível avançado, exteriorizando alegria e satisfação de voltar a ver o outro depois de algum tempo. Nesse contexto, houve também uma interferência do espanhol em um dos diálogos quando o enunciador usa: *Hace muito tempo!* Expressões como *Como é que você está?; Como que está?* também foram encontradas para exteriorizar o interesse pelo outro e realmente saber como seu interlocutor está, já que essas expressões foram enunciadas depois do *oi, tudo bem/bom?* É importante salientar que a expressão *Como que está?* não é usual e indica uma interferência da LM.

Como resposta aos cumprimentos, pôde-se perceber o uso de: *(eu estou) muito bem, (obrigado)!* (5 aparições) *Tudo bem/bom* (3 aparições); *tudo* (1 aparição). Cabe ressaltar também o uso de “tá” e “tô” em lugar de *está* e *estou* em todas as duplas de nível avançado, adequando-se ao uso dos brasileiros como em: *o que você “tá” fazendo em Rio?; “tô” indo “pra” faculdade; como que “tá” indo?; Eu “tô” um pouco enrolada; “tá” tudo bem.*

Na primeira e na segunda situações da dupla 6, assim como percebido na análise dos brasileiros (cf 4.1.1), a expressão formulaica *oi* foi substituída pelo próprio nome da pessoa com uma entonação mais prolongada de surpresa pelo reencontro: *Marco, Marco, é você?; Roberto!*

Cabe ressaltar a adequação ao contexto que a dupla 9 também teve ao se utilizar de um comportamento não-verbal muito empregado entre os brasileiros ao se cumprimentarem: os **beijos aéreos**. Foi a única dupla de aprendizes a utilizar esse recurso não-verbal nos cumprimentos. As duplas 6 e 7, combinadas às expressões de cumprimentos, usaram interjeições que reforçavam o caráter de surpresa e satisfação de encontrar o outro: *Ei, como vai?; Ah, legal!*, fazendo-se uso de um recurso muito utilizado na fala dos brasileiros.

Quanto à análise da terceira situação (cf. anexo 1), os fatores distância social e hierarquia, assim como nos dois outros grupos, também interferiram no

modo de se cumprimentar. Nessa situação, em que chefe e empregado se encontram por acaso em um shopping, pôde-se perceber que os cumprimentos também foram menos extensos que os dos amigos, devido ao fator hierarquia e/ou grau de distanciamento, além de não estarem muito tempo sem se ver. Assim como os alunos de nível iniciante, o cumprimento *Bom dia / boa tarde* foi encontrado em dois dos cinco diálogos. Como já mencionado anteriormente, nos diálogos entre brasileiros nessa mesma situação, não foi encontrada nenhuma vez essa expressão. Expressões como *oi* (3 aparições); *tudo bem/bom?* (2 aparições); *como está a senhora?* (1 aparição); *como vai (você)?* (3 aparição) também foram encontradas, havendo uma maior similaridade entre a forma de cumprimento nessa situação entre os brasileiros e os alunos de nível avançado do que entre os brasileiros e os alunos de nível iniciante.

Com relação à forma de tratamento na terceira situação, fator que influencia no contexto desse diálogo, prefere-se analisá-la em um item à parte (4.3.4).

4.3.2. Rituais de Despedidas em Alunos Avançados de PL2E de Origem Hispanica

Em nenhuma das três situações os alunos avançados deixaram de cumprir os rituais de despedidas de conversação, mas percebe-se que as despedidas tenderam a ser mais breves que as dos brasileiros, confirmando a idéia de que estes são um povo que tem dificuldade de dizer *não* e de se sair de situações embaraçosas (cf. 4.1.3). No nível avançado já não cabe mais a concepção de que não há familiaridade com estruturas lingüísticas do tipo abertura e fechamento de conversação. Portanto, a característica interacional da brevidade no ritual de fechamento de conversação se deve à interferência no comportamento desse falante devido a sua LM. Como em espanhol o ato de fala **despedidas** é mais breve, por não haver tanta dificuldade em se dizer *não* e de agir com atos de fala despreferidos, as despedidas na língua alvo também tendem a ser mais breves, devido à transferência desse comportamento para o PL2E. Pôde-se perceber também que no nível avançado já houve uma troca maior de informações nos diálogos, justamente pelo fato de os interagentes possuírem mais domínio das estruturas lingüísticas, agindo mais naturalmente, mais próximos aos diálogos dos brasileiros.

Ao analisar a dupla 6 no que diz respeito à primeira situação, observa-se que o enunciador se utilizou de um fechamento pré-tópico - *Marco, você tem tempo, ou está de **prisa**?* Como o co-enunciador não tem pressa - *Não, tenho tempo, tenho tempo* - inicia-se o fechamento por meio de um convite - *Vamos tomar um cafezinho?* Há a aceitação do convite - *Claro, claro* - e a confirmação - *Vamos*.

Quanto à segunda situação, algo semelhante aos diálogos dos brasileiros (cf. 4.1.3) é que o enunciador não anuncia abertamente, desde os cumprimentos, que está com pressa, ao contrário dos diálogos dos níveis iniciante e de alguns do nível avançado, que anunciam logo nos cumprimentos que há um fator pressa presente, ameaçando a face do outro. No diálogo dos brasileiros, quando se mencionava a pressa depois dos rituais de cumprimentos, isso era feito de uma forma sutil, inclusive, utilizando-se de recursos como o diminutivo - *Pouquinho de pressa* - para não ameaçar a face do outro. Além disso, sempre foi travada uma conversa depois dessa menção. Já no caso dos iniciantes não ocorreu da mesma forma. Era declarado abertamente que se tinha pressa, nem chegando a se prosseguir uma conversa, pois se começava logo o ritual de despedida.

Com relação à dupla 6 em questão, o enunciador, depois de uma conversa por um certo tempo, anuncia abertamente por meio de uma desculpa que precisa pegar as filhas no colégio - *E desculpa, Roberto, tenho que pegar minhas filhas na escola e estou, tenho pressa*. O co-enunciador reabre a conversa - *Ah, um momentinho. Temos que falar. Faz tanto tempo, tantos anos que não falo com você /.../* - e depois de ter sua própria pergunta respondida pelo enunciador, introduz um fechamento pré-tópico - *Que bom, que sorte! Pedro, você tem telefone para que eu possa ligar?* O enunciador fornece o número de telefone, um contato, algo que foi muito recorrente também nos diálogos de brasileiros, e introduz uma seqüência de três fechamentos por marcação de encontro futuro: *Bom Pedro, vou ligar para você amanhã, pode ser? / “Tá” ok. / Tem tempo amanhã para tomar um cafezinho e me falar da alta política e estratégia? / Você pode ligar à tarde. Na manhã eu estou na escola. / Amanhã eu ligo*. Para encerrar definitivamente a conversa foi usada a fórmula de despedida *tchau* e a expressão de interferência do espanhol - *Sorte* - que também apareceu na dupla 10. Cabe ressaltar também que se detectou a presença do pré-fechamento *Bom*. Pode-se dizer que esse diálogo está bem próximo dos exemplos

de diálogos brasileiros, com um ritual de despedida mais extenso, equiparando-se aos moldes brasileiros.

Ainda com relação à dupla 6, na terceira situação observa-se o uso de pré-fechamento como *Bom* e um fechamento de conversação, ressaltando o interesse e o prazer de falar com o outro, apesar da interlíngua e inadequação de estruturas do português como *muito obrigado de falar com você. Espero que tem um bom dia*. Nesse exemplo houve a confusão do *muito obrigado* com *muito prazer*. O co-enunciador responde usando adequadamente a expressão *um prazer*, mas usa *muito obrigado* inadequadamente. Por interferência do espanhol os interlocutores usam a expressão formulaica *adeus* sem estar em um contexto de despedida de caráter permanente.

Quanto à dupla 7, pode-se perceber que na primeira situação há a utilização de pré-fechamento, ritual muito comum entre os brasileiros e pouco usado entre os aprendizes iniciantes de PL2E *Ah, "tá"; Então*. Em seguida, o enunciador se utiliza de uma técnica que inicia o fechamento por meio de um anúncio aberto - *vou "pra" faculdade agora*. Como se trata de um diálogo entre duas amigas, uma pede o telefone da outra, fato que se repetiu nos diálogos dos brasileiros e que só apareceu nas duplas 6 e 7: *mas qual é seu número de telefone? / É 82888888*. Com isso, há um fechamento por meio de marcação de um encontro futuro - *Então, depois a gente combina!* - e expressões formulaicas de despedida como *Tchau*. Esse ritual de despedida está muito adequado ao contexto e muito semelhante ao dos brasileiros analisados em 4.1.3, só havendo uma interferência da LM: *telefone*.

Com relação à segunda situação, o co-enunciador, depois de receber um convite para almoçar, fechamento pré-tópico (*Você não quer vir com a gente?*), enuncia que está com pressa por meio de uma iniciação de fechamento por anúncio aberto - *Ah, não posso. Tenho que ir. Tenho um encontro. Tenho que ir*. Há a reabertura da conversação, mantendo-a por algum tempo e depois uma nova tentativa de encerrá-la por meio de uma volta a um assunto já mencionado e marcação de encontro futuro - *Mas ele vai estar aqui. Não quero que ele espere. Mas, se você quiser, te dou meu número. Depois você me pode ligar*. O ritual de encerramento é aceito - *Ah, "tá" bom, então...* - e o contato telefônico é trocado - *Então, é 82888888*. Para encerrar a conversação, as expressões formulaicas de despedidas usadas foram *tchau*; e *até mais*. O *até mais* não foi uma expressão

encontrada em contexto de amigos nos diálogos brasileiros, mas não deixa de ser uma expressão formulaica de despedida existente, portanto, adequada, mas não muito usual nos informantes brasileiros. Como técnica de pré-fechamento apareceram - *Então; Ah, “tá” bom, então; e Legal*. Esta última expressão não se encaixa muito bem como pré-fechamento, mas sim como expressão formulaica de manutenção de interação dialogada com a finalidade de dar prosseguimento à conversação e não ao encerramento. Esse diálogo também se mostrou bem adequado ao contexto e compatível com um diálogo entre brasileiros.

Na terceira situação, a dupla 7 muito adequadamente introduz o ritual de fechamento de conversação com um pré-fechamento como *Então, “tá” bom, senhora*. Além disso, também há o uso da expressão *tchau*. Apesar de não ser o foco deste trabalho, é importante ressaltar que o tempo todo a empregada fala com uma entonação subserviente, submissa, como se fosse inferior à patroa.

Na dupla 8, observa-se que há a utilização de pré-fechamento como *Então; “tá” certo; Ok, “tá” bom*. Há a presença de um fechamento por marcação de encontro futuro - *a gente combina para sair; a gente combina para sair um fim de semana* -, mas sem dar nenhum contato para se encontrarem. Esse procedimento revelou-se uma simples despedida de um ato de fala, sem chances reais de um possível encontro, pois não é trocado nenhum tipo de contato. Como expressões formulaicas de despedida aparecem *valeu; e falou*, típicas expressões de despedida da fala masculina e jovem, como realmente são os interlocutores, estando bem adequadas ao contexto.

A segunda situação desta dupla possui a presença de elementos como fechamento pré-tópico com menção a um convite - *Mas, que vai fazer hoje você na tarde? Porque eu gostaria falar com você* -; a recusa ao convite - *Eu gostaria, mas eu agora eu acho que não posso* -; fechamentos por marcação de encontro futuro - *Bom, se não pode, falamos outro dia / “tá” bom, eu ligo “pra” você, então* -; e expressão formulaica de despedida como *Valeu*, muito usada por jovens do sexo masculino. Vale ressaltar que como pré-fechamento foram observadas expressões como *Bom; “tá” bom, ..., então; e “tá”, “tá”*.

Quanto à dupla 8, na terceira situação observa-se o uso de pré-fechamento - *Então; “tá” bom* -; um fechamento ressaltando o prazer em ter encontrado o interlocutor - *foi um prazer em vê-lo* -; um fechamento por meio de agradecimento - *Muito obrigado* -; e uma expressão formulaica despedida como *até mais*.

Com a dupla 9, na primeira situação tem-se pré-fechamentos como - *Muito bem; Então* -, fechamento por marcação de encontro futuro - *a gente tem que combinar; Ah, tem que combinar “pra” isso* -. um fechamento por meio de utilização de instrução - *Você me liga* -, e expressão formulaica de despedida como - *Tchauzinho* -, que usado por um homem soa como infantil ou afeminado, não sendo muito adequada a sua utilização pelo sexo masculino. Um professor de PL2E deve informar ao seu aluno dessas nuances nesse tipo de ritual.

Quanto à segunda situação desta dupla, percebe-se que desde o ritual de cumprimento o enunciador anuncia abertamente que está com pressa, algo muito recorrente nos diálogos de nível iniciante e de parte dos de nível avançado, sendo um AAF em relação ao outro e a si mesmo: *E você, como vai? / Eu “tô” um pouco enrolada, cara. Porque eu tenho prova amanhã. Tenho que fazer uma apresentação para as minhas aulas de português.* O co-enunciador tenta reabrir o diálogo com um convite - *Você não pode pegar um cafezinho?* -, mas não obtém sucesso - *Cara, eu quero, mas acontece que eu tenho tanta coisa “pra” fazer, que vou ficar enrolada e depois vou ficar quase chorando se não chego a terminar tudo.* É introduzida uma despedida por meio de marcação de encontro futuro: *Mas eu prometo que depois de arrumar tudo, que eu ligo “pra” você, “tá”? / Ah, “tá” bom, “tá” bom. Tem que ligar. / Ligo com certeza. Não vou esquecer.* E, para finalizar, usa-se a expressão de despedida *tchauzinho*, constante nos diálogos dessa dupla. Vale ressaltar que esse diálogo foi muito rápido, só possuindo, praticamente, rituais de cumprimentos e de despedidas, não muito adequado à situação onde dois amigos que não se vêem há muito tempo se encontram.

Ainda na dupla 9, na terceira situação há o uso de pré-fechamentos como - *então; “tá” bom* -; fechamento com marcação de encontro futuro - *amanhã a gente se encontra no lugar do trabalho* -; expressão de despedida como - *Tchauzinho* -; e expressões formulaicas de despedidas que demonstram alguma espécie de desejo para o outro como - *Bom fim de semana “pra” você; Igual “pra” você.* Cabe ressaltar que a expressão *tchauzinho* proferida por um chefe soa como infantil por causa do diminutivo, não estando muito adequada a esse contexto. Vale também destacar que há uma interferência do espanhol no uso de *igual* no sentido de *igualmente*.

Por fim, com relação à primeira situação da dupla 10, há o uso de pré-fechamento - *Ah, não sei* - com a introdução de um fechamento pré-tópico - *Você*

está indo “pra” onde? Devido à resposta - *Eu vou “pra” minha casa agora* -, utiliza-se um fechamento por meio de um convite - *você não quer tomar um café por aí?* O interlocutor aceita o convite, mas negocia a data - *“tá” bom, mas eu acho que seria melhor amanhã*. Com isso, há outro fechamento por meio de instrução - *“tá”, “tá” bom, então você me liga, “tá”?* Logo após, há a utilização de expressões formulaicas de despedida como *Tchau; Beijo*. Pela primeira vez aparece a expressão *Beijo* no diálogo dos aprendizes de nível avançado. Esse tipo de expressão formulaica tão comum nos diálogos dos brasileiros até o momento apenas havia aparecido na segunda situação da dupla 1 de nível iniciante, sendo uma dificuldade seu uso por parte dos aprendizes de PL2E, já que não é costume tanto contato físico em cumprimentos e despedidas na LM, ainda mais quando este contato se transpõe para a fala como é o caso do português ao se mandar beijos ou abraços verbalmente (cf 4.1.1).

A segunda situação desta dupla é muito semelhante à segunda situação da dupla anterior e a de nível iniciante, pois logo nos cumprimentos há um AAF, ao emitir-se que o enunciador está com muita pressa: *Tudo. E você? / “tá”, tudo bem. Hoje eu estou muito **apurada**. A gente se fala depois, “tá”?* Esse tipo de enunciação não é muito adequado, pelo menos de acordo com o que foi analisado dos diálogos brasileiros (cf. 4.1.3), pois a situação é a de dois amigos que não se vêem há muito tempo. O co-enunciador tenta reabrir a conversa algumas vezes, por meio de um convite, sendo insistente, mas não obtém sucesso: *ah, e não **quieres** vir tomar um café, alguma coisa? Cinco minutos. / não, não não. “Tô” correndo. “tô” muito **corrida**. / Mas, sério. Que tem que fazer agora?/ “tô” “tô” em **clase** agora e já “tô” **atrasada**. A gente se fala. / Cinco minutos, “tá”? / Não posso, agora. A gente se fala, “tá”?* Por fim, há um fechamento por marcação de encontro futuro - *A gente se fala, “tá”? / Liga “pra” mim -;* e o uso de expressões formulaicas de despedida como *Tchau; e beijinho*.

Enfim, na terceira situação desta dupla há a presença de pré-fechamento como *“tá”, “tá” bom; Então;* e um fechamento por marcação de encontro futuro - *a gente se vê na segunda*. O co-enunciador responde, mas usa uma expressão típica do espanhol - *Sorte*.

4.3.3. Rituais de Manutenção de Conversação em Alunos Avançados de PL2E de Origem Hispânica

Com relação à chamada função fática como expressão de manutenção de conversação nos alunos de nível avançado, pode-se perceber que, apesar de ser mais utilizada neste nível do que no nível iniciante, esse tipo de estrutura formulaica ainda não é tão utilizada quanto pelos brasileiros e ainda há certa interferência e transferência de algumas expressões da LM. Por exemplo:

Expressões encontradas no <i>corpus</i>	Expressões equivalentes em português
<i>ah sí?</i>	<i>ah é?</i>
<i>Sí / sim</i>	“ <i>tá</i> ” / <i>é</i>
<i>Como não?</i>	<i>claro</i>
<i>no?</i>	<i>né?</i>
<i>ya, ya</i>	“ <i>tá</i> ”, “ <i>tá</i> ” / <i>é, é...</i>

Todas as duplas utilizaram pelo menos uma vez a expressão *sí*. Pôde-se perceber que a interferência das estruturas de manutenção de conversação se mostrou muito forte nos hispano-falantes, comprovando ser uma estrutura de difícil abandono na LM. No entanto, foram utilizadas várias expressões em LP, mostrando uma maior familiaridade desses alunos em comparação aos iniciantes.

A seguir, faz-se a análise das categorias do grupo **dinâmica da conversação**. Na categoria **teste de compreensão ou confirmação** foram encontradas as seguintes expressões de função fática:

<i>é?;</i> (dupla 6)	<i>né?;</i> (duplas 7, 8 e 9)	<i>..., não?;</i> (dupla 7)	“ <i>tá?</i> ”; (duplas 9 e 10)	(<i>es</i>) <i>tá bom?;</i> (dupla 9)
<i>..., sério?;</i> (dupla 10)	<i>hein?;</i> (duplas 9 e 10)			

Exemplos:

Dupla 6 –

- *Nós queremos viajar a Punta del Este. / É?*

Dupla 7 –

- *Ah, que loucura que a gente nunca se viu na Puc, né?*
- *Muito bem. Ah, eu não me lembro, mas você ia vir esta semana, este fim de semana, não?*

Dupla 9 –

- *Mas eu prometo que depois de arrumar tudo, que eu ligo “pra” você, “tá?”*
- *Está bem que você **solamente** sea trabalho, está bom?*

- *Sim, tudo “tá” bom, mas sin prisa, hein?*

Dupla 10 –

- *Ah, sério?*

Com relação a expressões de **prolongamento da conversação**, foram encontradas as seguintes expressões:

<i>ah;</i> (duplas 6, 7, 9 e 10)	<i>bom;</i> (dupla 6, 7 e 8)	<i>então;</i> (duplas 6, 7, 8, 9 e 10)	<i>é;</i> (duplas 7, 8 e 10)	<i>(Ah), Não sei;</i> (dupla 10)	<i>(ah), legal;</i> (dupla 7)
<i>mas;</i> (duplas 7, 8 e 10)	<i>Sério;</i> (dupla 10)	<i>(Mas,) tudo bem;</i> (duplas 7 e 10)	<i>Ah, você sabe,...;</i> (dupla 10)	<i>É verdade;</i> (dupla 9)	<i>e;</i> (duplas 8 e 9)
<i>aí;</i> (dupla 8)					

Exemplos:

Dupla 6 –

- *Ah, um momentinho.*
- *Ah, 9988. Bom, Pedro, vou ligar para você amanhã, pode ser?*
- *Então, pedi que faça de novo.*

Dupla 7 –

- *É 82888888. / Ah, legal. Então, depois a gente combina!*

Dupla 8 –

- *E, olha que estou... é, tenho que ir a falar com o meu chefe. Então, não estou com muito tempo, aí.*

Dupla 9 –

- *É, não tem jeito. Tem que estudar mesmo. É verdade. / E, como que está a sua dissertação?*

Dupla 10 –

- *É, faz tempo que eu não vejo você. Tudo bem. / Não sei. Eu estava perdida por aí, trabalhando muito.*
- *“Tá” bom. / Ah, não sei. Você está indo “pra” onde?*
- *“Tô” correndo. “tô” muito corrida. / Mas, sério. Que tem que fazer agora?*
- *E na segunda a gente fala. / Ah, você sabe, eu gosto muito do meu trabalho. / Ah, é. Eu acho que é um puxa saco, hein? (risos) Mas, tudo bem.*

Em **apelativo**, a expressão encontrada foi:

Cara, ...;
(duplas 9 e 10)

Exemplo:

Dupla 10 –

- *Cara, eu ainda não tenho filho não.*

Cabe ressaltar que o vocativo *cara* foi o único encontrado entre os alunos estrangeiros de nível avançado, pois é o mais usual na linguagem de jovens cariocas do sexo masculino. No entanto, as duas manifestações dessa expressão no nível avançado ocorreram entre mulheres de faixa etária jovem. Como já ressaltado anteriormente (cf 4.1.5), a expressão *cara*, atualmente, também está sendo usada, em contexto informal, por jovens do sexo feminino.

Com relação à **instigação**, tem-se:

Pode ser?
(dupla 6)

Exemplo:

Dupla 6 –

- *Ah, 9988. Bom Pedro, vou ligar para você amanhã, pode ser?*

No **pedido de repetição**, foi encontrado o seguinte exemplo:

..., desculpa,...
(dupla 6)

Exemplo:

Dupla 6 –

- *3, desculpa, 35098...*

No que se refere ao **pedido de atenção**, foi encontrado o seguinte exemplo:

Olha;
(dupla 8 e 10)

Exemplo:

Dupla 8 –

- *E, olha que estou... é, tenho que ir a falar com o meu chefe. Então, não estou com muito tempo, aí.*

Agora, faz-se a análise das categorias do grupo **conteúdo expresso na conversação**. Quanto à categoria **concordância ou discordância**, tem-se:

<i>claro, claro;</i> (dupla 6)	<i>“tá” ok;</i> (dupla 6)	<i>“tá” bom;</i> (duplas 7, 8, 9 e 10)	<i>“tá”, (“tá”);</i> (duplas 8 e 10)	<i>é;</i> (duplas 7, 8 e 9)	<i>Não tem jeito;</i> (dupla 9)
<i>É verdade;</i> (dupla 9)	<i>Muito bem;</i> (dupla 9)	<i>(ah,) é sim;</i> (dupla 7)	<i>tudo bem;</i> (duplas 7 e 9)	<i>“tá”, certo;</i> (dupla 8)	<i>Ok;</i> (dupla 6)
<i>ééé;</i>					

(dupla 8)

Exemplos:

Dupla 6 –

- *Vamos tomar um cafezinho? / Claro, claro.*
- *Ah, 9988. Bom, Pedro, vou ligar para você amanhã, pode ser? / “Tá” ok. / ok.*

Dupla 7 –

- *Ah, eu pela manhã. Por isso! / Hum, é sim.*

Dupla 8 –

- *A gente combina para sair um fim de semana. / “Tá” certo.*
- ***Hace** muito tempo! / Ééé.*

Dupla 9 –

- *A gente tem que estudar. Veio “pra” isso. / É, não tem jeito. Tem que estudar mesmo. É verdade.*
- *Eu quero bailar salsa. / (risos) Muito bem. Então, a gente tem que combinar.*
- *Está bem que você **solamente sea** trabalho, está bom? / Sí, tudo bem. então, amanhã a gente se encontra no lugar do trabalho.*

Dupla 10 –

- *É, você não quer tomar um café por aí? / Sí, “tá” bom, mas eu acho que seria melhor amanhã. / “tá”, “tá” bom, então você me liga, “tá”?*

Com relação à **expressão de emoção**, tem-se:

<i>Que bom!;</i> (duplas 6 e 7)	<i>Que sorte!</i> (dupla 6)	<i>Ah;</i> (duplas 7, 8 e 9)	<i>(Ah,) (muito) legal;</i> (duplas 7 e 9)	<i>(Ah) que coisa!;</i> (dupla 9)	<i>(ah), que legal!</i> (dupla 7)
------------------------------------	--------------------------------	---------------------------------	---	--------------------------------------	--------------------------------------

Exemplos:

Dupla 6 –

- *Que bom, que sorte! Pedro, você tem telefone para que eu possa ligar?*

Dupla 7 –

- *Ah, que legal! Aqui estou com minha família.*

Dupla 9 –

- *Ah, muito legal. Tenho muitas coisas que **leer**, mas também tenho muitas coisas “pra” fazer.*
- *Ah, “tá”. Mas antes de ir embora, você me avisa, né? / Ah!*

- Ah, que coisa!

Como **expressão de surpresa**, seguem-se os seguintes exemplos:

<i>Ei ...;</i> (dupla 6)	<i>Ah!;</i> (dupla 6)	<i>Que surpresa!</i> (dupla 6)	<i>Meu Deus!</i> (dupla 6)	<i>Gente!;</i> (dupla 10)	<i>Olha!;</i> (dupla 10)
-----------------------------	--------------------------	-----------------------------------	-------------------------------	------------------------------	-----------------------------

Exemplos:

Dupla 6 –

- Ei, como vai?
- Ah, jornalista de esportes!
- *Eu, muito bem. E o que você “tá” fazendo em Rio? Que surpresa!*
- Meu Deus! *Alta política e estratégia!*

Dupla 10 –

- Gente! *Seis meses!* Olha!

Com relação às expressões de **entendimento**, os seguintes exemplos foram encontrados:

<i>“tá” bom;</i> (dupla 10)	<i>Ah,;</i> (duplas 7 e 10)	<i>Hum;</i> (dupla 7)	<i>Por isso!;</i> (dupla 7)	<i>Ah, “tá”;</i> (duplas 7 e 9)
--------------------------------	--------------------------------	--------------------------	--------------------------------	------------------------------------

Exemplos:

Dupla 7 –

- *Moro em Ipanema. / Hum, você está estudando o quê?*
- *Eu estudo à noite. E você? / Ah, eu pela manhã. Por isso! / Hum, é sim. / Ah, “tá”.*

Dupla 10 –

- *Cara, eu ainda não tenho filho não. / Ah, eu achava que sim. Eu achava... Não, eu aumentei um pouco de peso, mas filho, não. / “Tá” bom.*

Quanto à expressão de **pedido de calma**, o exemplo encontrado foi:

<i>Um momentinho;</i> (dupla 6)

Exemplo:

Dupla 6 –

- *Ah, um momentinho.*

Como **ironia**, categoria que ainda não havia aparecido no *corpus*, destaca-se:

<i>Ah, é;</i> (dupla 10)

Exemplo:

Dupla 10 –

- *Ah, você sabe, eu gosto muito do meu trabalho. / Ah, é. Eu acho que é um puxa saco, hein? (risos) Mas, tudo bem.*

Como se pode perceber, o nível avançado fez uso de mais expressões de manutenção de interação dialogada que o nível iniciante, por já ter maior domínio sobre a LE e por estar mais inserido culturalmente dentro da sociedade carioca. No entanto, o repertório de expressões utilizadas por brasileiros foi muito maior que o repertório dos estudantes estrangeiros. Houve ainda interferência da LM nesse tipo de expressão e a inadequação de certas expressões como *cara* usada na terceira situação, onde o contexto era mais formal por se tratar de um diálogo entre patrão e empregado.

4.3.4.

Forma de Tratamento Utilizada pelos Alunos Avançados de PL2E de Origem Hispânica

Pode-se dizer que com relação à forma de tratamento utilizada pelos alunos avançados de origem hispânica nos diálogos, na interação das duas primeiras situações contexto entre amigos, foi empregado o tratamento informal com **você**. No entanto, somente duas das cinco duplas utilizaram o tratamento **você + te** (duplas 7 e 10), conferindo maior naturalidade e adequação à norma carioca no tratamento informal: *eu não sabia que eu ia te encontrar aqui! O que que você está fazendo?* (dupla 7); *“tá”, eu te ligo* (dupla 10). As demais duplas (duplas 6, 8 e 9) empregaram o tratamento **você** como sujeito e complemento, como utilizado pelos alunos de nível iniciante (cf. 4.2.4). Além disso, o uso do **tu** conjugado com a terceira pessoa também não foi encontrado nos diálogos dos informantes de nível avançado.

Portanto, ainda pôde-se constatar certa falta de familiaridade dos alunos avançados com o uso das formas de tratamento segundo a norma falada carioca, já que o fato de não se encontrar o uso de complemento **te** com **você** na maioria das duplas demonstra uma inabilidade no manejo das formas de tratamento no nível informal, havendo ainda uma produção de frases não muito usuais como: *Onde estava você tanto tempo, que eu não via você nem a sua família?* (dupla 6). Apesar de esses alunos estarem em imersão mais tempo que os de nível iniciante e, portanto, mais expostos à fala de brasileiros que empregam formas de

tratamento **você + te** e **tu + terceira pessoa**, a maior parte dos informantes de nível avançado não empregaram essas formas, fazendo crer que ainda não as assimilaram. Não se acredita que um aluno de nível avançado em imersão ainda não tenha tido uma explicação adequada com relação às formas de tratamento da norma carioca: **você + te** ou **tu + terceira pessoa**. Portanto, atribui-se a essa constatação da falta de uso à interferência do espanhol, em que nunca se mistura o tratamento de segunda com terceira pessoa gramatical.

Com relação à forma de tratamento na terceira situação, a dupla 6 assim, como as duplas de nível iniciante (cf. 4.3.1), faz um uso inadequado das formas de tratamento, já que mistura o vocativo **senhor** (*Bom dia, senhor, que surpresa*) com o pronome de tratamento **você** (*Você está fazendo compras no shopping?*). Ressalta-se ainda mais esse desvio à norma de uso das formas de tratamento quando nesse mesmo diálogo há a utilização de **Senhor + PrN + SbN**, assinalando uma forma de tratamento muito formal: *Ele é o meu chefe, o senhor Luis Villafuerte* com o uso de **você**. Acredita-se que o uso de **você** pode ter ocorrido devido a uma interferência do pronome de tratamento **usted** que é usado em registros formais em espanhol.

Com relação à dupla 7, o enunciador que faz o papel da empregada não fala muito, tomando para si um papel subserviente. Inclusive, apesar de esse fator não estar sendo analisado, pode-se constatar essa subserviência do enunciador pelo seu tom de voz de submissão na gravação. Essa dupla soube se adequar muito bem ao uso das formas de tratamento. O enunciador que faz o papel de chefe trata o seu co-enunciador de uma maneira informal com o uso de **você** e pronome oblíquo **te**: *Eu nunca te falei que gosto muito de ter você trabalhando “pra” mim?* Já o interlocutor que faz o papel de empregada mantém a forma de tratamento **senhora** do início ao fim sem desvios à norma padrão de uso.

Tanto a dupla 8 como a dupla 10 se comportam exatamente como a dupla 6, fazendo um uso inadequado das formas de tratamento formal e informal, pois utilizam **senhor** como vocativo e **você** como pronome de tratamento. A dupla 8 mistura ainda mais os registros em uma combinatória controversa, quando começa com uma forma de tratamento muito formal **senhor + SbN** (*Boa tarde, senhor Maldonado*) e em seguida usa *Como vai você?! e você, que faz?* A dupla 10 também se utiliza dessa combinatória controversa quando usa *Oi, senhor; Tudo*

bem. E você?, transgredindo também as regras de uso, misturando as formas de tratamento.

A dupla 9, assim como a dupla 7, não comete nenhum desvio à norma das formas de tratamento, mas ao contrário desta, na dupla 9, tanto o chefe quanto o empregado se tratam de **você**, tratamento possível em uma relação de trabalho mais informal. Além disso, pode-se dizer também que os enunciadores fazem uso de uma fala mais “cuidada”, pois utilizam o complemento não preposicionado *-lo* (*vê-lo*) ao invés do *te*, que transmitiria uma informalidade maior.

Cabe ressaltar que nessa terceira situação simulada todos os interlocutores poderiam se imaginar personagens hierarquicamente importantes, fato que exigiria um tratamento de não-intimidade ou mais diferenciado do que a simulação de diálogo entre dois amigos. No entanto, a falta de intimidade com o uso de um tratamento mais formal do português demonstrou uma falta de competência lingüística e comunicativa no seu uso, conforme comentado anteriormente.

É importante assinalar que em ambiente de sala de aula, ou seja, nas aulas dos cursos de PL2E, o tratamento *senhor(a)* não é usado em nenhuma direção: nem do professor para o aluno, nem do aluno para o professor. Logo, o contexto situacional de fala em sala de aula é mais informal. O aluno é estimulado pelo professor a chamá-lo pelo próprio nome ou, quando muito, o aluno pode empregar o **título** *professor(a)* com ou sem *PrN + você*. Com isso, é passada uma postura de simplicidade, de amizade e de espontaneidade do brasileiro, questão da transposição da **casa** para o ambiente da **rua** de DaMatta (1994) (cf. 2.3), tentando deixar os alunos mais à vontade na aula. No entanto, para a terceira situação comunicativa se esperava como já mencionado no item 4.1.1 um tratamento em torno do formal/ semiformal/ semi-informal do empregado para o chefe, de acordo com o que foi constatado nos diálogos dos brasileiros. Porém, foi verificado que, em geral, os alunos de PL2E tanto no nível iniciante como no nível avançado não sabem dominar esse tipo de registro, demonstrando uma falta de competência comunicativa no seu uso, talvez por acreditarem no estereótipo de que o povo brasileiro é muito informal. Tampouco houve a transferência do uso formal de sua LM para a LE¹⁴, pois houve, em geral, uma mistura de elementos lingüísticos da formalidade com elementos lingüísticos da informalidade.

¹⁴ LE – Língua estrangeira.

4.4. Interferência da LM

Ao longo da análise de rituais de cumprimentos, despedidas e de manutenção de interação dialogada dos níveis iniciante e avançado, mencionam-se as interferências da LM dos informantes. No entanto, nesta seção, acredita-se que seja relevante abordar alguns aspectos que surgiram na análise do *corpus* e que podem prejudicar a comunicação, causando mal-entendidos ou situações embaraçosas com relação aos rituais de abertura, fechamento e de função fática.

Com a análise dos dados, pôde-se comprovar que a interferência da LM no português dos informantes estrangeiros diminuiu nos alunos de nível avançado. Inclusive, pôde-se constatar um aumento do uso de estruturas de função fática de manutenção de conversação (cf. 4.2.3 e 4.3.3), um aumento na variedade de estruturas de abertura e fechamento de conversação (cf. 4.2.1; 4.2.2; 4.3.1 e 4.3.2), além de um aumento na extensão dos próprios diálogos.

Porém, algumas estruturas muito fortes na LM dos alunos permaneceram como interferência, inclusive, nos informantes de nível avançado. São elas: *sí* (duplas 6, 8, 9 e 10) e *no* (duplas 6 e 8); preposição *a* antes de complemento de pessoa (dupla 8); preposição *a* em perífrase de futuro (*ir + a + infinitivo*) (duplas 8 e 9); expressões de despedida como *adeus* (dupla 6), *sorte* (duplas 6 e 10) e *igual* com sentido de *igualmente* (duplas 6 e 9); uso de expressões de cumprimento como *que foi (é) da sua vida?* (duplas 6, 8 e 9), *Qué tal?* (dupla 7), e *Como anda você?* ou *Como vai você?* (duplas 6 e 8), com o sujeito depois do verbo da pergunta, típica estrutura do espanhol; uso de expressão de manutenção de conversação como *ya, ya* (dupla 8); além de outras palavras isoladas como *quieres, clase, apurada, tesis* (dupla 10), *solamente, sin prisa, leer, achando* (no lugar de *pensando*) (dupla 9), *dos viagens, hace, tesis, eso, maestrado* (dupla 8), *teléfono* (dupla 7), *acordado* (no lugar de *combinado*), *todo, estoy, vendió, puede, adelante, allá, deportivo e hay* (dupla 6).

Percebe-se que a interferência da LM no nível avançado, apesar de ter diminuído muito no nível lingüístico-estrutural, no nível interacional-cultural continuou, pois alguns comportamentos como a verbalização de expressões de contato físico como mandar *beijos e abraço*; ter mais contato físico na saudação

como dar beijos aéreos ou abraço; estender as despedidas usando vários tipos de técnicas de fechamento uma após a outra; usar expressões de manutenção de conversação como “*entendeu?*”, “*tá?*”, “*né?*”, “*isso*”, “*ai*” que dão suporte à conversação, demonstrando a atenção do interlocutor e/ou sua manifestação de entendimento do assunto; e ser indiretivo e sutil quando não pode falar muito porque está com pressa não se mostraram muito comuns na totalidade dos informantes de nível avançado, comprovando que a interferência do nível interacional-cultural é uma barreira que demora mais a ser transposta e assimilada do que a lingüístico-estrutural. Além disso, outras interferências com relação à cultura subjetiva encontradas no *corpus* de nível avançado foram: *sim* nas respostas, ao invés do próprio verbo da pergunta como costume dos brasileiros (duplas 7 e 9); e uso de *não* como uma negação direta sem a indiretividade típica do brasileiro (duplas 8 e 10).

Christine Revuz (1998, p.217) já afirmava que “toda tentativa para aprender a linguagem vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras da primeira língua”. Portanto, a cultura e o comportamento de um indivíduo na sua LM vão interferir no modo de se comportar e de julgar o comportamento dos nativos da língua alvo, causando choques culturais, mal-entendidos e uma demora maior em assimilar e empregar os dados culturais na conversação. Mais do que um domínio de estruturas lingüísticas do português, o aprendiz de PL2E deve reconhecer também as peculiaridades culturais do brasileiro, para que possa integrar-se de uma forma mais natural e harmoniosa. As duplas de nível avançado que demonstraram mais familiaridade e um bom domínio das peculiaridades da cultura subjetiva do português foram as duplas 7 e 10.

4.5. Análise das Respostas ao Questionário

Após a gravação dos diálogos com os estrangeiros, os vinte informantes hispano-falantes responderam a um questionário com nove perguntas sobre as impressões que eles têm do português brasileiro. As perguntas constam no anexo 3 e as respostas a essas perguntas, no anexo 4.

Nessa seção convém ressaltar as respostas mais pertinentes a essa pesquisa e que ratificam o comportamento dos informantes ao simularem os diálogos nas três situações propostas. Portanto, nem todas as respostas e/ou perguntas são comentadas nessa parte. Vale ressaltar ainda que nem todas as perguntas foram respondidas pelos informantes, ou por não saberem o que responder, ou por não terem nenhuma impressão a respeito. Além disso, muitos informantes forneceram mais de uma resposta para outras pergunta.

Em relação à primeira pergunta - O que você acha do modo de falar do brasileiro? Por quê? -, as duas respostas que merecem destaque para essa pesquisa foram: *a entonação é de alegria, podendo tirar o tom de seriedade do assunto* (6 respostas); e *o jeito do brasileiro é muito informal. É um modo de falar bem relaxado, com muita intimidade* (3 respostas). Essas duas respostas levam à constatação de que os estrangeiros realmente crêem que o brasileiro é um povo muito informal, conforme DaMatta (1984) afirma: o brasileiro tende a levar a relação da **casa** para a **rua**. No entanto, como foi analisado em 4.1.6, na terceira situação, quando o empregado deve falar com o chefe, há um maior grau de formalidade no discurso, com um falar mais cuidado e não tão relaxado quanto o usado entre amigos. Logo, com essas respostas ao questionário, os informantes hispânicos confirmam a constatação de que há um desconhecimento de uso, por parte da maioria, de como devem proceder numa situação onde exista distância social e diferença de poder.

As respostas à pergunta dois não se mostraram relevantes. Já as respostas à pergunta três - O que você acha do modo de se comportar do brasileiro em uma conversa? Por quê? - vale a pena ressaltar as seguintes respostas: *os brasileiros se tocam e gesticulam muito. Falam com o corpo. São expressivos* (6 respostas); *é um comportamento que apóia, dá suporte a quem fala por causa da expressão facial* (1 resposta); e *as conversas são longas e detalhadas* (1 resposta). A primeira resposta destacada confirma o conhecimento por parte dos informantes estrangeiros da expressividade corporal dos brasileiros como gestos, abraço, beijo etc. Inclusive, levando a crer o seu conhecimento da verbalização de saudação por meio do contato físico com o uso de expressões como: *um beijo, beijos, beijinho, abraço, abração* etc. A segunda e a terceira respostas destacadas, apesar de não serem muito expressivas em quantidade, apenas uma resposta cada, são importantes para confirmar a impressão que o estrangeiro tem de que o brasileiro

tende a manifestar que está prestando atenção na conversa pela expressão corporal ou por meio de estruturas de função fática com a finalidade de manutenção de conversação dialogada e que as conversas dos brasileiros dão a impressão ao hispano-falante de que são mais longas e detalhadas em comparação a deles, como se pôde comprovar na comparação entre os diálogos dos brasileiros e dos hispânicos, seja nível iniciante, seja nível avançado.

Quanto à resposta à pergunta 4, como houve um grande número de abstinências (9), não convém ser levada em consideração. Já a resposta à pergunta 5 - O que você acha do modo de tratamento utilizado entre os brasileiros? Por quê? -, apesar de não terem respondido exatamente ao que a pergunta propunha, algumas respostas merecem destaque: *Depende da situação: entre diferentes níveis sociais marcam as diferenças. Há muita diferença entre o tratamento coloquial e formal* (4 respostas); *Dão e tratam com muita intimidade, entusiasmo e confiança às pessoas* (4 respostas); e *Dão muitos tapinhas e saudações vigorosas em quase todas as situações* (2 respostas). Essas respostas sinalizam que alguns informantes têm consciência de que, dependendo da situação como, por exemplo, entre interlocutores de nível social diferente, há diferença do registro formal e informal, apesar de a maioria não ter sabido se adequar ao registro formal na terceira situação representada. A segunda resposta sinaliza uma situação que, a princípio, contrapõe-se à primeira: a maior informalidade do brasileiro em relação à cultura hispânica. E realmente o brasileiro tende a ser mais informal que o grupo de estrangeiros analisados. Porém, não necessariamente empregam sempre o registro e a forma de tratamento informal, mas sim são menos formais que os hispano-falantes, podendo usar, por exemplo, uma forma de tratamento semiformal em um contexto onde os estrangeiros empregariam um tratamento formal. A última resposta destacada refere-se ao maior contato físico que os brasileiros têm entre si em comparação aos estrangeiros.

Com relação à pergunta 6 - O que você percebe que o brasileiro faz, numa conversa, ao falar o português e que você não consegue fazer igual? Por que não? - merece destaque a seguinte resposta: *Utilizar expressões como “entendeu?”, “tá”?, “isso”, “ai”, “né?”*. (4 respostas). Com essa resposta, percebe-se que o hispânico tem consciência de que os brasileiros se utilizam dessas expressões de função fática de manutenção de interação dialogada e que essas expressões fazem falta ao discurso do aprendiz de PL2E, não sendo tão natural.

Quanto à pergunta 7 - O que você faz ao falar português numa conversa e não consegue deixar de fazer e que um brasileiro geralmente não faz?-, cabe ressaltar as seguintes respostas: *ter interferência da LM* (4 respostas); *Interjeições da LM* (2 respostas); *manter a distância com as pessoas* (2 respostas); e *esquecer-se de dar os dois beijos ao cumprimentar* (1 resposta). As três últimas respostas destacadas fazem parte da primeira, pois ter interferência da LM engloba aspectos lingüísticos como o uso de interjeições e aspectos interacionais como manter um distanciamento maior entre as pessoas e não ter o costume de cumprimentar trocando beijos aéreos, ratificando o comportamento observado e analisado durante os diálogos dos estrangeiros.

Com relação à pergunta 8 - Quando você vai cumprimentar e se despedir de alguém em português, o que você percebe que o brasileiro faz e/ou fala e você não consegue fazer igual? Por que não? -, as respostas que merecem destaque são: *Falar certas expressões como “Opa” e “Valeu”; “Falou” e “Até mais”; “A gente se fala”, “Te ligo” e “Passa lá em casa”* (7 respostas); *Dar dois beijos e/ou abraço* (5 respostas); *Dizer algo ao final que se sabe que não se vai cumprir* (2 respostas); *Muitas expressões de despedidas uma detrás da outra. Não se despedir rápido* (2 respostas); *Cumprimentar muitas vezes e não responder às perguntas: “Tudo bem?” “Tudo jóia”?* (1 resposta). As cinco respostas destacadas acima retratam algum ritual de cumprimento e/ou despedida que os hispânicos percebem existir no português brasileiro, mas têm dificuldade em reproduzir, como analisado nos diálogos dos aprendizes de PL2E.

A primeira resposta assinala expressões formulaicas de cumprimentos e despedidas usadas num contexto informal e/ou numa certa variante etária. A segunda resposta retrata um aspecto interacional muito comum entre os brasileiros que os estrangeiros têm dificuldade de assimilar, inclusive quanto a sua verbalização, ou seja, quanto a proferir expressões como *um beijo* ou *abraço*. A terceira resposta trata de expressões de fechamento por marcação de encontro futuro como *te ligo*; ou *passa lá em casa*. Essas expressões são muitas vezes mal interpretadas pelos estrangeiros, que ficam esperando realmente uma ligação ou uma visita. Essas fórmulas devem ser entendidas como apenas parte do ritual de fechamento de conversação para salvar a face do enunciador e proteger a face do co-enunciador de um AAF positivo como as despedidas, dando esperança de um possível encontro futuro. A quarta resposta ratifica e ajuda a comprovar um

comportamento característico dos brasileiros: o uso concomitante de várias técnicas de despedidas, alongando-as, já que o brasileiro não se sente confortável em atos de fala despreferidos como despedidas, ao contrário dos hispânicos que são mais concisos nos fechamentos de conversação. Por último, a quinta resposta tem relação com a resposta anterior, retratando outra característica dos brasileiros: cumprimentos extensos, demonstrando interesse pelo outro, e uso de expressões características de cumprimentos como *tudo bem?* e variantes, que somente possuem valor de saudação, sem que realmente tenha que se responder o estado de saúde e/ou de ânimo do outro.

Por fim, a pergunta 9 - Quando você vai cumprimentar e se despedir de alguém em português, o que você geralmente faz e/ou fala e que um brasileiro não faz? – tem como respostas relevantes: *um aperto de mão* (4 respostas); *um beijo e não dois beijos* (4 respostas); *ser mais formal* (3 respostas); *uso de expressão de despedida por interferência da LM* (2 respostas). As quatro respostas têm reflexo no comportamento dos informantes na interação das situações. As três primeiras respostas retratam aspectos interacionais, ou seja, os próprios estrangeiros se julgam mais formais que os brasileiros, não conseguindo ser tão próximos do outro nos gestos e nos toques como beijos e abraços. Além disso, reconhecem que ainda possuem muita interferência lingüística da LM nos rituais de cumprimentos e despedidas, rituais automatizados e bem arraigados em qualquer cultura, dificultando uma grande assimilação e automatização na língua alvo.

Esse questionário se mostrou importante para ratificar a análise de dados das situações gravadas pelos informantes, ajudando a confirmar a constatação das hipóteses e a ilustrar as crenças e os comportamentos que os estrangeiros reconhecem ter em relação aos brasileiros e/ou a si mesmos.

4.6. Conclusões Parciais

Após a análise dos rituais de cumprimentos, despedidas e expressões de função fática em manutenção de interação dialogada dos informantes brasileiros e hispânicos aprendizes de PL2E, pode-se afirmar que os aprendizes estrangeiros cumpriram os rituais de abertura e fechamento de conversação. No entanto, tanto no nível inicial como no nível avançado, nota-se que esses rituais tenderam a ser

mais curtos que os dos brasileiros. No nível iniciante pode-se alegar a falta de conhecimento lingüístico como um empecilho ao desenvolvimento de um diálogo mais extenso. Porém, no nível avançado, já não se pode alegar essa falta de conhecimento. Portanto, constata-se que essa característica de brevidade nos rituais de cumprimentos e despedidas dos hispano-falantes deve-se à interferência cultural da sua LM, pois estes se mostraram sempre mais objetivos e sucintos nesses rituais que os brasileiros, que tendem a estender os rituais de cumprimentos e despedidas. Inclusive, essa informação foi ratificada pelos próprios hispânicos na resposta à pergunta 8 do questionário.

Para um brasileiro, essa brevidade nos cumprimentos e despedidas pode ser entendida como um AAF e como um sinal de imposição de um maior distanciamento do interlocutor na interação, pois o brasileiro pode entender que o emissor não está interessado em saber como o outro está e não quer conversar, não dispensando tanta atenção ao outro. É por essa razão que há a crença de que o brasileiro é um povo mais informal no trato com o outro, pois demonstra um maior interesse pelo seu interlocutor com rituais de cumprimentos e despedidas mais extensos que os hispânicos. Estes, com sua maior brevidade, demonstram um grau de distanciamento maior entre os interlocutores. Já o hispânico entende essa preocupação do brasileiro em estender os cumprimentos e despedidas como uma mostra de informalidade, intimidade e intromissão, conforme ratificado nas respostas 4 e 5 do questionário. Inclusive, os estrangeiros têm a impressão de que o brasileiro, ao tentar ser tão amigável e próximo na interação, acaba sendo falso (resposta 4 do questionário). Aqui, tem-se uma mostra do estranhamento e do choque cultural entre dois povos. Cabe ao professor de PL2E elucidar esses costumes e desfazer esse mal-entendido.

Com relação às expressões de cumprimentos, a mais comum entre os brasileiros e entre os hispânicos foi *oi, tudo bem (bom)?* Constata-se que é uma espécie de expressão “curinga”, já que é adequada em qualquer situação e contexto. Os estrangeiros, ao perceberem esse dado, realmente a empregam com adequação à situação. É necessário salientar que a expressão formulaica *tudo bem/bom?* é apenas uma forma de abertura de conversação, um ato de fala de saudação, pois, no *corpus* o interlocutor não responde como está depois de ouvir a expressão *tudo bem?*, mas sim emite novamente como resposta: *tudo bem*, independentemente de estar realmente bem ou não. Somente em seguida os

informantes dos diálogos proferem uma série de perguntas para saber como realmente o outro está, o que tem feito etc. A partir de então, o enunciador explica o que está fazendo e como tem passado. Estas expressões que retrataram realmente o interesse pelo outro em cumprimentos nas situações analisadas foram: *Como (é que) (você) “tá”?*; *O que você “tá” fazendo? Fazendo o quê? Tem feito o que da vida?*, dentre outras. É por essa razão que os cumprimentos dos brasileiros são mais extensos, pois combinam diferentes expressões de abertura de conversação. Além disso, deve-se explicar ao aprendiz estrangeiro que a expressão *tudo bem/bom?* é uma simples fórmula de cumprimento para testar o canal da conversação que não deve ser respondida de fato, já que o emissor vai, seguramente, estendendo o ritual de cumprimentos, perguntar, por meio de outras expressões, o estado do seu interlocutor. Pelo desconhecimento desse ritual dos brasileiros, pode haver mal-entendido por parte dos estrangeiros, que pensam que os brasileiros cumprimentam várias vezes e não respondem ao *tudo bem/ bom?* (resposta 8 do questionário).

O uso do PrN no lugar da expressão *oi* ou o seu uso como vocativo logo depois da expressão *oi* também mostrou-se comum nos diálogos dos dois grupos. Pôde-se comprovar a interferência da LM em algumas expressões de cumprimentos proferidas pelos aprendizes tanto de nível iniciante como por parte do nível avançado. Esse tipo de expressão, como é muito utilizado nas interações em qualquer língua, mostrou-se, pelo *corpus*, estar muito presente na LM dos aprendizes, sendo uma tendência a tradução literal ou o uso da própria expressão em espanhol. Alguns exemplos são: *como está?*; *Que é da vida de você?*; *qué tal?* dentre outros. Cabe ressaltar também o emprego não muito adequado da expressão de cumprimento *Como vai (você)?* pelos aprendizes de nível iniciante e avançado de uma faixa etária jovem em contexto informal. A referida expressão somente foi encontrada nos diálogos de jovens brasileiros, em contextos mais formais, como o da terceira situação. Essa expressão também foi considerada uma interferência da LM dos estrangeiros, já que é um cumprimento comum em espanhol.

Outra consideração interessante que apareceu nos diálogos dos brasileiros durante os cumprimentos foi o uso da expressão *“tá” sumido*, que é uma forma de o enunciador se eximir da culpa de não ter entrado em contato antes, já que o *“tá”*

sumido é sinal de que o receptor desapareceu e não o emissor, que manteve a sua rotina inalterada. Esse tipo de expressão mostrou-se comum entre os brasileiros.

Expressões que manifestam alegria, emoção e satisfação em ver o outro depois de algum tempo também foram encontradas em todos os diálogos, já que o contexto da situação explicitava esse dado. Tal fato está de acordo com o que Goffman (1971) já havia ressaltado, pois o tempo em que as pessoas não se vêem vai interferir na maneira efusiva ou não dos cumprimentos. Quanto maior o tempo sem se ver, mais efusivos e expansivos são os cumprimentos. No entanto, deve-se assinalar que os brasileiros foram muito mais enfáticos e repetitivos com essas expressões que manifestavam o prazer em ver o outro depois de tanto tempo do que os aprendizes estrangeiros, devido ao dado cultural mencionado anteriormente sobre a maior extensão e demora nos cumprimentos e despedidas de brasileiros em relação ao dos hispano-falantes. Contudo, os hispânicos também manifestaram o prazer de ver o interlocutor.

Diferentemente dos cumprimentos, as despedidas têm a função de quebrar o contato sem fazer com que o interlocutor se sinta desconsiderado. Portanto, as despedidas dos brasileiros se mostraram sempre muito longas, empregando ao mesmo tempo várias técnicas para encerrar uma conversação. Apesar de cumprirem com o ritual de fechamento de conversação adequadamente, os aprendizes, tanto de nível iniciante como de nível avançado, tenderam a ser mais breves também na despedida. Assim como nos cumprimentos, considerou-se essa brevidade como uma interferência cultural da LM, pois em espanhol, as despedidas também são mais rápidas que no português do Brasil. Em todos os diálogos dos brasileiros, como forma de despedida, houve a presença de marcação de encontro futuro, sendo, portanto, uma característica do brasileiro dar a esperança de um possível encontro futuro, para não ameaçar a face do outro e, por sua vez, proteger a face do próprio interlocutor, uma vez que as despedidas são um potencial AAF, pois os enunciadores vão ter que se ausentar por certo período de tempo. Essa marcação de encontro futuro é muitas vezes mal interpretada pelo estrangeiro desavisado, que entende literalmente expressões como *te ligo*, *vamos marcar alguma coisa*, ou *a gente se vê*, dentre outras, esperando realmente que o brasileiro ligue ou marque um encontro. Cabe ao professor de PL2E explicar ao estudante estrangeiro que as expressões de despedida por marcação de encontro futuro têm a finalidade de encerrar a conversação, ou seja, possui um valor

semântico de despedida e não de uma obrigação de uma efetiva marcação de um encontro, salvando a própria face.

No entanto, pôde-se notar que em todos os diálogos de brasileiros no contexto entre amigos pelo menos um dos interlocutores sempre sabia onde encontrar o outro, já que trocaram telefones, e-mail, orkut, ou disseram que ainda estavam morando no mesmo lugar e/ou ainda tinham o mesmo número de telefone, pois o contexto era o de dois amigos que gostariam de manter algum vínculo posterior. Sendo assim, não foi empregado um simples ato de fala de despedida de marcação de encontro futuro sem fornecer nenhum dado sobre como os interlocutores iam poder se encontrar de novo, como muitos estrangeiros têm a impressão que os brasileiros fazem. O fechamento por marcação de encontro futuro também foi utilizado em todos os diálogos dos estrangeiros de níveis iniciante e avançado, mas somente as duplas 6 e 7 trocaram o número de telefone, diferentemente do que ocorreu nos diálogos dos brasileiros. Portanto, pode-se dizer que a despedida por marcação de encontro futuro empregada pelos aprendizes não passou de um simples ato de fala de despedida, sem real perspectiva de os amigos voltarem a se encontrar. Esse comportamento nos aprendizes seguramente ocorreu pela crença de que o brasileiro usa essa técnica sem nenhum comprometimento, sem oferecer nenhum tipo de contato para ser encontrado, como uma simples despedida. Porém, vale ressaltar que o contexto da interação é importante e, nesse caso, se passava entre dois amigos. Para os amigos, deve-se, pelo menos, oferecer algum meio de contato, mesmo que não se encontrem efetivamente depois, sendo um AAF não trocar nenhuma espécie de contato com o amigo, como a maioria dos aprendizes fez, pois o interlocutor pode pensar que o outro não quer mais encontrá-lo.

Na segunda situação, mesmo havendo o fator **pressa**, os diálogos dos brasileiros tenderam a ser mais extensos que os da terceira situação, com o chefe, já que a pressa é um AAF do falante e do ouvinte, e os interagentes da segunda situação são amigos. Por causa disso, o enunciador que está com pressa tem dificuldade de encerrar a conversação, pois o brasileiro não sabe lidar muito bem com situações despreferidas nem dizer *não*. Por esse motivo, o co-enunciador reabriu a conversação várias vezes com sucesso e o enunciador, por mais que proferisse sutilmente e indiretamente que tinha pressa, prosseguia na interação por mais tempo. Ao contrário, a maioria dos estrangeiros emitiu abertamente que

estava com pressa depois do ritual de cumprimentos e o co-enunciador às vezes nem conseguiu reabrir a conversação, começando-se assim o ritual de despedidas, logo após os cumprimentos. Comprova-se que, por não terem tanta dificuldade em dizer **não** e em lidar com atos de fala despreferidos como o brasileiro, os estrangeiros transportam essa característica cultural da sua LM para a língua alvo. Também se atribui a esse fato a maior brevidade nos rituais de cumprimentos e despedidas.

As despedidas da terceira situação, assim como os cumprimentos dos brasileiros nesse contexto se mostraram menos extensos, havendo o emprego de algumas expressões diferentes das usadas com os amigos e menos combinações de técnicas de fechamento em seqüência, devido ao fato de não estarem muito tempo sem se ver e de os interagentes possuírem um grau de distanciamento maior, além de uma relação de poder. A diferença de repertório de expressões, não só de despedidas como de cumprimentos, também proporcionou um caráter mais formal e um cuidado no discurso. A forma de tratamento utilizada também foi diferente. O tamanho dos diálogos também tendeu a ser menor. Inclusive, menor que os diálogos da segunda situação, em que havia o fator pressa, porém, tratava-se de um amigo. A menor extensão dos diálogos se deve à falta de assunto entre o chefe e o empregado por não terem uma relação de familiaridade e proximidade. Foi possível constatar certo constrangimento do empregado ao encontrar o chefe. Esses dados observados na terceira situação se comprovaram pelo uso considerável de expressões de função fática de prolongamento de conversação. Os diálogos dessa situação dos estrangeiros também foram menos extensos.

Outro fator relevante encontrado em todos os diálogos de brasileiros no contexto entre amigos, sendo uma forma de saudação muito usual, foi a questão do contato físico, seja por meio de um comportamento não-verbal como **beijos aéreos** ou **abraço** nos cumprimentos e despedidas, seja pela verbalização das expressões de contato físico em despedidas como *beijo* ou *abraço* e variantes. Das onze duplas, cinco trocaram beijos aéreos em cumprimentos e/ou despedidas nos diálogos de contexto informal. O índice não foi maior porque três duplas se compunham somente de interlocutores do sexo masculino. Por sua vez, todas as onze duplas de informantes brasileiros utilizaram a expressão formulaica de despedida *beijo* ou *abraço*. A questão do contato físico em saudações do brasileiro é tão forte que se transpôs para a fala, convertendo-se em uma expressão muito

usual. Cabe ainda ressaltar que o beijo aéreo e a expressão formulaica *beijos* são utilizados entre mulheres ou entre homem e mulher próximos e/ou jovens. Já a expressão *abraço* é um comportamento masculino ou pertencente à interação entre homem e mulher com certo grau de distanciamento entre eles.

Em contrapartida, apenas as duplas 1 e 10 de aprendizes de PL2E utilizaram a expressão *beijo* e apenas a dupla 9 de nível avançado, ao se cumprimentar, trocou beijos aéreos. Devido a esses dados, constata-se que há uma dificuldade na assimilação desse tipo de expressão e/ou comportamento por não ser usual na LM, sendo ratificada essa afirmativa pelas respostas às perguntas 4, 5, 7 e 8 do questionário. Com a falta dessa expressão no ritual de despedidas dos alunos hispânicos, o fechamento da conversação fica mais breve. Outros fatores que também colaboraram com a brevidade desse fechamento foram a falta de pré-fechamentos, como indicador de que a conversa está chegando ao fim, principalmente no nível iniciante, e a falta de várias técnicas de fechamento de conversação seqüenciais. Logo, o ritual de despedida dos estrangeiros apresentou-se realmente bem mais curto que o dos brasileiros, levando a impressão de um término de conversação mais abrupto, queimando etapas do ritual dos brasileiros, podendo ser um AAF por causa dessa objetividade. Deve-se ressaltar que na terceira situação, em que há um grau de distanciamento, não há a utilização desse tipo de expressão de despedida que remete ao contato físico.

Outro dado relevante encontrado no *corpus* é a questão do aumentativo e do diminutivo em expressões de despedidas e de função fática de manutenção de conversação. O aumentativo mostrou-se uma característica do registro masculino: *tranqüilão, abração, amigão*. O diminutivo mostrou-se comum em expressões do registro feminino: *um beijinho, tchauzinho*. O professor de PL2E deve chamar a atenção do seu aluno quanto a essas peculiaridades, já que uma expressão no diminutivo proferida por um homem pode soar afeminada ou infantil, como o caso da dupla 9 de nível avançado, em que na terceira situação, o chefe se despediu da empregada utilizando a expressão *tchauzinho*, soando infantil. Vale ressaltar também que o diminutivo foi encontrado no discurso masculino como um recurso para minimizar o AAF do outro durante a manifestação do fator pressa ou de qualquer outro tipo de AAF. Como exemplos têm-se a dupla 2 - “*Pô*”, *rapaz, é, “tô” com um pouquinho de pressa, né rapaz?; Essa coisa de sair engorda um pouquinho, come mais...; Depois eu vou dar um pulinho lá. Daqui a pouquinho a*

gente vai lá. Deixa eu só.../ Rapidinho. “Tá” com muita pressa mesmo?; a dupla 5 - Você “tá” muito diferente![...] / O cabelo. Caiu um pouquinho; Não, é só uma dúvida só. É rapidinho; e a dupla 10 - Pô”, eu “tô” com um pouquinho de pressa agora, /.../ / Dá um tempinho aí “pra” gente conversar um pouquinho; “Peraí”, rapidinho.

As expressões fáticas que têm por finalidade a função de manter a interação dialogada, sustentando a conversação e testando o canal, foram muito utilizadas pelos brasileiros. Dessa forma, na enunciação do brasileiro, verbalizou-se por meio dessas expressões a atenção dispensada à comunicação, protegendo e salvando a face do outro e a sua própria face. Algumas expressões como *né?; “tá” bom?; hein?; “tá?”; ah é?; pois é; legal; é; então; aí; ah; isso; “tá” bom; que bom; nossa; cara* foram tão usuais que foram empregadas por quase todas as duplas de informantes. Essas expressões foram divididas e analisadas segundo doze categorias. Essas categorias se inseriram em dois grupos: dinâmica da conversação e conteúdo expresso na conversação. No entanto, dependendo da entonação e do sentido dado pelo enunciador à expressão, pode-se classificá-las em outra categoria.

Com relação aos aprendizes, constatou-se que os informantes de nível avançado utilizaram mais expressões de manutenção de interação dialogada que o nível iniciante, por já possuírem um maior domínio sobre a LE e por estarem mais inseridos culturalmente dentro da sociedade carioca. Contudo, o repertório de expressões utilizadas por brasileiros foi muito superior que o repertório dos estudantes estrangeiros. Além disso, ainda se percebeu nos aprendizes o uso de algumas expressões de função fática da LM nos diálogos e a inadequação de expressão como *cara* usada na terceira situação, onde o contexto era mais formal. Pelo reduzido emprego dessas expressões no discurso dos aprendizes em comparação ao uso exacerbado dos brasileiros, percebe-se a carência da verbalização da atenção dispensada ao outro pelos estrangeiros no português brasileiro. Os próprios aprendizes sentem falta dessas expressões no próprio discurso, conforme resposta 6 do questionário. No entanto, essas expressões somente são adquiridas e assimiladas na língua alvo com o tempo e com a prática.

Constata-se também que houve um maior uso de estruturas de manutenção de interação dialogada na terceira situação dos brasileiros pelo fato de os interlocutores não serem próximos e, por isso, não haver muito conteúdo de

conversaço. Essas expressões, nesse contexto, serviram para tentar manter aberto o canal de uma conversaço que tendeu a ser curta pela falta de assunto. A interaço entre o empregado e o patrão, nessa situaço, mostrou-se um simples ato de polidez, ou seja, uma garantia de uma passagem segura por este ato social de encontro, pois os interlocutores não têm uma relaço de tanta proximidade. Diferentemente, no comportamento dos interlocutores nas duas outras situaço há o prazer na companhia um com o outro. Portanto, o professor de PL2E deve levar ao conhecimento de seus alunos essas fórmulas de manutenço de conversaço, para que o estrangeiro possa entender o seu significado lingüístico e cultural. Com isso, os aprendizes podem, além de seguir na conversaço sem mal-entendido, empregar essa funço fática no seu discurso, proporcionando mais naturalidade à fala.

Comprovou-se, portanto, que fatores envolvendo o contexto situacional como: faixa etária; sexo; tempo em que estão ou vão ficar sem se falar; grau de proximidade e distanciamento entre os participantes; e circunstâncias de encontro influenciam nos rituais de cumprimentos, despedidas e sustentaço de conversaço, pois os brasileiros empregaram expressões formulaicas diferentes dependendo de algum desses fatores. A seguir têm-se alguns exemplos. São expressões de cumprimento típicas de homens jovens com certo grau de proximidade e um contexto informal: *Opa; beleza?; E aí?; (Tudo) tranqüilo?; tranqüilão; fala*. São expressões de despedida femininas com certo grau de proximidade e um contexto informal: *um beijinho, beijinhos*. São expressões de despedida masculinas e de jovens com certo grau de proximidade e um contexto informal: *Beleza, falou, valeu, abraço*. Como expressões de manutenço de conversaço, categoria apelativo, masculinas e de jovens com certo grau de proximidade e um contexto informal tem-se: *cara, rapaz, (meu) irmão, amigo*. Com relaço a expressões de manutenço de conversaço, categoria apelativo, feminina foram encontradas: *menino (a); gente*. As expressões de cumprimento que demonstram maior distanciamento são: *como vai (o senhor)? tudo bem com a senhora?* Já as expressões de despedida que demonstram maior distanciamento são: *Bom dia; bom fim de semana “pra” senhora, bom domingo “pro” senhor; lembranças à família, prazer em vê-lo*. Por fim, as expressões que demonstram tempo em que estão ou vão ficar sem se falar são: *Quanto tempo; “tá” sumido; Que saudade!; me dá uma ligadinha depois; a gente se encontra aí; não some*

não; me procura lá; a gente conversa, né?; não se perca; depois a gente se fala; me liga.

Os aprendizes estrangeiros de nível iniciante e principalmente de nível avançado, por estarem em imersão, em geral, salvo algumas interferências da LM já mencionadas, também se adequaram ao contexto em relação ao uso de expressões segundo os fatores faixa etária, sexo e tempo em que estão ou vão ficar sem se falar, havendo algumas limitações com relação à pouca diversidade no repertório lingüístico em comparação aos brasileiros. Quanto ao fator grau de distanciamento, pode-se afirmar que, com relação ao uso de expressões de cumprimentos e despedidas, os aprendizes souberam se adequar ao contexto. No entanto, com relação à forma de tratamento empregada nessa situação, não souberam se adequar, seja pela falta de experiência nessa situação, seja pela crença de que os brasileiros são sempre informais em qualquer contexto.

Ainda com relação à distância social e poder, a análise da terceira situação mostrou que esse fator interferiu no modo de se cumprimentar, de se despedir, na forma de tratamento usada, no tipo de expressão de manutenção de conversação empregada e na própria extensão dos diálogos. Com relação à falta de adequação dos aprendizes hispano-falantes ao grau de distanciamento do contexto da terceira situação, deve-se ao fato de apenas as duplas 7 e 9 (nível avançado) terem sabido manter a forma de tratamento adequada, sem misturar o vocativo *senhor* com o sujeito ou complemento *você*. Essa inadequação e desvio à norma da forma de tratamento na terceira situação ocorreram pelo fato de os aprendizes estrangeiros não saberem comportar-se nesse tipo de situação que não é a mesma da sala de aula, em que o tratamento *senhor(a)* não é usado em nenhuma direção, nem do aluno para o professor, nem do professor para o aluno. No máximo ocorre o uso do **título** *professor(a)* com ou sem PrN + *você*.

Portanto, os alunos de PL2E tanto no nível iniciante como no nível avançado, em geral, mostraram não saber dominar esse tipo de registro, sinalizando uma falta de competência comunicativa no seu uso. Também não transferiram de sua LM o tipo de registro usado nesse contexto, que seria o formal. Acredita-se que os estrangeiros pensem que o brasileiro é sempre informal em qualquer situação, conforme as respostas 1, 3, 4 e 5 do questionário, e, por isso, agiria em um contexto de distanciamento usando uma forma de tratamento informal. Essa mostrou ser uma visão deturpada da realidade, já que se verificou

na análise da forma de tratamento dos brasileiros nesse contexto que o tratamento utilizado para o chefe transita entre o formal (4 duplas), o semiformal (4 duplas), e o semi-informal (3 duplas). Logo, não se usa um registro informal, mantendo-se certo distanciamento por causa de uma relação de poder e uma falta de proximidade na relação. Por mais coloquial e informal que seja o diálogo como nas duplas 8, 10 e 11, estava sempre presente um elemento que impunha certa distância como um **título** como *doutor e chefe*, mesmo que sem PrN ou SbN.

Para tanto, de acordo com a análise dos dados dos brasileiros, comprova-se que realmente o brasileiro tende a ser mais informal no trato com o interlocutor, mas não totalmente informal em qualquer situação, marcando certo grau de distanciamento em situações onde não haja tanta proximidade. Os aprendizes estrangeiros confundem o fato de o brasileiro ter um comportamento mais informal que o deles, com ter um registro de fala coloquial/informal em qualquer situação. Realmente, como comprovado na análise dos dados dos brasileiros, a relação empregado/chefe pode não ser tão formal quanto à relação de um empregado e chefe hispânicos, mas há certo distanciamento percebido pelo uso de certas expressões de cumprimentos, despedidas, forma de tratamento, expressões de manutenção de conversação e/ou certo cuidado na fala.

Já a forma de tratamento empregada pelos interlocutores brasileiros nas situações em que o contexto se passava entre amigos foi: *você*; *tu* conjugado com a terceira pessoa; e *você* com complemento *te*, típico da fala do carioca, ou seja, o registro de fala empregado foi o informal. Em um mesmo diálogo muitas vezes houve alternância do uso de *você* e *tu* + terceira pessoa. O uso do *tu* não pôde ser vinculado à pouca instrução dos informantes, uma vez que todos possuem nível superior completo; esse fato se deve à faixa etária jovem dos informantes. Além disso, todos os informantes que empregam a forma de tratamento *tu* usam antes a forma *você*, alternando, durante o diálogo, os dois tratamentos. Nesse contexto, a forma *tu* demonstrou maior familiaridade, intimidade, informalidade e coloquialismo, ou seja, uma forma de aproximação, devido à relação afetiva dos enunciantes.

Quanto ao uso de *você* + *te* complemento, foi empregado por praticamente todos os informantes brasileiros nas duas primeiras situações, demonstrando um uso arraigado na fala do carioca. O uso de possessivos alternou entre o *seu/sua* e o *teu/tua*, já que, quando o enunciador empregava a forma *você*, geralmente usava

seu/sua e quando utilizava a forma *tu* empregava *teu/tua*. Em alguns casos, houve oscilação, pois, mesmo usando *você*, foi utilizada a forma *teu/tua*. Todos os informantes se trataram pelo PrN e muitos utilizaram apelativos como *cara*, *rapaz*, *amigão*, *irmão*, *companheiro* (sexo masculino); *menino(a)*, *gente* (sexo feminino), demonstrando intimidade, proximidade e familiaridade. A forma de tratamento do chefe para o empregado também seguiu esse mesmo padrão de informalidade.

No entanto, os aprendizes de PL2E iniciantes e avançados, apesar de usarem adequadamente o registro informal nas duas primeiras situações, utilizando o PrN e, inclusive, alguns apelativos como *cara* e *meu irmão*, praticamente não utilizaram a forma *você + te* complemento. Apenas as duplas 7 e 10 de nível avançado utilizaram esse tratamento que se mostrou ser o mais usual nos diálogos dos cariocas. As demais duplas empregaram *você* como sujeito e como complemento, produzindo, muitas vezes sentenças não muito usuais (cf 4.2.4 e 4.2.4). Com relação ao uso do *tu + terceira pessoa*, também não foi encontrada nenhuma mostra nos diálogos dos informantes estrangeiros. Portanto, ainda pôde-se constatar certa falta de familiaridade e habilidade dos alunos hispânicos com o uso das formas de tratamento informais mais usuais, apesar de esses alunos estarem em imersão e expostos à fala de brasileiros. Não se acredita que um aluno de nível avançado, por exemplo, em imersão ainda não tenha tido uma explicação adequada com relação às formas de tratamento usadas na fala do carioca: *você + te* ou *tu + terceira pessoa*. Portanto, atribui-se essa falta de uso à interferência da LM, em que não se misturam os tratamentos de segunda com terceira pessoas gramaticais.

Após essas considerações finais da análise de dados comprova-se que, realmente, a interferência do espanhol LM no PL2E dos aprendizes hispanofalantes em estruturas de abertura, fechamento e manutenção de conversação diminuiu nos alunos de nível avançado. Além disso, constata-se que essa interferência da língua materna na língua alvo diminui mais rapidamente no nível lingüístico-estrutural que no nível interacional-cultural, já que despir-se do etnocentrismo e aprender a olhar outra cultura sem crítica negativa, assimilando-a, é mais difícil que internalizar apenas estruturas lingüísticas. No entanto, sabe-se que ao aprender uma língua estrangeira não basta a memorização de estruturas sintáticas e vocabulário, pois também se deve aprender a interagir e a se

comportar como esperado por meio da linguagem. Com esse passo, o aprendiz de PL2E pode se integrar melhor à cultura e à sociedade da língua alvo, convivendo em harmonia.